



ALFAGUARA

IAN
FLEMING
VIVA E DEIXE MORRER

007



007



IAN FLEMING



VIVA E DEIXE MORRER

TRADUÇÃO
ROBERTO GREY

ALFAGUARA


ALFAGUARA

Copyright © Ian Fleming Publications Limited, 1954

The moral rights of the author have been asserted

Os direitos morais do autor foram assegurados

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Objetiva Ltda.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

James Bond and 007 are the registered trade mark of Danjaq LLC, used under licence by Ian Fleming Publications Limited. All rights reserved.

James Bond e 007 são marcas registradas de Danjaq LLC, usados mediante autorização de Ian Fleming Publications Limited.

Todos os direitos reservados.

www.ianfleming.com

Título original

Live and Let Die

Capa

Retina_78

Foto do autor

Latinstock/Harry Benson/Corbis

Revisão

Joana Milli

Tamara Sender

Cristiane Pacanowski

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.



PRISA EDIÇÕES

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F628v

Fleming, Ian

Viva e deixe morrer [recurso eletrônico] / Ian Fleming ; tradução Roberto Grey. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

203 p., recurso digital

Tradução de: *Live and let die*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7962-235-9 (recurso eletrônico)

1. Bond, James (Personagem fictício) - Ficção. 2. Ficção inglesa. 3. Livros eletrônicos. I. Grey, Roberto. II. Título.

13-01559 CDD: 823

CDU: 821.111-3



SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Foto do Autor](#)

[1. O TAPETE VERMELHO](#)

[2. ENTREVISTA COM M](#)

[3. UM CARTÃO DE VISITAS](#)

[4. A GRANDE MESA TELEFÔNICA](#)

[5. NIGGER HEAVEN](#)

[6. A MESA Z](#)

[7. MISTER BIG](#)

[8. NENHUM “SENSUDIUMÔ”](#)

[9. VERDADEIRO OU FALSO](#)

[10. O FANTASMA DE PRATA](#)

[11. ALLUMEUSE](#)

[12. EVERGLADES](#)

[13. A MORTE DE UM PELICANO](#)

[14. “ELE PASSOU MAL COM ALGO QUE O COMEU”](#)

[15. MEIA-NOITE ENTRE AS MINHOCAS](#)

[16. O LADO JAMAICANO](#)

[17. O VENTO PAPA-DEFUNTO](#)

[18. BEAU DESERT](#)

[19. O VALE DAS SOMBRAS](#)

[20. A CAVERNA DE MORGAN, O SANGUINÁRIO](#)

[21. “BOA NOITE A AMBOS”](#)

[22. TERROR NO MAR](#)

23. LICENÇA PAIXÃO

1.

O TAPETE VERMELHO

Há situações na vida do agente secreto que o levam a conviver com o mundo do alto luxo. Em certas missões precisa adotar o estilo de vida dos muito ricos; a “boa vida” se torna, em determinadas circunstâncias, um refúgio contra a recordação do perigo e do fantasma da morte; e existem ocasiões, como agora, em que lhe é dado gozar da generosa hospitalidade de um serviço secreto aliado.

Desde que o Stratocruiser da BOAC taxiou até o terminal internacional do aeroporto de Idlewild, James Bond recebeu tratamento de um rei.

Ao desembarcar do avião com os demais passageiros, já se resignara a enfrentar o famigerado purgatório da máquina da imigração e da alfândega americana. Pelo menos uma hora, previu, dentro das salas verde-claras, superaquecidas, com cheiro de ar viciado e suor azedo, de transgressão e medo que todos os postos de fronteira transmitem, medo das portas fechadas, com tabuletas de PRIVATIVO, que escondem gente sorrateira, arquivos, teletipos em tagarelice instantânea com o departamento de narcóticos, a contraespionagem, o Tesouro, o FBI.

Ao caminhar pelo asfalto no vento cortante de janeiro, anteviu seu próprio nome passando pela rede: BOND, JAMES, PASSAPORTE DIPLOMÁTICO BRITÂNICO 0094567. A pequena espera e as respostas chegando através dos vários teletipos: NEGATIVO, NEGATIVO, NEGATIVO. E depois, do FBI: POSITIVO ESPERE VERIFICAÇÃO. Uma rápida mensagem entre o FBI e a CIA, e a seguir: FBI A IDLEWILD: BOND OK OK, e o funcionário gentil à sua frente devolvendo o passaporte com um “espero que goste de sua estada, senhor Bond”.

Bond deu de ombros e seguiu os outros passageiros através do aramado em direção a uma porta com uma tabuleta: SERVIÇO DE SAÚDE DOS EUA.

No seu caso, não passava de uma rotina entediante, é claro, mas não gostava da ideia de ver o seu dossiê nas mãos de uma potência estrangeira. O anonimato era a ferramenta principal de seu trabalho. Qualquer traço de sua verdadeira identidade registrado em algum arquivo comprometia sua

eficiência e constituía, em última instância, uma ameaça à sua integridade. Ali na América, onde sabiam tudo sobre ele, sentia-se como um negro despido de sua sombra por algum feitiço. Uma parte vital dele mesmo se encontrava penhorada nas mãos de outros. De amigos, é claro, mas ainda assim...

“Senhor. Bond?”

Um sujeito simpático, de aspecto comum, vestido à paisana, surgiu da sombra do prédio do serviço de saúde.

“Meu nome é Halloran. Prazer em conhecê-lo!”

Trocaram um aperto de mãos.

“Espero que tenha feito boa viagem. Por favor, siga-me.”

Virou-se para o policial encarregado do andar.

“Tudo bem, sargento.”

“Tudo bem, sr. Halloran. Até breve.”

Os demais passageiros tinham entrado. Halloran virou à esquerda, afastando-se do prédio. Outro policial manteve aberto um pequeno portão na cerca alta da divisória.

“Até logo, sr. Halloran.”

“Até logo, obrigado.”

Um Buick preto esperava bem em frente, do lado de fora, com o motor suspirando baixinho. Entraram. As duas valises leves de Bond ficaram na frente, ao lado do motorista. Não sabia como haviam conseguido tirá-las tão rápido do monte de bagagem dos passageiros que ele vira, poucos minutos antes, quando se dirigia à alfândega.

“Está bem, Grady. Vamos.”

Bond se recostou confortavelmente quando a grande limusine arrancou, trocando as marchas automaticamente até chegar à mais alta.

Virou-se para Halloran.

“Olha, foi o maior tapete vermelho que já vi. Esperava levar pelo menos uma hora para passar pela imigração. Quem organizou isso tudo? Não estou acostumado a tratamentos VIP deste tipo. De qualquer maneira, muito obrigado pela sua participação.”

“De nada, senhor Bond.” Halloran sorriu e ofereceu-lhe um cigarro de um maço recém-aberto de Luckies. “Queremos que se sinta bem. Se precisar

de alguma coisa, basta dizer. O senhor tem bons amigos em Washington. Eu mesmo não sei por que está aqui, mas parece que as autoridades fazem questão de tratá-lo como um convidado especial do governo. Meu serviço é levá-lo ao seu hotel da maneira mais rápida e confortável possível, depois ceder o meu lugar a outro e ir embora. O senhor pode me dar o seu passaporte por um instante, por favor?”

Bond entregou-o. Halloran abriu uma pasta no assento ao seu lado, de onde tirou um carimbo metálico pesado. Virou as páginas do passaporte de Bond até chegar ao visto dos EUA, carimbou-o e rabiscou sua assinatura sobre o círculo azul-escuro do timbre do Departamento de Justiça, devolvendo-o. Em seguida tirou sua carteira grande, de onde sacou um envelope branco e recheado, que entregou a Bond.

“Há mil dólares aí, sr. Bond.” Levantou a mão quando Bond começou a falar. “É dinheiro comunista que apreendemos no arrastão do caso Schmidt-Kinaski. Usamos contra eles e pedimos a sua cooperação, empregando-o como quiser no seu trabalho atual. Disseram-me que uma recusa sua seria tida como um ato dos mais inamistosos. Por favor, não falemos mais nisso”, acrescentou, enquanto Bond continuava segurando o envelope, hesitante. “Devo dizer-lhe que a entrega deste dinheiro ao senhor conta com a aprovação do seu próprio chefe.”

Bond olhou-o atentamente, e então sorriu. Guardou o envelope na carteira.

“Está bem”, disse. “Obrigado. Tentarei gastá-lo da maneira mais belicosa possível. Que bom ter algum capital de trabalho. E é uma beleza saber que foi fornecido pela oposição.”

“Ótimo”, respondeu Halloran, “se me permite, vou fazer as anotações para o relatório que terei de entregar. Não devo me esquecer de mandar as cartas de agradecimento para a imigração, alfândega e assim por diante, pela sua cooperação. Rotina.”

“Vá lá”, disse Bond. Alegrou-se de poder ficar em silêncio, apreciando o seu primeiro olhar sobre a América do pós-guerra. Não seria perda de tempo readquirir a familiaridade com o idioma americano: os anúncios, os novos modelos de automóveis e os preços dos carros de segunda mão nas lojas de usados; a marcante estranheza das placas da estrada: LOMBADAS ACENTUADAS — CURVAS APERTADAS — SIGA ADIANTE — TRECHO ESCORREGADIO; as características dos motoristas; a quantidade de mulheres ao volante, com seus maridos docilmente no banco do carona; as roupas masculinas; os tipos de penteado

das mulheres; os avisos da Defesa Civil: EM CASO DE ATAQUE INIMIGO — MANTENHAM-SE EM MOVIMENTO — EVITEM AS PONTES; a epidemia das antenas de televisão e o impacto da TV nos cartazes e nas vitrines; o helicóptero ocasional; as campanhas públicas de doações para o câncer e a paralisia infantil: A MARCHA DOS CENTAVOS — todas aquelas pequenas impressões fugidias, tão importantes para o seu trabalho quanto os sinais nas cascas das árvores e os arbustos quebrados para o caçador na floresta.

O motorista preferiu pegar a ponte de Triborough, passando por aquele vão de tirar o fôlego que desembocava no centro de Manhattan, vendo o belo panorama de Nova York se aproximar rápido, até se encontrarem no meio das buzinas, do cheiro de gasolina, das raízes fervilhantes da floresta de concreto armado.

Bond virou-se para o seu acompanhante.

“Detesto ser obrigado a dizer”, confessou, “mas este deve ser o maior alvo do mundo para uma bomba atômica.”

“Sem comparação”, concordou Halloran. “Fico muitas noites acordado só de pensar no que aconteceria.”

Estacionaram no melhor hotel de Nova York, o St. Regis, na esquina da Quinta Avenida com a 55th Street. Um sujeito melancólico de meia-idade, chapéu de feltro e casaco azul-escuro se adiantou atrás do porteiro uniformizado. Halloran apresentou-o na calçada.

“Senhor Bond, este é o Capitão Dexter.” Depois perguntou cerimoniosamente ao capitão: “Posso entregá-lo agora ao senhor?”

“Com certeza, com certeza. Mande apenas sua bagagem para o quarto 2.100. Cobertura. Vou na frente com o senhor Bond para ver se ele tem tudo de que precisa.”

Bond virou-se para agradecer e se despedir de Halloran. Quando este lhe deu as costas por um instante para falar alguma coisa sobre a bagagem com o porteiro, Bond ficou com uma visão livre da 55th Street. Seus olhos se estreitaram. Um sedan preto, Chevrolet, saiu abruptamente do meio-fio, obrigando um táxi pintado de xadrez a uma violenta freada. O sedã seguiu em frente, pegou o finalzinho do sinal verde e desapareceu pela Quinta Avenida, rumo ao norte.

Uma manobra ágil e arriscada. Mas o que deixou Bond espantado foi ver uma negra ao volante, uma negra bonita em um uniforme preto de motorista. Conseguiu ver o único passageiro de relance pela janela traseira — um

enorme rosto preto acinzentado que se virou lentamente para ele, devolvendo o seu olhar, à medida que o carro acelerava para embicar na avenida.

Bond apertou a mão de Halloran. Dexter tocou seu cotovelo com impaciência.

“Vamos passar direto pelo saguão até os elevadores. São mais à direita. Por favor, mantenha o chapéu na cabeça, sr. Bond.”

Ao seguir Dexter escada acima, Bond calculou que já era provavelmente tarde demais para essas precauções. No mundo inteiro, dificilmente se via uma negra ao volante. No papel de motorista, então, era mais extraordinário ainda. No próprio Harlem, de onde certamente viera o carro, seria inconcebível.

E a figura gigantesca no banco traseiro? Aquele rosto negro acinzentado? Mister Big?

“Hmm”, disse Bond consigo mesmo, enquanto seguia atrás das costas esguias do Capitão Dexter elevador adentro.

Este diminuiu de velocidade ao chegar ao vigésimo primeiro andar.

“Temos uma pequena surpresa para o senhor”, disse o Capitão Dexter, sem demonstrar grande ânimo, julgou Bond.

Seguiram o corredor até o quarto do canto.

O vento gemia do lado de fora das janelas do corredor e Bond teve uma visão fugidia do topo de outros arranha-céus e, além, dos dedos rígidos das árvores do Central Park. Sentiu-se muito fora de contato com a terra e por um instante dominou-o uma estranha e aguda sensação de isolamento e vazio.

Dexter abriu a porta do nº 2.100 e fechou-a depois de entrarem. Estavam em um pequeno vestíbulo iluminado. Deixaram seus casacos e chapéus em uma cadeira e Dexter abriu a porta em frente para Bond.

Passaram para uma atraente sala de estar decorada em estilo “império” da Terceira Avenida — poltronas confortáveis e um largo sofá de seda amarelo-claro; uma cópia razoável de um Aubusson no assoalho; teto e paredes cinza-claro; um console francês com garrafas, copos, um balde de gelo cromado; e uma grande janela que deixava entrar o sol de inverno, empinado em um céu claro da Suíça. Aquecimento central no limite do tolerável.

A porta de comunicação com o quarto se abriu.

“Arrumei as flores ao lado de sua cama. Faz parte do ‘serviço com um sorriso’ da CIA.” O homem esguio e alto se adiantou, com um largo sorriso e

a mão estendida, até onde estava Bond, imóvel de espanto.

“Felix Leiter! Que diabo está fazendo aqui?” Bond agarrou e apertou sua mão calorosamente. “Aliás, que diabo está fazendo no meu quarto? Meu Deus, que bom ver você! Por que não está em Paris? Não me diga que o indicaram para esta missão?”

Leiter estudou o inglês afetuosamente.

“Pois você acertou. Foi exatamente o que fizeram. Que alívio! Pelo menos para mim, é. A CIA achou que funcionamos bem em conjunto no caso do Cassino,¹ por isso me tirou da Inteligência Conjunta em Paris, me fez passar pelas instruções em Washington, e aqui estou eu. Sou uma espécie de elemento de ligação entre a CIA e nossos amigos do FBI.” Fez um gesto em direção ao Capitão Dexter, que observava toda aquela exuberância antiprofissional sem grande entusiasmo. “O caso é deles, claro, pelo menos o lado americano, mas, como sabe, existem vários problemas no exterior que são do domínio da CIA, por isso vamos trabalhar em conjunto. Você está aqui para cobrir o lado jamaicano para os ingleses, e agora a equipe está completa. O que acha? Sente-se e vamos tomar um drinque. Pedi o almoço assim que soube que você estava lá embaixo. Deve estar chegando.”

Leiter foi até o console e começou a preparar um martíni.

“Puxa, que surpresa”, falou Bond. “É óbvio que o velho demônio do M nunca me contou nada. Só me transmite os fatos crus. Jamais dá qualquer boa notícia. Talvez ache que assim pode influenciar a decisão da gente na hora de aceitar ou não uma tarefa. De qualquer maneira, que coisa boa.”

De repente Bond notou o silêncio do Capitão Dexter. Virou-se para ele.

“Estou muito contente em servir sob as suas ordens, capitão”, disse, diplomaticamente. “Pelo que percebo este caso está dividido em dois. A primeira parte se passa totalmente em território americano. Na sua jurisdição. Em seguida se desdobra até o Caribe, na Jamaica. E fora das águas territoriais americanas, a responsabilidade é minha. Felix deve fazer a ligação entre as duas metades, no interesse do seu governo. Deverei me reportar a Londres, através da CIA, enquanto estiver aqui, e diretamente a Londres, mantendo a CIA informada, quando for para o Caribe. É assim que o senhor vê a coisa?”

Dexter deu um sorriso rarefeito. “Praticamente é isso, senhor Bond. O senhor Hoover mandou que eu lhe transmitisse a satisfação dele com a sua presença. Como convidado nosso”, acrescentou. “Naturalmente não nos envolvemos com a parte britânica deste caso, e estamos satisfeitos que a CIA fique encarregada de se entrosar com o senhor e sua gente em Londres. Acho

que tudo correrá bem. À nossa sorte”, e ele ergueu o coquetel que Leiter pusera na sua mão.

Beberam com prazer o drinque gelado e forte, Leiter com uma expressão interrogativa no seu rosto de falcão.

Bateram na porta. Leiter abriu-a, deixando entrar o mensageiro com as valises de Bond. Chegaram a seguir dois garçons empurrando carrinhos abarrotados de travessas cobertas, talheres e guardanapos brancos como neve, que passaram a arrumar na mesa desmontável.

“Caranguejos de casco mole com *sauce tartare*, hambúrgueres ao ponto, grelhados na brasa, batatas fritas, brócolis, salada mista com *sauce rémoulade*, sorvete com molho de caramelo amanteigado e o melhor Liebfraumilch que se pode obter na América. Está bem?”

“Parece ótimo”, disse Bond, fazendo uma ressalva mental sobre o caramelo amanteigado derretido.

Sentaram-se e comeram com apetite cada prato delicioso do que melhor havia na cozinha americana.

Falaram pouco, e foi só depois do café e de os garçons terem recolhido os pratos que o Capitão Dexter tirou o charuto caro da boca e deu um pigarro decidido.

“Senhor Bond”, falou, “poderia agora nos contar o que sabe deste caso?”

Bond abriu um maço fechado de Chesterfield King Size com a unha do polegar e, enquanto se acomodava na poltrona confortável da sala luxuosa e aquecida, sua mente recuou duas semanas até o dia amargo e frio do início de janeiro, quando deixara seu apartamento em Chelsea, no meio do triste lusco-fusco do nevoeiro londrino.

¹ Este caso terrível referente ao jogo foi descrito pelo autor em *Cassino Royale*.

2.

ENTREVISTA COM M

O Bentley conversível cinza, modelo 1933, de 4,5 litros com o supercompressor Amherst-Villiers, havia sido trazido alguns minutos antes da garagem onde ficava guardado, e o motor pegara de imediato. Ele acendera as duas lanternas de neblina e rodara com cuidado pela King's Road e depois pela Sloane Street, até entrar em Hyde Park.

O chefe de gabinete de M telefonara à meia-noite para dizer que M queria ver Bond às nove horas da manhã seguinte. “Uma hora meio cedo do dia”, desculpara-se, “mas parece que ele deseja ver alguma ação. Há semanas que anda meio meditativo. Acho que finalmente se decidiu.”

“Há algum indício que você possa me dar por telefone?”

“A de Alpha e C de Charlie”, disse o chefe de gabinete, e desligou.

Era um indício de que o caso se referia às estações A e C, setores do serviço secreto que se ocupavam respectivamente dos Estados Unidos e do Caribe. Bond trabalhara algum tempo durante a guerra na estação A, mas pouco conhecia a estação C e seus problemas.

Enquanto avançava devagar por Hyde Park, colado ao meio-fio, com o lento ronco de seu escape de cinco centímetros a lhe fazer companhia, sentiu-se animado com a perspectiva de sua entrevista com M, esse homem notável que era então, e é ainda, chefe do serviço secreto. Não fitava seus olhos frios e astuciosos desde o fim do verão. Naquela ocasião M estava satisfeito.

“Tire uma licença”, dissera. “Uma licença grande. Depois faça um transplante de pele nas costas dessa mão. ‘Q’ lhe indicará o sujeito mais recomendado e marcará o dia. Não fica bem você andar por aí com essa logomarca russa. Verei se consigo arranjar um bom alvo para você, depois de curado. Boa sorte.”

Dera um jeito indolor, porém lento, na mão. As cicatrizes finas, a letra russa singular para SCH, a letra inicial de *Spion* (espião) haviam sido removidas. E, ao pensar no homem que as recortara com o estilete, Bond

apertara o volante com força.

O que estava acontecendo com essa organização brilhante, que tinha como agente o sujeito do estilete, a organização soviética de vingança, SMERSH, contração de *Smiert Spionam* — Morte aos espiões? Ainda era tão poderosa e eficiente? Quem a controlava agora que Beria estava morto? Depois do caso importante em que se envolvera em Royale-les-Eaux, Bond jurara se vingar. Dissera-o a M na última entrevista. Este encontro com M iria lançá-lo no caminho da vingança?

Os olhos de Bond se estreitaram ao fixar a penumbra de Regent's Park e, à luz do painel, seu semblante era duro e cruel.

Estacionou na ruela atrás do prédio alto e sombrio, entregou as chaves a um funcionário à paisana do “clube” e deu a volta até a entrada principal. Subiu de elevador até o último andar e desceu o corredor forrado de um grosso tapete que conhecia tão bem, até a porta ao lado da de M. O chefe de gabinete estava esperando por ele e falou com M imediatamente no interfone.

“007 está aqui, senhor.”

“Mande-o entrar.”

A desejável srta. Moneypenny, a secretária todo-poderosa de M, lhe deu um sorriso de encorajamento quando ele entrou pela porta dupla. A luz verde se acendeu imediatamente, bem em cima da parede da sala que ele acabara de deixar, indicando que M não deveria ser perturbado enquanto estivesse acesa.

Uma lâmpada de leitura com um abajur de vidro verde lançava uma mancha luminosa sobre o tampo de couro vermelho da escrivaninha larga. O resto da sala estava imerso na escuridão do nevoeiro do lado de fora das janelas.

“Bom dia, 007. Vamos dar uma olhada nessa mão. O serviço não foi malfeito. De onde tiraram a pele?”

“Da parte de cima do antebraço.”

“Hmm... Vão nascer cabelos grossos demais. Tortos também. No entanto, não há como evitar. Parece que ficou bom, por enquanto. Sente-se.”

Bond deu a volta até a única poltrona que ficava de frente para M, na escrivaninha. Os olhos cinzentos olharam para ele, e através dele.

“Descansou bem?”

“Sim, obrigado.”

“Já viu uma dessas?” M tirou abruptamente algo do bolso do colete. Jogou-o para Bond por cima da escrivaninha. Caiu com um tilintar em cima do couro vermelho e lá ficou, brilhando intensamente, uma moeda de ouro de dois centímetros e meio de diâmetro, forjada a martelo.

Bond pegou-a, virou-a, pesou-a na mão.

“Não, senhor. Vale umas cinco libras, talvez.”

“Quinze para um colecionador. É uma Rose Noble de Eduardo IV.”

M enfiou a mão de novo no colete e atirou mais umas moedas de ouro magníficas em cima da mesa, diante de Bond. Ao fazê-lo, olhava-as, identificando cada uma.

“Excelente, espanhol, Fernando e Isabela, 1510; Ecu au Soleil, francesa, Carlos IX; Double Ecu d’or, francesa, Henrique IV, 1600; Ducat Duplo, espanhola, Felipe II, 1560; Ryder, holandesa, Carlos d’Egmond, 1538; Quadruple, Genoa, 1617; Double Louis à la mèche courte, francesa, Luís XIV, 1644. Valem muito dinheiro derretidas. Muito mais para os colecionadores, dez a vinte libras cada uma. Notou algo em comum a todas elas?

Bond refletiu. “Não, senhor.”

“Todas cunhadas antes de 1650. O pirata Morgan, o Sanguinário, era o governador e comandante em chefe da Jamaica, de 1675 a 1688. A moeda inglesa é o trunfo na manga. Provavelmente foi enviada para pagar a guarnição da Jamaica. Se não fosse por isso e pelas datas, essas moedas poderiam ser oriundas de qualquer tesouro acumulado pelos grandes piratas — L’Ollonais, Pierre Le Grand, Sharp, Sawkins, Barba Negra. Mas considerando estas circunstâncias, tanto Spinks quanto o Museu Britânico concordam que elas fazem certamente parte do tesouro de Morgan, o Sanguinário.”

M fez uma pausa para encher e acender o cachimbo. Não sugeriu que Bond fumasse e este não pensaria em fazê-lo sem licença.

“E deve ser o diabo de um tesouro. Até agora milhares destas moedas e outras semelhantes apareceram nos Estados Unidos nos últimos meses. E se o departamento especial do Tesouro e o FBI rastrearam mil, quantas mais não devem ter sido derretidas e vendidas para coleções particulares? E elas não param de aparecer, nos bancos, nas mãos dos comerciantes de ouro e prata maciços, em lojas de curiosidades, mas na maioria em lojas de penhores, claro. O FBI está em um dilema. Se as colocarem nos avisos policiais de

objetos roubados, a fonte irá secar. Serão derretidas, convertidas em barras de ouro e irão diretamente para o mercado negro. O valor de raridade das moedas seria sacrificado, porém o ouro não deixaria vestígios na ilegalidade. Mas, do modo como acontece, há alguém utilizando os negros — porteiros, atendentes de vagões-dormitórios, motoristas de caminhões — para espalhar bem as moedas pelos Estados Unidos. Gente inocente mesmo. Eis um caso típico.” M abriu uma pasta marrom com a estrela vermelha que significava “altamente confidencial” e escolheu uma única folha de papel. Quando a ergueu, Bond pôde ver pelo reverso o cabeçalho gravado: “Departamento de Justiça. Federal Bureau of Investigations”. M leu o conteúdo do documento:

“Smith, 35, negro, membro da associação de porteiros dos vagões-dormitórios, residente em 90b West 126th Street, cidade de Nova York.” (M levantou os olhos: “Harlem”, disse.) “O indivíduo foi identificado por Arthur Fein, da Fein Jewels Inc., 870 Lenox Avenue, como tendo lhe oferecido para vender quatro moedas de ouro dos séculos dezesseis e dezessete (detalhes anexos). Fein ofereceu cem dólares, que foram aceitos. Em interrogatório posterior, Smith disse que elas lhe foram vendidas no Seventh Heaven Bar-B-Q (famoso bar do Harlem), a vinte dólares cada uma, por um negro que ele nunca vira antes. O vendedor disse que valiam cinquenta dólares cada uma, na Tiffany’s, mas que ele, o vendedor, precisava de dinheiro naquele instante e a Tiffany’s era demasiado longe. Smith comprou uma por vinte dólares e, depois de descobrir que uma loja de penhores da vizinhança oferecia vinte e cinco dólares por ela, voltou ao bar e comprou as três restantes por sessenta dólares. Na manhã seguinte levou-as à Fein’s. O indivíduo tem ficha limpa.”

M pôs a folha de volta na pasta marrom.

“Isso é típico”, declarou. “O FBI já chegou várias vezes ao elo seguinte, o intermediário que as comprou um pouco mais barato, e descobriu que ele comprara um punhado, em determinado caso, cem, de outro indivíduo que presumivelmente as comprara ainda mais barato. Todas essas transações maiores ocorreram no Harlem ou na Flórida. O próximo elo é sempre um negro desconhecido, sempre um sujeito de colarinho branco, próspero, educado, que disse que elas eram de um tesouro, o tesouro de Barba Negra.

“Esta história de Barba Negra se sustentaria diante da maioria das investigações”, prosseguiu M, “porque se acredita que parte de seu butim foi desenterrado por volta do dia de Natal de 1928, em um lugar chamado Plum Point. É um braço estreito de terra em Beaufort County, na Carolina do Norte, onde um córrego chamado Bath Creek desemboca no rio Pamlico. Não creio que eu seja um perito neste assunto”, sorriu, “é possível ler sobre tudo isso no

dossiê. Então, em tese, é bem razoável que esses caçadores de tesouro sortudos tenham escondido o butim até que todo mundo se esquecesse da história e, em seguida, passaram a lançá-lo rapidamente no mercado. Ou então, podem tê-lo vendido como um todo, na época, ou depois, a um comprador que está simplesmente resolvido a transformá-lo em dinheiro vivo. De qualquer maneira, a fachada é bastante boa, salvo por dois motivos.”

M fez uma pausa e acendeu o cachimbo de novo.

“Primeiro, o Barba Negra agia entre 1690 e 1710 e não é provável que nenhuma de suas moedas fosse cunhada antes de 1650. E também, como eu disse antes, é muito improvável que seu tesouro tivesse Rose Nobles de Eduardo IV, já que não consta nenhum registro da captura de qualquer navio do tesouro inglês a caminho da Jamaica. A Irmandade da Costa não o enfrentaria. Sua escolta era demasiadamente forte. Havia vítimas muito melhores para aqueles que na época navegavam ‘sob a contabilidade da pirataria’, como eles a chamavam.

“Segundo”, M olhou para o teto e de volta a Bond, “sei onde está o tesouro. Pelo menos, tenho bastante certeza. E não é na América. Está na Jamaica, pertence a Morgan, o Sanguinário, e acho que é um dos tesouros ocultos mais valiosos da história.”

“Deus do céu”, disse Bond. “Como... onde é que entramos nisso?”

M levantou a mão. “Encontrará todos os detalhes aqui”, e abaixou a mão sobre a pasta marrom. “Resumidamente, a Estação C está interessada em um iate a diesel, o *Secatur*, que vem navegando a partir de uma pequena ilha na costa norte da Jamaica, passando por Florida Keys, entrando no Golfo do México, até um lugar chamado St. Petersburg. Uma espécie de estância turística, perto de Tampa, na costa oeste da Flórida. Com a ajuda do FBI rastreamos o dono do barco e da ilha, que pertencem a um sujeito chamado Mr. Big, um gângster negro. Mora no Harlem. Já ouviu falar?”

“Não”, respondeu Bond.

“E, fato curioso”, o tom de voz de M tornou-se mais baixo e mais suave, “uma nota de vinte dólares que um desses negros ocasionais usara para comprar uma moeda de ouro, e cuja numeração ele anotara para a loteria jamaicana, foi fornecida por um dos lugares-tenentes de Mr. Big. E paga”, M apontou o cabo do cachimbo na direção de Bond, “segundo informação recebida, a um agente duplo do FBI, membro do Partido Comunista.”

Bond deu um ligeiro assobio.

“Em resumo”, prosseguiu M, “desconfiamos de que este tesouro jamaicano esteja sendo usado para financiar o sistema de espionagem soviético, ou uma parte importante dele, na América. E nossa desconfiança se transforma em certeza quando eu lhe disser quem é este Mr. Big.”

Bond ficou à espera, com os olhos fixos em M.

“Mr. Big”, disse M, sopesando as palavras, “é provavelmente o criminoso negro mais poderoso do mundo. É”, enumerou com minúcia, “o chefe da Viúva Negra, culto vodu que acredita que ele seja o próprio Baron Samedi. Descobrirá isso tudo aqui”, bateu na pasta, “vai te dar um medo dos diabos. Também é agente soviético. E finalmente, algo que lhe interessará sobremaneira, membro conhecido da SMERSH.”

“Sim”, disse Bond, lentamente. “Agora compreendo.”

“Um caso e tanto”, comentou M, dando-lhe um olhar incisivo. “E um sujeito e tanto, esse Mr. Big.”

“Acho que nunca ouvi falar de um grande criminoso negro”, disse Bond. “Chineses, é claro, os sujeitos por trás do tráfico de ópio. Já houve figuras japoneses, em grande parte no ramo das pérolas e das drogas. Há muitos negros metidos com ouro e diamantes na África, mas sempre em pequena escala. Não parecem feitos para altos negócios. São caras bastante ciosos da lei, acho, a não ser quando bebem demais.”

“Nosso homem é uma exceção”, disse M. “Não é negro puro. Nasceu no Haiti. Tem boa quantidade de sangue francês. Treinado em Moscou, também, como verá na ficha. As raças negras estão começando a produzir gênios em todas as profissões — cientistas, médicos, escritores. Já era tempo de produzirem um grande criminoso. Afinal de contas, existem 250 milhões de negros no mundo. Quase um terço da população branca. Coragem, habilidade e inteligência não lhes faltam. Agora Moscou ensinou a técnica a um deles.”

“Gostaria de conhecê-lo”, disse Bond. Em seguida, acrescentou com brandura: “Gostaria de conhecer qualquer membro da SMERSH.”

“Está bem, então, Bond. Pode levá-la.” M entregou-lhe a grossa pasta marrom. “Converse com Plender e Damon. Esteja pronto para começar em uma semana. É um serviço conjunto com a CIA e o FBI. Pelo amor de Deus, não pise nos calos do FBI. São muito dolorosos. Boa sorte.”

Bond fora direto ao Comandante Damon, chefe da Estação A, um canadense alerta que controlava a ligação com a CIA, o serviço secreto americano.

Damon levantou os olhos, de onde estava na sua mesa. “Estou vendo que você aceitou”, disse, olhando a pasta. “Achei que fosse aceitar. Sente-se”, falou, fazendo um gesto em direção a uma poltrona perto do aquecedor elétrico. “Depois que você ler tudo isso, preencherei as lacunas.”

3.

UM CARTÃO DE VISITAS

Agora já tinham se passado dez dias e a conversa com Dexter e Leiter não rendera muito, refletiu Bond ao acordar lenta e voluptuosamente no seu quarto do St. Regis, na manhã seguinte à sua chegada a Nova York.

Dexter possuía muita informação detalhada sobre Mr. Big, mas nada que lançasse uma luz nova sobre o caso. Mr. Big tinha quarenta e cinco anos, nasceu no Haiti, era meio negro, meio francês. Por causa das iniciais de seu nome extravagante, Buonaparte Ignace Gallia, e da sua enorme altura e compleição, veio a ser chamado, ainda jovem, “Big Boy”, ou apenas “Big”. Depois passou a “The Big Man” ou “Mr. Big”, e seu verdadeiro nome resta apenas no registro paroquial do Haiti e no seu dossiê no FBI. Não tinha vícios conhecidos, salvo as mulheres, que consumia às bateladas. Não fumava nem bebia, e seu único calcanhar de aquiles parecia ser uma doença crônica cardíaca que, nos últimos anos, lhe imprimira um tom acinzentado à pele.

Big Boy fora iniciado no vodu quando criança, ganhou a vida como motorista de caminhão em Port-au-Prince, em seguida emigrou para a América, quando trabalhou com sucesso na equipe de sequestros da gangue de Legs Diamond. No final da Proibição, mudara-se para o Harlem e comprara a metade de uma pequena boate e uma série de prostitutas negras. Seu sócio foi encontrado cimentado dentro de um barril no rio Harlem, em 1938, e Mr. Big tornou-se automaticamente o único dono do negócio. Foi alistado em 1943 e, graças a seu francês excelente, chamou a atenção do Bureau de Serviços Estratégicos, o serviço secreto americano durante a época da guerra, que o treinou com grande cuidado e o mandou para Marselha, como agente contra os colaboracionistas de Pétain. Misturou-se com facilidade aos estivadores negros africanos, fazendo um bom trabalho, fornecendo informações boas e precisas sobre operações navais. Trabalhou intimamente com um espião soviético que fazia um trabalho semelhante para os russos. Depois da guerra foi desmobilizado na França (e condecorado pelos americanos e franceses) e, em seguida, sumiu durante cinco anos, provavelmente em Moscou. Voltou ao Harlem em 1950 e logo atraiu a atenção do FBI como suspeito de ser agente soviético. Mas jamais se

incriminou ou caiu em qualquer armadilha organizada pelo FBI. Comprou três boates e uma cadeia lucrativa de bordéis no Harlem. Parecia ter fundos ilimitados e pagava a seus lugares-tenentes uma base de vinte mil dólares por ano. Assim sendo, e como resultado de uma seleção que funcionava por meio de assassinatos, era não só bem, como habilmente servido. Soube-se que criou um templo oculto de vodu no Harlem, fazendo uma ligação com a matriz do culto no Haiti. Começou a correr o boato de que ele era o zumbi, ou o cadáver ambulante, do próprio Baron Samedi, o temido Príncipe das Trevas, história fomentada por ele até que fosse aceita por todas as camadas mais humildes do universo negro. Como resultado, o temor que provocava era genuíno, realçado pelas mortes imediatas e muitas vezes misteriosas de quaisquer pessoas que o deixassem zangado ou desobedecessem a suas ordens.

Bond interrogara minuciosamente Dexter e Leiter sobre as provas que ligassem o negro gigantesco à SMERSH. Pareciam certamente conclusivas.

Em 1951, através de uma promessa de um milhão de dólares em ouro e um refúgio seguro depois de seis meses de trabalho, o FBI finalmente persuadira um conhecido agente da MWD a se tornar agente duplo. Tudo correu muito bem durante um mês, sendo que os resultados ultrapassaram as expectativas mais elevadas. O espião russo tinha o cargo de perito em economia na delegação soviética nas Nações Unidas. Em um sábado, saía para pegar o metrô até a Pennsylvania Station, a caminho da casa de fim de semana dos soviéticos, em Glen Cove, a antiga propriedade de Morgan, em Long Island.

Um negro enorme, identificado indiscutivelmente pelas fotografias como Big Man, permanecera ao seu lado na plataforma quando o trem vinha chegando e fora visto caminhando para a saída, antes mesmo que o primeiro vagão parasse em cima dos vestígios sangrentos do russo. Não fora visto empurrando o sujeito, algo que não teria sido difícil fazer no meio da multidão. Os circunstantes disseram que não poderia ter sido suicídio. Ele deu um grito medonho ao cair e estava (o toque melancólico) com uma sacola de tacos de golfe no ombro. Big Man tinha, claro, um álibi tão sólido quanto o Fort Knox. Fora preso e interrogado, mas solto rapidamente pelo melhor advogado do Harlem.

Essa evidência já bastava para Bond. Era o típico membro da SMERSH, treinado sob medida. Uma verdadeira arma mortífera e aterrorizante. E que belo esquema para lidar com os peixes pequenos do submundo negro e dirigir com grande eficiência uma rede de informações negra — o medo do vodu e do sobrenatural, ainda gravado primordialmente em seus subscientes! E

que jogada genial começar pela vigilância através de todo o sistema de transportes da América, os trens, condutores, caminhoneiros, estivadores! Ter à disposição uma horda de homens-chave que não desconfiavam de que suas respostas eram em função das perguntas feitas pela Rússia. Profissionais de segunda que pensavam, se chegassem a pensar, que a informação sobre a relação de fretes estava sendo vendida a empresas de transporte rivais.

Não era a primeira vez que Bond sentia um calafrio na espinha diante da eficiência fria e brilhante da máquina soviética, e diante do temor da morte e da tortura, responsável por seu funcionamento, e do seu motor supremo, a SMERSH — SMERSH, que era como o próprio sussurro da morte.

Agora, no quarto do St. Regis, Bond tirou esses pensamentos da cabeça e pulou impacientemente da cama. Ora, eis que havia um deles à mão, pronto para ser esmagado. Em Royale, ele tivera apenas uma visão fugidia deste sujeito. Desta vez seria face a face. Big Man? Então que fosse uma matança gigantesca, homérica.

Bond foi até a janela e puxou as cortinas. Seu quarto dava para o norte, em direção ao Harlem. Bond contemplou um instante aquele horizonte, onde outro homem estaria dormindo no seu quarto, ou talvez acordado e possivelmente pensando nele, Bond, que fora visto junto com Dexter na escadaria do hotel. Olhou para o belo dia e sorriu. E homem algum, nem mesmo Mr. Big, teria gostado da expressão no seu rosto.

Bond sacudiu os ombros e foi rápido ao telefone.

“Hotel St. Regis. Bom dia”, atendeu a voz.

“Serviço de quarto, por favor”, disse Bond. “Serviço de quarto? Quero pedir o café da manhã. Um copo grande de suco de laranja, três ovos ligeiramente mexidos, com bacon, um expresso duplo com creme. Torradas. Geleia de laranja. Compreendeu?”

O pedido lhe foi repetido. Bond foi até o vestíbulo e pegou os dois quilos e meio de jornais que haviam sido colocados ali em silêncio, de manhã cedinho. Havia também uma pilha de embrulhos na mesa do vestíbulo, a que Bond não deu atenção.

Na tarde anterior havia sido obrigado a se submeter a certo grau de americanização nas mãos do FBI. Viera um alfaiate tomar suas medidas para dois ternos de lã penteada azul-escura, levíssima (Bond recusara com firmeza qualquer coisa mais berrante), e um funcionário de uma loja de artigos masculinos trouxera camisas brancas e frescas de náilon, com longos colarinhos pontudos. Fora obrigado a aceitar meia dúzia de gravatas largas

com padrões extravagantes, meias escuras com um padrão de pequenos relógios, dois ou três lenços festivos para o bolso do paletó, cuecas e camisetas de náilon, um sobretudo leve e confortável de pelo de camelo, com ombreiras grandes demais, um chapéu Fedora simples e cinzento, com uma banda fina preta, e dois pares de mocassins pretos feitos à mão, muito confortáveis.

Também comprou um prendedor de gravata em forma de chicote, uma carteira de couro de crocodilo da Mark Cross, um isqueiro Zippo, simples, um *nécessaire* de plástico, contendo barbeador, escova de dentes, escova de cabelo, um par de óculos com armação de tartaruga e lentes sem grau, vários outros apetrechos e, finalmente, uma valise leve Hartmann “Skymate” para carregar isso tudo.

Deixaram que ficasse com sua própria Beretta .25, com a coronha anatômica e o coldre de camurça, mas todos os seus outros pertences deveriam ser reunidos ao meio-dia para serem despachados para a Jamaica, onde ficariam à sua espera.

Deram-lhe um corte de cabelo militar e disseram que ele era um bostoniano da Nova Inglaterra, tirando férias de seu trabalho na sucursal londrina da Guaranty Trust Company. Informaram-lhe que devia se lembrar dos termos americanos a serem usados em substituição aos britânicos, e (da parte de Leiter) para não empregar palavras de mais de duas sílabas. (“Dá para a gente se virar em qualquer conversa aqui”, aconselhara Leiter, “apenas com ‘ok’, ‘certo’ e ‘bem’”). Algumas palavras demasiadamente britânicas deviam ser evitadas, mas Bond disse que elas não faziam parte de seu vocabulário.

Bond olhou desconsolado para a pilha de pacotes que continham sua nova identidade, despiu seu pijama pela última vez (“a gente geralmente dorme pelado na América, senhor Bond”) e tomou uma chuvarada fria de rachar. Ao se barbear, examinou o rosto no espelho. A grossa mecha de cabelos em forma de vírgula sobre sua sobrancelha esquerda perdera grande parte de sua cauda, as têmporas estavam tosadas rentes. Não se podia fazer nada quanto à fina cicatriz que riscava sua face direita, embora o FBI tentasse aplicar uma maquiagem com corretor de sinais, ou quanto à frieza e ao indício de raiva nos olhos cinza-azulados, mas a mistura racial da América não deixava de estar presente nos cabelos pretos e nas maçãs do rosto salientes, e Bond achou que talvez desse para enganar — possivelmente, com exceção das mulheres.

Nu, Bond foi até o vestíbulo e abriu alguns pacotes. Depois, vestindo

uma camisa branca e calças azul-escuras, trouxe uma cadeira até a escrivaninha perto da janela e abriu *The Traveller's Tree*, de Patrick Leigh Fermor.

Este livro extraordinário lhe fora recomendado por M.

“É de um sujeito que sabe o que está falando”, dissera, “e não se esqueça de que escreve sobre algo que acontecia no Haiti em 1950. Não se trata dessa magia negra medieval. É algo posto em prática cotidianamente.”

Bond estava no meio da parte sobre o Haiti.

O próximo passo [leu ele] é a invocação dos habitantes maléficos do panteão do vodu — como Don Pedro, Kitta, Mondongue, Bakalu e Zandor — com fins malévolos, para a prática (de origem congoleza) de transformar as pessoas em zumbis, de modo a empregá-las como escravas, para fazer feitiços e destruir os inimigos. Os efeitos dos feitiços, cuja forma exterior pode ser a imagem da pretensa vítima, um caixão em miniatura ou uma rã, são muitas vezes reforçados pelo uso simultâneo de veneno. O Padre Cosme relata a superstição de que determinados homens, donos de certos poderes, se transformam em serpentes; dos “Loups-Garoups”, que voam à noite sob a forma de vampiros para sugar o sangue das crianças; de homens que reduzem seu tamanho a uma proporção ínfima e andam rolando dentro de cabaças. O que parecia mais sinistro era a quantidade de sociedades secretas místico-criminais de feitiçaria, com nomes que pareciam pesadelos — “les Mackanda”, batizada assim em virtude da campanha de envenenamento do herói haitiano; “les Zobop”, que também eram ladrões; os “Mazanxa”, os “Caporelata” e os “Vlinbindingue”. Eram estes, dizia ele, os grupos misteriosos cujos deuses exigiam — em vez do galo, do pombo, do cabrito, do cão ou do porco — o sacrifício de um “cabrit sans cornes”. Este cabrito sem chifres significava, é claro, o ser humano [...]

Bond virava as páginas, e os trechos ocasionais se combinavam para formar na sua mente um quadro extraordinário de uma religião obscura e de seus terríveis rituais.

[...] Lentamente, do tumulto, da fumaça e do barulho ensurdecedor dos tambores que, durante algum tempo, expulsam da mente tudo o que não seja a sua batida, começam a surgir os detalhes...

[...] os dançarinos arrastavam os pés muito lentamente para a frente e para trás, e a cada passo seus queixos se erguiam abruptamente e suas nádegas se contraíam para cima, enquanto os ombros tremiam em compasso duplo. Tinham os olhos semicerrados e suas bocas proferiam incessantemente as mesmas palavras incompreensíveis, o mesmo pequeno verso cantado, que era repetido, após cada estribilho, meia oitava abaixo. A uma mudança na batida dos tambores, esticavam os corpos e, jogando os braços para cima e com os olhos revirados, giravam e giravam sem parar.

[...] Na beira da multidão chegamos a uma pequena palhoça, pouco maior que uma casa de cachorro: “Le caye Zombi”. A luz de uma tocha revelou uma cruz preta lá dentro, junto com trapos, correntes e chicotes; acessórios usados nas cerimônias Gegê, que os etnólogos haitianos ligam aos rituais de rejuvenescimento de Osíris registrados no Livro

dos Mortos. Havia uma fogueira, dentro da qual estavam dois sabres e uma grande tenaz, com suas extremidades vermelhas devido ao calor: “le Feu Marinette”, dedicado à deusa que é o reverso malévolos da branda e amorosa Erzulie Fréda Dahomin, a deusa do amor.

Mais adiante, com a base segura em uma cavidade na pedra, jazia uma grande cruz preta. Perto da base havia uma caveira branca pintada, e, estendido sobre os braços dessa cruz, um fraque muito antigo. Ali também descansava um chapéu-coco muito gasto, cuja cabeça furada deixava passar a extremidade superior da cruz. Este totem, que todo peristilo deve possuir, não é uma sátira do acontecimento central da fé cristã, mas representa o deus dos cemitérios e o chefe da legião dos mortos, Baron Samedi. O Baron é o chefe supremo de todas as questões referentes ao além-túmulo. É Cérbero e Caronte, além de Éaco, Radamanto e Plutão...

[...] Os tambores mudaram a cadência e o Houngenikon surgiu dançando no chão, segurando uma vasilha que continha um líquido do qual saíam chamas amarelas e azuis. Ao dar a volta na pilastra e derramar três libações flamejantes, seus passos começaram a fraquejar. Em seguida, caindo para trás com os mesmos sintomas delirantes manifestados pelo seu precursor, deixou cair toda a carga chamejante. Os houncis o pegaram enquanto cambaleava, tiraram suas sandálias e dobraram suas calças, enquanto o lenço caiu de sua cabeça revelando o jovem crânio lanuginoso. Os outros houncis se ajoelharam para mergulhar as mãos na lama flamejante e esfregá-la nas mãos, cotovelos e rostos. O sino e o “açon” do Hougan chocalhavam, impertinentes, e o jovem sacerdote foi deixado sozinho, cambaleando e colidindo com a pilastra, arremessando-se desvalidamente no espaço, caindo entre os tambores. Seus olhos estavam fechados, sua testa contorcida, o queixo caído. Em seguida, como se um punho invisível lhe tivesse desferido um golpe, caiu no chão e lá ficou, com a cabeça esticada para trás em um ricto angustiado, até que os tendões do pescoço e dos ombros se destacassem como raízes. Uma das mãos segurava o outro cotovelo atrás das costas arqueadas, como se estivesse procurando quebrar o próprio braço, e seu corpo inteiro, ensopado de suor, tremia e se sacudia como um cão sonhando. Somente eram visíveis os brancos dos olhos, cujas pupilas, embora eles estivessem arregalados, haviam sumido sob as pálpebras. A espuma se acumulava em seus lábios...

[...] Agora o Hougan, dançando com passos lentos e brandindo um cutelo, se adiantou da fogueira, jogando a faca repetidamente no ar e apanhando-a pelo cabo. Dentro de poucos minutos, segurava-a pelo lado cego da lâmina. Dançando lentamente em direção a ele, o Houngenikon estendeu a mão e agarrou o cabo. O sacerdote se retirou e o jovem, girando e pulando, rodava de um lado a outro da “tonelle”. O círculo dos espectadores balançava para trás, quando ele arremeteu contra eles, girando a lâmina sobre sua cabeça, com as falhas nos seus dentes à mostra emprestando um aspecto mais feroz ainda a seu rosto de mandril. A “tonelle” encheu-se por alguns segundos de um autêntico e absoluto terror. A cantoria havia se transformado em um uivo generalizado e os batuqueiros, com os gestos furiosos e invisíveis das mãos, estavam absortos em um êxtase ruidoso.

Jogando a cabeça para trás, o noviço enfiou a extremidade cega da faca na barriga. Seus joelhos cederam, e a cabeça pendeu para a frente [...]

Ouviu-se uma batida na porta e o garçom entrou com o café da manhã. Bond ficou satisfeito de poder abandonar o terrível relato e reentrar no mundo da normalidade. Mas levou minutos para esquecer a atmosfera pesada de terror e ocultismo que o envolvera enquanto lia.

Com o café da manhã veio outro pacote, com cerca de trinta centímetros

quadrados, de aspecto caro, que Bond disse ao garçom para botar no console. Alguma coisa que Leiter esquecera, supôs. Tomou o café da manhã com satisfação. Entre uma garfada e outra, olhava pela grande janela, refletindo sobre o que acabara de ler.

Foi só depois de tomar o último gole de café e acender o primeiro cigarro do dia que se deu conta de um pequeno barulho na sala atrás de si.

Era um tique-taque macio e abafado, sem pressa, metálico. E vinha da direção do console.

“Tique-taque... tique-taque... tique-taque...”

Sem um átimo de hesitação, sem ligar para o papel de tolo que poderia fazer, mergulhou no chão atrás da poltrona e se agachou, com todos os sentidos concentrados no barulho vindo do pacote quadrado. “Pare”, disse consigo mesmo. “Não seja idiota. É apenas um relógio.” Mas por que um relógio? Por que lhe dariam um relógio? Quem daria?

“Tique-taque... tique-taque... tique-taque...”

Tornara-se um barulho potente em contraste com o silêncio da sala. Parecia acompanhar o ritmo do coração de Bond. “Não seja ridículo. Esse negócio de Leigh Fermor sobre o vodu deixou seus nervos em frangalhos. Aqueles tambores...”

“Tique-taque... tique-taque... tique...”

E então, de repente, o despertador começou a tocar, com uma intimação grave, melodiosa e urgente.

“Tongtongtongtongtongtong...”

Bond relaxou os músculos. Seu cigarro estava fazendo um buraco no tapete. Pegou-o e o enfiou na boca. As bombas ligadas a despertadores explodem quando o martelo bate pela primeira vez na campainha. O martelo acerta um pino do detonador e WHAM...

Bond ergueu a cabeça por cima do encosto da poltrona e observou o pacote.

“Tongtongtongtongtongtong...”

A campainha abafada continuou por meio minuto e, em seguida, começou a ficar mais lenta.

“Tong... tong... tong... tong... tong...”

“B—U—M...”

O barulho não excedeu o de um tiro de 12, mas, num espaço confinado, foi uma explosão impressionante.

O pacote caíra em pedaços no chão. As garrafas e os copos no console estavam destroçados e havia uma mancha de fuligem na parede cinza atrás. Alguns pedaços de vidro caíram tilintando no chão. Havia um forte cheiro de pólvora na sala.

Bond se levantou lentamente. Foi até a janela e abriu-a. Em seguida, discou o número de Dexter. Falou de modo calmo.

“Granada de mão... não, pequena... só uns copos... ok, obrigado... claro que não... Até logo.”

Evitou os destroços, passou pelo pequeno vestíbulo até a porta que dava para o corredor, pendurou a placa de FAVOR NÃO INCOMODAR lá fora, trancou-a e voltou pelo vestíbulo até o quarto de dormir.

Quando estava terminando de se vestir, ouviu uma batida na porta.

“Quem é?”, gritou.

“Ok. Dexter.”

Dexter entrou depressa, seguido de um rapaz melancólico com uma caixa preta debaixo do braço.

“Trippe, do Antibombas”, avisou Dexter.

Apertaram-se as mãos e o rapaz se ajoelhou imediatamente ao lado dos restos calcinados do pacote.

Abriu a caixa, tirou luvas de borracha e um punhado de boticões de dentista. Com suas ferramentas extraiu penosamente pequenos pedaços de metal e vidro do pacote queimado e estendeu-os em uma larga folha de papel borrão, da escrivaninha.

Enquanto trabalhava, perguntou a Bond o que acontecera.

“Uma campainha de meio minuto? Compreendo. Olha só, o que é isto?” Extraiu com delicadeza uma pequena caixa redonda de alumínio, parecida com um rolo de filme fotográfico. Botou-a de lado.

Depois de alguns minutos, sentou-se no chão.

“Cápsula de ácido de meio minuto”, anunciou. “Quebrada pela primeira martelada do despertador. O ácido corrói um fio fino de cobre. Trinta segundos depois o fio se rompe, soltando uma agulha sobre a espoleta disto aqui.” Ergueu a base de um cartucho ‘4 de matar elefante. “Pólvora seca. Sem

bala. Sorte não ter sido uma granada. Havia muito espaço no pacote. Você teria sofrido ferimentos. Bem, vamos dar uma olhada nisso.” Pegou o cilindro de alumínio, desatarraxou a tampa, extraiu um pequeno papel enrolado e o desenrolou com o boticão.

Abriu-o cuidadosamente no tapete, segurando seus cantos com quatro ferramentas da caixa preta. Continha três frases datilografadas. Bond e Dexter se inclinaram para a frente.

“O CORAÇÃO DESTE RELÓGIO PAROU DE BATER”, leram. “AS BATIDAS DE SEU PRÓPRIO CORAÇÃO ESTÃO CONTADAS. SEI O NÚMERO E COMECEI A CONTAR.”

A mensagem estava assinada “1234567...”

Eles se levantaram.

“Hmm”, disse Bond. “Coisas para assustar.”

“Mas como sabiam que você estava aqui?”, perguntou Dexter.

Bond lhe contou sobre o sedã preto na 55th Street.

“Mas a questão é”, disse Bond, “como souberam sobre o meu *objetivo* aqui? Isso mostra que eles já têm o seu esquema em Washington. Deve haver um vazamento do tamanho do Grand Canyon em algum lugar.”

“Mas por que tem que ser em Washington?”, perguntou Dexter, irritado. “De qualquer maneira”, controlou-se com um riso forçado, “é o diabo. Tenho de fazer um relatório para a chefia. Até logo, senhor Bond. Ainda bem que não se machucou.”

“Obrigado”, disse Bond. “Foi só um cartão de visitas. Preciso retribuir a gentileza.”

4.

A GRANDE MESA TELEFÔNICA

Depois que Dexter e o seu colega haviam partido, levando os restos da bomba, Bond pegou uma toalha úmida e limpou a mancha de fuligem na parede. Em seguida, chamou o garçom e, sem lhe dar explicação, mandou que pusesse o que fora quebrado na sua conta e recolhesse as coisas do café da manhã. Depois pegou seu casaco e chapéu e foi para a rua.

Passou a manhã na Quinta Avenida e na Broadway, perambulando sem rumo, olhando as vitrines e a multidão de passantes. Pouco a pouco assimilou a maneira de andar despreocupada do visitante de fora da cidade, e quando testou as reações das pessoas em certas lojas, percebeu que ninguém olhara para ele duas vezes.

Fez uma refeição tipicamente americana em um restaurante chamado Glory-fried Ham-N-Eggs (“os ovos que servimos amanhã ainda não foram postos hoje pelas galinhas”) na Lexter Avenue, e depois pegou um táxi até a chefatura da polícia, no centro, onde deveria se encontrar com Leiter e Dexter às 14h30.

Um certo Tenente Binswanger, de homicídios, policial desconfiado e ríspido de seus quarenta e muitos anos, declarou que o chefe de polícia, Monahan, ordenara a total cooperação do departamento. O que poderia fazer por eles? Examinaram a ficha de Mr. Big, que reproduzia mais ou menos as informações de Dexter, e puderam ver as fichas e as fotos da maioria de seus cúmplices conhecidos.

Foram examinar os relatórios do serviço de guarda costeira dos EUA sobre as idas e vindas do iate *Secatur*, e também os relatórios da alfândega americana, que mantinha uma severa vigilância sobre o barco toda vez que ele atracava em St. Petersburg.

Estes confirmaram que o iate costumava chegar a intervalos irregulares ao porto de St. Petersburg, durante os seis meses passados, e sempre atracava na doca da Ourobouros Worm and Bait Shippers Inc., uma empresa aparentemente inocente, cuja atividade principal era a venda de iscas vivas

para os clubes de pesca em toda a Flórida, no Golfo do México e alhures. A empresa também tinha uma atividade paralela lucrativa de venda de conchas e corais para decoração de interiores, e outra ainda de venda de peixes tropicais de aquário — principalmente as espécies venenosas e raras — aos departamentos de pesquisa das fundações médicas e químicas.

De acordo com o proprietário, um pescador de esponjas grego da vizinha Tarpon Springs, o *Secatur* fazia grandes negócios com a sua empresa, trazendo carregamentos de “conchas de Madagascar” e outras conchas da Jamaica e também variedades preciosas de peixes tropicais. Tudo isto era comprado pela Oubouros Inc., guardado nos seus armazéns e vendido no varejo e no atacado, em toda a extensão da costa. O nome do grego era Papagos. Ficha limpa na polícia.

O FBI, com a ajuda da inteligência naval, tentara fazer uma escuta no rádio do *Secatur*. Mas ele ficava fora do ar exceto por pequenas mensagens antes de zarpar de Cuba ou da Jamaica, transmitidas em uma língua não cifrada, mas desconhecida e totalmente ininteligível. A última anotação na ficha dizia que o operador de rádio falava em “língua”, a linguagem secreta do vodu usada apenas pelos iniciados, e que todos os esforços seriam feitos para contratar um perito do Haiti antes da próxima viagem.

“Tem aparecido mais ouro ultimamente”, comunicou o Tenente Binswanger, enquanto voltavam do departamento de identificação para a sua sala, do outro lado da rua. “Cerca de cem moedas por semana só no Harlem e em Nova York. Quer que a gente tome providências? Se estiver certo e esses forem fundos comunistas, eles estão chegando cada vez mais rápido, enquanto ficamos sentados nas nossas bundas sem fazer coisa alguma.”

“O chefe diz para esperar”, disse Dexter. “Espero que a gente não demore a poder agir.”

“Bem, o caso é todo de vocês”, disse Binswanger, meio a contragosto. “Mas o chefe de polícia não gosta de ver esse puto cagando na sua própria porta, enquanto o sr. Hoover fica sentado em Washington, fora do alcance do fedor. Por que não o prendemos por evasão de impostos, utilização criminosa dos correios ou estacionamento na frente de um hidrante, ou algo assim? Por que não levá-lo para as catacumbas e fazer um serviço nele? Se os federais não quiserem, estamos à disposição para o que der e vier.”

“Quer provocar uma sublevação racial?”, contestou Dexter, irritado. “Não temos nenhuma prova contra ele, e você sabe. Se não fosse libertado em meia hora por aquele rábula negro dele, os tambores do vodu começariam a

batucar daqui até o coração do Sul. Quando eles ficam cheios dessas ideias, todos sabem o que acontece. Lembra-se de 1935 e 1943? Seria preciso chamar a Milícia. A gente não pediu para ficar com este caso. O presidente nos encarregou disso e precisamos aguentar firme.”

Estavam de volta à sala insossa de Binswanger. Pegaram seus casacos e chapéus.

“De qualquer maneira, obrigado pela ajuda, tenente”, disse Dexter, com cordialidade forçada ao se despedir. “Foi de grande valor.”

“Não tem de quê”, disse Binswanger, frio como uma pedra. “O elevador fica à direita.” Fechou a porta com força.

Leiter piscou para Bond por trás das costas de Dexter. Desceram em silêncio até a entrada principal em Center Street.

Na calçada, Dexter virou-se para eles.

“Recebi umas instruções de Washington esta manhã”, disse, friamente. “Parece que devo cuidar do Harlem e vocês dois devem ir a St. Petersburg amanhã. Leiter deve descobrir o que puder por lá e, em seguida, ir direto para a Jamaica com o senhor, sr. Bond. “Isto é, se o senhor quiser que ele vá. O território é seu.”

“Claro”, disse Bond. “Eu ia pedir que viesse, de qualquer maneira.”

“Ótimo”, exclamou Dexter. “Então direi a Washington que está tudo combinado. Há alguma outra coisa em que eu possa lhe ser útil? Todas as comunicações devem ser com o FBI, Washington, evidente. Leiter conhece os nomes de nossa gente na Flórida, conhece as rotinas dos códigos e assim por diante.”

“Se Leiter tiver interesse e se você não se importar”, disse Bond, “eu gostaria muito de ir ao Harlem esta noite para dar uma olhada. Talvez seja útil a gente ter uma ideia do quintal de Mr. Big.”

Dexter refletiu.

“Está bem”, acabou dizendo. “Provavelmente não há mal nisso. Mas não se mostrem demais. E não se machuquem”, acrescentou. “Não existe ninguém que os possa ajudar lá. E não causem problemas para nós. Este caso ainda não está maduro. Até agora nossa política com Mr. Big é ‘viva e deixe viver’.”

Bond deu um olhar perplexo para o Capitão Dexter.

“No meu trabalho”, afirmou, “quando tenho de enfrentar um sujeito assim, meu lema é outro: ‘Viva e deixe morrer’.”

Dexter deu de ombros. “Pode ser”, disse, “mas aqui o senhor está sob as minhas ordens, senhor Bond. Gostaria que se conformasse com isto.”

“Evidente”, disse Bond, “e obrigado por toda sua ajuda. Espero que tenha sorte com sua parte do serviço.”

Dexter fez sinal para um táxi. Apertaram as mãos.

“Até logo, pessoal”, disse Dexter, em poucas palavras. “Continuem vivos.” Seu táxi se misturou ao trânsito que ia para a zona residencial.

Bond e Leiter trocaram um sorriso.

“Sujeito capaz, eu diria”, disse Bond.

“São todos assim na sua organização”, falou Leiter. “Certa tendência a serem metidos. Muito suscetíveis quanto a suas prerrogativas. Vivem brigando com a gente ou com a polícia. Mas suponho que vocês devem ter o mesmo problema na Inglaterra.”

“Ah, é claro”, disse Bond. “A gente está sempre tendo atritos com o MI5. E eles vivem pisando nos calos do Special Branch da Scotland Yard”, explicou. “Então, que tal irmos ao Harlem hoje à noite?”

“Por mim, está bem”, respondeu Leiter. “Eu o deixo no St. Regis e o pego por volta das seis e meia. A gente se encontra no King Cole Bar, no térreo. Aposto que você quer dar uma olhada em Mr. Big”, sorriu. “Sim, eu também, mas não ficava bem falar isso para Dexter.” Fez sinal para um táxi amarelo.

“St. Regis Hotel, Quinta com a 55th Street.”

Embarcaram na lata velha superaquecida, fedendo a fumaça de charuto da semana anterior.

Leiter abriu a janela.

“O que você está querendo?”, disse o taxista por cima do ombro. “Que eu pegue uma pneumonia?”

“Exatamente”, respondeu Leiter, “se for necessário para que a gente se salve desta câmara de gás.”

“Engraçadinho, hein?”, disse o motorista, arranhando um pouco as marchas. Pegou um toco mastigado de charuto de trás da orelha e o mostrou. “Três por vinte e cinco cents”, falou, em um tom de voz magoado.

“Vinte e quatro cents mais caro do que valem”, disse Leiter. O resto da viagem transcorreu em silêncio.

Separaram-se no hotel e Bond foi para o seu quarto. Eram quatro horas. Pediu à telefonista para chamá-lo às seis. Durante um tempo ficou olhando pela janela do quarto. À esquerda, o sol se punha em um esplendor colorido. As luzes se acendiam nos arranha-céus, transformando a cidade inteira em uma colmeia dourada. Bem embaixo, as ruas eram rios de néon carmesim, verde, azul. O vento suspirava melancólico no crepúsculo aveludado, deixando o quarto mais quente, aconchegante, luxuoso. Fechou as cortinas e acendeu as luzes baixas sobre a cama. Em seguida se despiu e se enfiou entre os lençóis caros de percal. Pensou no tempo cruel das ruas de Londres, no chiado e no calor recalcitrante do aquecedor a gás da sua sala na sede do serviço, no cardápio escrito a giz de um pub por que passara em seu último dia em Londres: “Rã Gigante & 2 Veg.”

Espreguiçou-se sensualmente. Em pouquíssimo tempo já dormia.

Lá no Harlem, na grande mesa telefônica, “Cochicho” cochilava em cima de seus talões de aposta de turfe. Todas as linhas estavam mortas. De repente uma brilhou à direita do painel — uma luz importante.

“Sim, patrão”, falou em tom abafado no fone de ouvido. Não poderia ter falado mais alto, nem que quisesse. Nascera na “Quadra do Pulmão”, na Sétima Avenida com a 142th Street, onde a morte por tuberculose é duas vezes maior do que em qualquer outro canto de Nova York. Só lhe restara parte de um pulmão agora.

“Diga a todos os olheiros”, disse uma voz grave, “para ficar de alerta de agora em diante. Três sujeitos.” Fez uma breve descrição de Leiter, Bond e Dexter. “Talvez apareçam esta noite ou na próxima. Diga para ficarem especialmente de olho da Primeira à Oitava Avenida, e nas outras. Nos locais noturnos também, no caso de não serem vistos chegando. Não devem ser molestados. Ligue para mim quando tiver uma informação segura. Compreendeu?”

“Sim, senhor, patrão”, respondeu Cochicho, com a respiração acelerada. A voz se calou. O operador pegou todos os cabos e em breve o painel pulsava, cheio de luzes piscantes. E ele entrou pela noite a cochichar com urgência.

Às seis horas Bond acordou com a campainha suave do telefone. Tomou uma chuveirada fria e se vestiu. Pôs uma gravata listrada berrante e deixou uma grande ponta do lenço para fora do bolso de cima do paletó. Enfiou o coldre de camurça por cima da camisa de modo a ficar oito centímetros abaixo da axila esquerda. Armou e desarmou a Beretta até que as oito balas caíssem em cima da cama. Em seguida, recarregou o pente, enfiou-o na arma, apertou a

trava de segurança e a colocou no coldre.

Pegou o par de mocassins e os sopesou, depois de apertá-los. Em seguida, enfiou o braço debaixo da cama e puxou um par dos próprios sapatos, que retirara da valise cheia de suas coisas que o FBI lhe confiscara naquela manhã.

Calçou-os e se sentiu mais bem preparado para enfrentar a noite.

Sob o couro, as biqueiras dos sapatos eram revestidas de aço.

Às seis e vinte e cinco desceu até o King Cole Bar e escolheu uma mesa contra a parede, perto da entrada. Alguns minutos depois chegava Felix Leiter. Bond mal o reconheceu. Sua cabeleira cor de palha era agora preta como breu, e ele vestia um terno azul deslumbrante, camisa branca e uma gravata branca de bolinhas pretas.

Leiter se sentou com um largo sorriso.

“De repente resolvi levar esse pessoal a sério”, explicou. “É apenas uma rinsagem. Sairá amanhã de manhã. Espero”, acrescentou.

Leiter pediu martinis meio secos com uma lasca de casca de limão. Estipulou que o gim fosse House of Lords e o vermute, Martini Rossi. O gim americano, muito mais forte que o inglês, parecia áspero ao paladar de Bond. Pensou que precisava ter cuidado com o que bebesse naquela noite.

“Devemos ficar antenados nesse lugar a que nós vamos”, disse Felix Leiter, repetindo os pensamentos de Bond. “O Harlem é uma selva hoje em dia. As pessoas não costumam mais ir até lá como faziam. Antes da guerra, era onde a gente costumava esticar a noite, como se faz em Montmartre, em Paris. O pessoal gostava muito de nossa grana. Costumávamos ir ao Savoy Ballroom e ficar olhando os dançarinos. Talvez pegássemos uma piranha, arriscando a conta do médico depois. Agora isso tudo mudou. O Harlem não gosta mais de ser observado. A maioria dos lugares fechou, e as pessoas vão a outros, rigorosamente por condescendência. Muitas vezes você leva um pé na bunda só por ser branco. E não pense que terá a simpatia da polícia.”

Leiter tirou a casca de limão do martini e mastigou-a, pensativamente. O bar estava enchendo. Era quente e acolhedor — que distância, pensou Leiter, do clima carregado e inamistoso dos locais da vida noturna no bairro negro em que iriam beber mais tarde.

“Felizmente”, prosseguiu Leiter, “gosto dos negros e eles, de certo modo, sabem disso. Eu costumava ser bastante fã do Harlem. Escrevi alguns artigos sobre o jazz Dixieland para o *Amsterdam News*, um dos jornais locais. Fiz

uma série deles para a cadeia North American Newspaper Alliance sobre o teatro negro na época em que Orson Welles montou seu *Macbeth*, com um elenco só negro, no Lafayette. Por isso, lá, sei onde piso. E admiro a maneira como eles estão se virando no mundo, embora, Deus saiba, mal possa esperar que isso tudo acabe.”

Terminaram seus drinques e Leiter pediu a conta.

“É claro que existem alguns que são maus”, disse. “Os piores dos piores. O Harlem é a capital do mundo negro. Em qualquer meio milhão de pessoas, de qualquer raça, sempre existe uma porção de escrotos. O problema com nosso amigo Mr. Big é que ele é um técnico de mão cheia, graças a seu treinamento na OSS e em Moscou. E deve estar muito bem organizado por lá.

Leiter pagou. Sacudiu os ombros.

“Vamos”, disse. “Vamos nos divertir um pouco e tentar voltar inteiros. Afinal de contas, é para isso que somos pagos. Tomaremos um ônibus na Quinta Avenida. Não é fácil encontrar táxis dispostos a ir ao Harlem depois do anoitecer.”

Saíram do hotel aquecido e deram poucos passos até o ponto de ônibus na avenida.

Chovia. Bond levantou a gola do casaco e olhou à direita para a avenida, na direção do Central Park e da cidadela escura que abrigava o Big Man.

As narinas de Bond se dilataram levemente. Almejava ir pegá-lo. Sentia-se forte, compacto e confiante. A noite o esperava, para ser aberta e lida, página por página, palavra por palavra.

Diante dele a chuva caía em rápidas rajadas diagonais — caligrafia itálica na capa preta fechada, escondendo as horas incertas à sua frente.

5.

NIGGER HEAVEN

No ponto de ônibus da Quinta Avenida com a Cathedral Parkway, três negros permaneciam calados sob um poste de luz. Pareciam molhados e entediados. Estavam. Observavam o trânsito na Quinta desde a ordem dada às quatro e meia.

“Agora é sua vez, Baleia”, falou um deles quando o ônibus chegou no meio da chuva, parando com um suspiro de seus freios a ar.

“Tô morto”, respondeu o sujeito atarracado na capa de chuva. Mas abaixou a aba do chapéu e embarcou, inseriu suas moedas e subiu o corredor do ônibus observando os usuários. Piscou, ao ver os dois brancos, deu mais um passo e se instalou no assento logo atrás deles.

Estudou as suas nucas, seus casacos e chapéus, seus perfis. Bond estava sentado na janela. O negro viu o reflexo de sua cicatriz no vidro escuro.

Levantou-se e foi para a frente do ônibus, sem olhar para trás. Desceu no ponto seguinte e foi direto para a farmácia mais próxima. Trancou-se na cabine telefônica.

Cochicho interrogou-o com ansiedade e, em seguida, encerrou a ligação.

Enfiou o cabo no lado direito da mesa.

“Sim?”, disse a voz grave.

“Patrão, um dos caras acabou de chegar à Quinta Avenida. O inglês com a cicatriz. Tá com um amigo, com uma pinta que não parece com a de nenhum dos dois outros caras.” Cochicho transmitiu a descrição exata de Leiter. “Estão vindo para o norte, os dois.” Ele deu o número e a provável hora de chegada do ônibus.

Fez-se uma pausa.

“Certo”, disse a voz baixa. “Ligue para todos os olheiros nas outras avenidas. Avise as boates que um deles está na área e faça esta informação chegar a Tee-Hee Johnson, McThing, Falastrão Foley, Sam Miami e o

Flanela...”

A voz falou por cinco minutos.

“Compreendeu? Repita.”

“Sim senhor, patrão”, respondeu Cochicho. Consultou seu talão de anotações estenográficas e cochichou de modo fluente e ininterrupto no bocal.

“Certo.” A linha ficou morta.

Com os olhos brilhantes, Cochicho pegou um punhado de cabos e começou a se comunicar com a cidade.

Do momento em que Bond e Leiter entraram sob o toldo do Sugar Ray’s na Sétima Avenida com a 123rd Street, havia uma equipe de homens e mulheres observando-os ou à espera de observá-los, falando baixo com Cochicho na grande mesa telefônica em Riverside Exchange, seguindo-os até o lugar de encontro. Em um mundo em que naturalmente seriam o centro das atenções, Bond e Leiter sequer perceberam a engrenagem oculta, nem sentiram a tensão à sua volta.

Na famosa boate os bancos do bar estavam cheios, mas havia um pequeno reservado contra a parede, vago, e Bond e Leiter ocuparam os dois assentos apertados, tendo uma pequena mesa ao meio.

Pediram uísque e soda — Haig and Haig, garrafa côncava. Bond examinou a turma. Quase toda de homens. Havia dois ou três brancos, fãs de boxe ou colunistas esportivos de Nova York, concluiu Bond. A atmosfera era mais calorosa, mais espalhafatosa, do que no centro da cidade. As paredes estavam cobertas por fotos de boxe, principalmente de Sugar Ray Robinson, das cenas de suas grandes lutas. Lugar animado, de grande frequência.

“É um sujeito ajuizado o Sugar Ray”, disse Leiter. “Espero que a gente saiba parar quando chegar a hora. Guardou bastante dinheiro e agora está ficando mais rico ainda com as casas de espetáculo. Sua porcentagem aqui deve render muito dinheiro, e é dono de muitos imóveis na região. Ainda dá duro, mas não o tipo de trabalho que faz você ficar cego ou ter um derrame. Largou o negócio enquanto tinha saúde.”

“Provavelmente vai investir em um show da Broadway e perder tudo”, disse Bond. “Se eu parasse agora e fosse cultivar frutas em Kent, provavelmente ficaria na pior das piores, acabaria duro. É impossível calcular tudo.”

“Pode-se tentar”, disse Leiter. “Mas sei o que quer dizer — melhor um

pássaro na mão do que cem voando. Esta vida não é má quando se resume a ficar sentado em um bar confortável, bebendo bom uísque. Como é, está gostando deste cantinho da selva?” Ele se inclinou para a frente. “Escute só o casal atrás de você. Pelo que ouvi, parece saído daquele romance *Nigger Heaven*.”

Bond olhou com cautela por cima do ombro.

No reservado atrás havia um jovem negro bonito, trajando um terno caro, castanho-amarelado, com ombreiras exageradas. Estava encostado na parede com um dos pés no banco ao seu lado. Cortava as unhas da mão esquerda com um pequeno canivete de prata, olhando de vez em quando, com ar entediado, para o burburinho no bar. Sua cabeça descansava na divisória do reservado, logo atrás de Bond, exalando um cheiro de alisante caro. Bond notou bem o repartido artificial, feito com uma navalha, do lado esquerdo da cabeça, no cabelo quase liso, graças à aplicação constante do pente quente que sua mãe fazia nele desde criança. A gravata preta simples e a camisa branca eram de bom gosto.

Do lado oposto, inclinada com um ar preocupado no seu belo rosto, estava uma negra pequena e sexy, com um leve toque de sangue branco. Seus cabelos, pretos como breu, tão lustrosos quanto qualquer tipo de cabelo com permanente, serviam de moldura a um bonito rosto em forma de amêndoa, com olhos ligeiramente rasgados sob sobancelhas belamente delineadas. Era sensacional a cor púrpura de seus lábios, sensuais e entreabertos, em contraste com o bronzeado da pele. Bond conseguiu apenas distinguir em sua roupa o corpete justo e preto de um vestido de noite de cetim, revelando seus seios pequenos e firmes. Usava um colar e uma braceleira simples em cada pulso esguio, todos de ouro.

Discutia, ansiosa, e não deu atenção ao rápido olhar abrangente de Bond.

“Escute e veja se compreende”, disse Leiter. “É puro Harlem — o Sul caipira misturado a Nova York.”

Bond pegou o cardápio e se recostou no reservado, examinando o frango frito de \$ 3,75.

“Vamo, bem”, tentava persuadir a garota. “Por que cê parece tão cansado hoje à noite?”

“Acho que fico cansado só de ouvir você”, disse o sujeito, lânguido. “Por que não cala essa boca e me deixa quieto, em paz.”

“Quer que eu me mande, bem?”

“Você é que sabe, doçura.”

“Ah, bem”, suplicou a garota. “Não fica zangado comigo. Eu tava pensando em te dar um trato essa noite. Te levar pro Small Paradise, quem sabe. Pra ver aquelas piranhas todas rebolando. Birdie Johnson, o maître, me arranja uma mesa de frente na hora que eu quiser.”

A voz do homem se tornou de repente mais aguda. “O que esse Birdie significa pra você, hein?”, perguntou, desconfiado. “Quero saber exatamente”, fez uma pausa para que ela absorvesse a palavra comprida, “exatamente o que anda rolando entre você e esse crioulo safado? Tá transando com ele, não é? Acho que eu preciso examinar essa parada entre você e Birdie Johnson. Quem sabe descolar uma garota mais legal pra mim. Quer saber? Não me amarro em ninguém que pula a cerca quando tô na pior. É isso aí, neguinha. Preciso estudar esse lance aí.” Fez uma pausa ameaçadora. “Estudar mesmo”, acrescentou.

“Ah, amor”, a garota estava ansiosa. “Não adianta ficar puto comigo. Eu não fiz nada pra tu me esculhambar. Só pensei que cê curtisse uma mesa de frente na Paradise, em vez de ficar aqui sentado só contando miséria. Presta atenção, amor, cê sabe que eu nunca seria enrolada por Birdie Johnson. Essa não. Ele não significa nada pra mim. É o pior cara do Harlem, Deus me livre. Só que ele me arranja os melhores lugares naquele seu muquifo, e eu acho que a gente deve ir na onda, beber umas cervejas e se divertir. Vamos, amor. Vamos vazar daqui. Você tá tão bonito que quero que minhas amigas vejam a gente junto.”

“Você mesma tá nos trinquês, doçura”, disse o sujeito, amolecido pelo elogio à sua elegância, “juro. Mas, olha só, tu tem que ficar juntinha de mim e tirar os olhos daquele bunda-mole naquelas calças de palhaço. E vou dizer o seguinte”, acrescentou ameaçadoramente, “se eu te pegar dando mole pra aquele escroto, tiro o couro do teu lombo.”

“Tá bem, amor”, sussurrou a garota, toda excitada.

Bond ouviu o barulho arrastado do pé do sujeito, quando ele o tirou do banco e o pôs no chão.

“Vamos, amor. Garçom!”

“Já peguei o sentido”, disse Bond, largando o cardápio. “Parece que estão interessados nas mesmas coisas que todo mundo — sexo, diversão e se comparar aos vizinhos. Ainda bem que não são afetados.”

“Alguns são”, disse Leiter. “Xícaras de chá, jardineiras nas janelas e

biquinhos para lá e para cá. A igreja metodista domina. O Harlem está cheio de distinções sociais, do mesmo modo que qualquer grande cidade, mas com o acréscimo de todos os matizes de cor. Vamos lá”, sugeriu, “vamos comer alguma coisa.”

Terminaram seus drinques e Bond pediu a conta.

“Hoje à noite a despesa é toda minha”, falou. “Preciso me livrar de um dinheirão e trouxe trezentos dólares por causa disso.”

“Por mim, está ótimo”, comentou Leiter, que sabia sobre os mil dólares de Bond.

Quando o garçom pegava a gorjeta, Leiter de repente disse: “Sabe onde Big Man está trabalhando hoje à noite?”

O garçom revirou os olhos.

Inclinou-se e bateu com o guardanapo na mesa.

“Tenho mulher e filhos, patrão”, murmurou do canto da boca. Empilhou os copos na bandeja e voltou para o bar.

“Mr. Big tem a melhor proteção possível”, disse Leiter. “O medo.”

Foram para a Sétima Avenida. A chuva parara, mas o *Hawkins*, o vento gélido do norte, que os negros saúdam com um respeitoso “Hawkins chegou”, viera esvaziar as ruas da multidão de sempre. Leiter e Bond andavam atrás de um punhado de casais na calçada. Receberam olhares de desprezo, ou francamente hostis. Um ou dois sujeitos cuspiram na sarjeta depois que eles haviam passado.

Bond de repente sentiu a força do que Leiter lhe contara. Eram invasores em território estrangeiro. Simplesmente não eram bem-vindos. Bond sentiu a mesma inquietação que sentira tantas vezes durante a guerra, quando estivera trabalhando por algum tempo atrás das linhas inimigas. Afastou de si essa sensação.

“Vamos ao Ma Frazier’s, mais acima na avenida”, propôs Leiter. “A melhor comida do Harlem, ou pelo menos costumava ser.”

No caminho Bond olhou para as vitrines.

Ficou espantado com a quantidade de barbeiros e salões de beleza. Todos anunciavam uma variedade de fórmulas para esticar o cabelo — “Apex Glossatina, para usar com o pente quente”, “Silky Strate. Não deixa vermelhidão, nenhuma queimadura” — ou fórmulas secretas para embranquecer a pele. O segundo lugar em quantidade pertencia aos

armarinhos, lojas de roupas com sapatos masculinos fantásticos de couro de cobra, camisas com estamparia de pequenos aviões, calças de boca estreita, ternos de malandro. Todas as livrarias estavam cheias de livros de autoajuda — aprenda como fazer isso ou aquilo — e revistas em quadrinhos. Havia várias lojas dedicadas a amuletos da sorte e vários ocultismos — *As sete chaves para o poder*, “O livro mais estranho jamais escrito”, com subtítulos como “Se você for amaldiçoado, mostre como desfazer e devolver a maldição”, “Cante seus desejos na Língua Silenciosa”, “Enfeite qualquer um, em qualquer lugar”, “Faça qualquer pessoa te amar”. Entre os amuletos havia “High John, a raiz das conquistas amorosas”, “Óleo de primeira, para arranjar dinheiro”, “Pós em sachês, para descarrego”, “Incenso para remover feitiços” e “Feitiço de mão Whamie, protege do mal. Confunde e engana os inimigos”.

Bond refletiu que não era de espantar que Big Man encontrasse no vodu uma arma tão poderosa para dominar as cabeças de gente que ainda fugia de uma pena branca de galinha, ou de dois gravetos cruzados em uma encruzilhada — bem no meio da capital reluzente do mundo ocidental.

“Foi bom a gente ter vindo”, disse Bond. “Estou começando a perceber o elemento em que Big Man funciona. Não conseguimos ter ideia disto em um país feito a Inglaterra. Somos uma gente supersticiosa — especialmente os celtas —, mas aqui se ouve o batuque dos tambores.”

Leiter resmungou. “Ficarei contente de voltar para minha cama”, observou. “Mas precisamos avaliar esse cara antes de resolver como enfrentá-lo.”

Ma Frazier era um alegre contraste com a tristeza das ruas. Comeram um excelente prato de mexilhões de Little Neck e frango frito de Maryland, com bacon e milho-doce. “Precisamos pedir isso”, dissera Leiter. “É o prato nacional.”

O ambiente era muito civilizado no restaurante aquecido. O garçom parecia contente em vê-los e indicou várias celebridades presentes, mas, quando Leiter fez uma súbita pergunta sobre Mr. Big, fingiu não ouvir. Manteve-se afastado até que eles pedissem a conta.

Leiter repetiu a pergunta.

“Desculpe, senhor”, respondeu rápido o garçom. “Não consigo me lembrar de ninguém com esse nome.”

Quando deixaram o restaurante eram dez e meia e a avenida estava quase deserta. Pegaram um táxi até o Savoy Ballroom, tomaram um uísque com

soda e ficaram observando os dançarinos.

“A maioria das danças modernas foi inventada aqui”, disse Leiter. “Isso mostra como é bom. A Lindy Hop, Truckin, a Susie Q, a Shag. Tudo começou nesta pista de dança. Toda grande banda americana tem orgulho de já ter tocado aqui — Duke Ellington, Louis Armstrong, Cab Calloway, Noble Sissle, Fletcher Henderson. É a meca do jazz e da dança.”

Pegaram uma mesa perto da balaustrada que circundava o enorme piso. Bond ficou fascinado. Achou muitas garotas bonitas. A batida da música acabou se confundindo com o ritmo de suas pulsações, até fazê-lo quase se esquecer do motivo de estar ali.

“É contagiante, não é?”, falou Leiter, por fim. “Eu poderia ficar aqui a noite inteira. Mas é melhor ir andando. Senão perderemos o Small Paradise. Bem parecido com isto aqui, mas não chega a ter a mesma categoria. Acho que o levarei ao Yeah Man, lá na Sétima Avenida. Depois disso precisamos ir a uma das espeluncas do próprio Mr. Big. O problema é que só abrem depois de meia-noite. Farei uma visita ao banheiro enquanto você paga a conta. Tentarei conseguir uma pista de onde ele estará esta noite. Não quero ir a todos os seus estabelecimentos.”

Bond pagou a conta e encontrou Leiter embaixo, no vestíbulo estreito.

Saíram juntos e andaram pela rua à procura de um táxi.

“Custou vinte paus”, falou Leiter, “mas disseram que ele estará no Boneyard. Um lugar pequeno na Lenox Avenue. Bem perto de seu quartel-general. O striptease mais quente da cidade. Tem uma garota chamada G-G Sumatra. Vamos tomar outro drinque no Yeah Man e ouvir o piano. Sairemos por volta de meia-noite e vinte.”

A grande mesa telefônica estava agora a apenas poucos quarteirões, e quase silenciosa. Os dois tinham sido observados entrando e saindo do Sugar Ray’s, do Ma Frazier’s e do Savoy Ballroom. Viram-nos entrar no Yeah Man. À meia-noite e meia houve a última ligação e a mesa silenciou.

Mr. Big falou no telefone interno. Primeiro para o garçom-chefe.

“Tem dois brancos chegando dentro de cinco minutos. Dê-lhes a mesa Z.”

“Sim, senhor, patrão”, respondeu o garçom-chefe. Atravessou correndo a pista de dança até uma mesa bem à direita, oculta do salão por uma larga pilastra. Era ao lado da entrada de serviço, mas tinha uma boa visão da pista e da banda, do lado oposto.

Estava ocupada por um grupo de quatro, dois homens e duas garotas.

“Desculpe, pessoal”, disse o garçom-chefe. “Houve um engano. Esta mesa estava reservada. Jornalistas do centro.”

Um dos sujeitos começou a discutir.

“Sai, cara”, disse o garçom com rispidez. “Lofty, leve estes senhores à mesa F. Os drinques serão por conta da casa, Sam”, falou chamando outro garçom, “limpe a mesa. Dois couverts.” O grupo de quatro se mudou docilmente, apaziguado pela perspectiva das bebidas gratuitas. O garçom-chefe colocou uma placa de “reservada” na mesa Z, examinou-a e voltou para seu posto junto ao gráfico de reserva das mesas, na escrivaninha alta ao lado da entrada coberta por cortinas.

Enquanto isso, Mr. Big fez mais duas ligações no telefone interno. Uma para o mestre de cerimônias.

“Apague as luzes no final do ato de G-G.”

“Sim, senhor, patrão”, respondeu imediatamente o MC.

O outro telefonema foi para quatro sujeitos que jogavam dados no porão. Uma longa ligação, cheia de detalhes.

6.

A MESA Z

À meia-noite e quarenta e cinco, Bond e Leiter pagaram o táxi e entraram sob a placa de néon verde e violeta que anunciava “The Boneyard”.

A batida surda do ritmo e o cheiro agridoce os fizeram balançar quando empurraram a cortina pesada depois da porta de vaivém. Os olhos pidões das garotas da chapelaria brilharam.

“O senhor tem reserva?”, perguntou o garçom-chefe.

“Não”, respondeu Leiter. “Não nos importamos de ficar sentados no bar.”

O garçom-chefe consultou o seu esquema de mesas. Pareceu decidir. Pousou seu lápis com firmeza em um ponto embaixo da cartela.

“Tem um grupo que não apareceu. Acho que não posso guardar sua reserva a noite inteira. Por aqui, por favor.” Segurava a cartela acima da cabeça e conduziu-os em volta da pequena pista de dança. Puxou uma das cadeiras e retirou o cartão da reserva.

“Sam”, disse, chamando um garçom. “Cuide destes senhores.” E foi embora.

Pediram uísque com soda e sanduíches de frango.

Bond deu uma fungada. “Maconha”, comentou.

“A maioria do pessoal realmente descolado gosta de baseados”, explicou Leiter. “Não seria permitido na maioria dos estabelecimentos.”

Bond olhou em volta. A música cessara. O pequeno quarteto de clarinete, baixo, guitarra e bateria saía pelo canto do outro lado. Meia dúzia aproximada de casais voltava, alguns com passos de dança, para as suas mesas, e a luz púrpura, sob a pista de dança de vidro, foi desligada. No lugar dela acenderam-se feixes de luz, finos como lápis, que vinham do teto, batendo em globos multifacetados de vidro, maiores que bolas de futebol, suspensos a intervalos em volta da parede. Eram de várias tonalidades: azul, dourado, verde, violeta, vermelho, e luziam como sóis coloridos ao serem atingidos

pelos raios. As paredes pretas envernizadas refletiam seu brilho, como o suor nos rostos de ébano dos homens. Às vezes alguém sentado no meio de dois reflexos mostrava faces de cores diferentes: uma verde, outra vermelha. A iluminação tornava impossível distinguir as feições de alguém, a não ser que estivesse a menos de um metro. Algumas luzes tornavam o batom nos lábios das garotas preto, outras iluminavam o rosto inteiro, com um brilho quente de um lado e, do outro, com uma luminosidade de afogado.

A cena inteira era lívida e macabra, como se El Greco houvesse pintado, ao luar, a exumação de uma sepultura em uma cidade em chamas.

A sala não era grande, talvez setenta metros quadrados. Havia cerca de cinquenta mesas e os clientes se apertavam como sardinha em lata. Fazia calor e o ar estava abafado, com o cheiro doce e animal de duzentos corpos negros. O barulho era terrível — no fundo o falatório dos negros se divertindo sem reservas, pontuado por ruídos altos e repentinos, gritos, risadinhas agudas e vozes altas se chamando através da sala.

“Nossa, olha quem tá aqui...”

“Onde você se meteu, garota...”

“Deus do céu, se não for Pinkus... Oi, Pinkus...”

“Venham pra cá...”

“Me deixa... me deixa, estou te dizendo...” (o barulho de um tapa).

“Onde tá a G-G? Dá-lhe G-G. Vem mostrar o que sabe...”

De vez em quando um homem ou uma mulher surgia na pista e começava uma dança solo louca. Os amigos batiam palmas em ritmo. Uma porção de assobios estridentes e gritos o incentivava. Se fosse uma garota, com gritos de “tira, tira, tira”, “rebola, rebola”, “bota pra quebrar”, até que o MC chegasse e esvaziasse a pista, entre gemidos e resmungos contrariados.

O suor começou a se acumular em gotas na testa de Bond. Leiter se inclinou e falou com as mãos em concha: “Três saídas. Da frente. De serviço, atrás de nós. E atrás do lugar da banda.” Bond balançou a cabeça. Naquele instante achava que não tinha importância. Aquilo ali não era novidade para Leiter, mas para Bond era um close da matéria-prima de Big Man, o barro que ele trabalhava com as mãos. A noite revestia de carne a ossatura dos dossiês que ele lera em Londres e Nova York. Se ela acabasse agora, sem que tivessem visto Big Man de perto, ainda assim Bond achava que sua informação referente ao caso estava completa. Tomou um longo gole de uísque. Houve uma salva de palmas. O MC surgira na pista de dança, um

negro alto em um fraque impecável, com um cravo vermelho na lapela. Estava de pé, com os braços erguidos. A luz branca de um único holofote o recobria. O resto da sala ficou escuro.

Fez-se silêncio.

“Gente”, anunciou o MC, com um largo sorriso de dentes brancos e dourados. “Chegou a hora.”

Uma salva de palmas excitadas.

Virou-se para a esquerda da pista, bem defronte a Leiter e Bond.

Estendeu a mão esquerda. Outro foco de luz surgiu.

“Senhor Jungles Japhet e seus atabaques.”

Aplausos estrondosos, gritos, assobios.

Apareceram quatro negros sorridentes com camisas cor de fogo e calças brancas de boca estreita, agachados em cima de quatro cilindros de madeira afunilados, tapados com couro cru. Eram de tamanhos diferentes os atabaques. Os negros eram magros e musculosos. O que estava sentado em cima do surdo ergueu-se por um instante e apertou as próprias mãos, dirigindo-se à plateia.

“Batuqueiros de vodu, do Haiti”, sussurrou Leiter.

Houve silêncio. Com as pontas dos dedos, os tocadores começaram uma batida lenta, quebrada, de uma rumba arrastada e suave.

“E agora, amigos”, anunciou o MC, ainda virado para os tambores, “G-G...”, pausa, “SUMATRA”.

A última palavra foi gritada. O MC começou a aplaudir. Houve pandemônio na sala, um frenesi de palmas. A porta atrás dos atabaques se abriu de repente e dois negros enormes, nus, a não ser por tangas douradas, correram até a pista carregando entre eles uma pequena figura, com os braços passados atrás dos seus ombros, totalmente coberta por penas pretas de avestruz, e os olhos tapados por um véu preto.

Largaram-na no meio da pista. Inclinarão-se ao lado dela até que suas testas tocassem o chão. Ela deu dois passos à frente. Com os spots que antes os iluminaram, desligados, os dois negros sumiram na penumbra, depois pela porta.

O MC desaparecera. Fez-se silêncio absoluto, salvo pela batida cava dos atabaques.

A garota levou a mão à garganta e a túnica de penas pretas caiu da frente de seu corpo e se abriu em um leque de um metro e meio. Girou-o lentamente até que aparecesse, atrás dela, como uma cauda de pavão. Estava nua, exceto por um pequeno tapa-sexo de renda preta e uma estrela preta de lantejoulas em cada seio, além do fino véu tapando os olhos. Os atabaques tocavam mais alto. Seu corpo era pequeno, bronzeado, firme, belo. Levemente untado, brilhava na luz branca.

A plateia fazia silêncio. Os tambores começaram a acelerar a batida. O surdo no ritmo exato do pulso humano.

A barriga nua da garota começou lentamente a se contorcer, acompanhando o ritmo. Ela passou o leque pela frente, empinando-o de novo atrás, e seus quadris começaram a remexer no ritmo do surdo. A parte de cima de seu corpo permaneceu imóvel. As penas pretas passaram de novo, e agora seus pés e seus ombros também se remexiam. Os tambores tocaram mais alto. Cada parte de seu corpo parecia acompanhar um ritmo diferente. Seus lábios estavam ligeiramente entreabertos. As narinas começaram a se dilatar. Via-se o olhar esbraseado por trás das fendas amendoadas. O rosto era sexy, parecido com o de uma cadela pug — *chienne* foi a única palavra que Bond conseguiu evocar.

Os atabaques batiam mais rápido, vários ritmos entrelaçados. A garota jogou o grande leque no chão, ergueu os braços acima da cabeça. Todo o seu corpo começou a tremer. Sua barriga se contorcia mais depressa. Girando sem parar, para dentro e para fora. As pernas se abriram. Os quadris começaram a rebolar em um largo círculo. De repente ela arrancou a estrela de lantejoulas do seio direito, atirando-a na plateia. Esta se manifestou pela primeira vez, com um leve rugido. Em seguida, silêncio de novo. Os tambores começaram a rufar e roncar. Escorria suor dos tocadores. Suas mãos se sacudiam como se fossem panos cinza sobre os couros claros. Olhos arregalados, distantes. As cabeças levemente inclinadas de um lado, para ouvir. Mal olhavam para a garota. A plateia prendia o fôlego ligeiramente, com os olhos líquidos a girar.

Ela agora brilhava toda de suor. Os seios e a barriga estavam luzidios. Irrompeu em grandes tremores. Abriu a boca e gritou baixinho. Baixou as mãos serpenteantes para os lados e de repente havia arrancado a tanguinha de renda. Jogou-a na plateia. Agora só restava um fio preto. Os atabaques criaram um furacão de ritmos eróticos. Ela gritou baixinho várias vezes e então, com os braços estendidos como uma balança, começou a baixar o corpo até o chão e a erguê-lo de novo. Cada vez mais depressa. Bond podia ouvir a plateia grunhindo ofegante, como porcos na pocilga. Sentiu as

próprias mãos agarrarem a toalha. A boca seca.

A plateia começou a gritar. “Dá-lhe, G-G! Tira, garota! Bota pra quebrar!”

Ela caiu de joelhos e o ritmo foi diminuindo lentamente, enquanto os últimos tremores também a percorriam, acompanhados de miados discretos.

A batida dos tambores se reduziu a um batuque lento e arrastado. A plateia uivava, pedindo seu corpo. Choviam obscenidades pesadas de vários cantos da sala.

O MC apareceu na pista, com um spot em cima.

“Está bem, gente, está bem.” O suor pingava de seu queixo. Estendeu os braços, vencido.

“G-G DISSE SIM!”

Houve um uivo de deleite na plateia. Agora ela ficaria totalmente nua. “Tira, G-G! Mostra o que cê tem, garota! Vamo lá, vamo!”

Os atabaques troavam e repicavam baixinho.

“Porém, meus amigos”, gritou o MC, “ela exige que seja no ESCURO!”

Um grande gemido de frustração percorreu a plateia. A sala inteira mergulhou na escuridão.

“Deve ser uma velha piada”, pensou Bond.

De repente todos os seus sentidos se puseram em alerta.

O gemido da multidão diminuía rapidamente. Ao mesmo tempo, ele sentiu um ar frio no rosto. Teve a sensação de estar afundando.

“Ei”, gritou Leiter. Sua voz estava próxima, mas parecia cavernosa.

“Céus”, pensou Bond.

Algo se fechou com um baque acima de sua cabeça. Estendeu a mão para trás. Ela tocou em uma parede em movimento, a trinta centímetros de suas costas.

“Luzes”, disse uma voz, baixinho.

Ao mesmo tempo, agarraram seus dois braços. Empurraram-no com força para baixo, na cadeira.

Em frente, ainda na mesa, estava sentado Leiter, com um negro enorme agarrando o seu cotovelo. Encontravam-se em uma pequena cela quadrada. À

direita e à esquerda havia mais dois negros, com armas apontadas para eles.

Houve um sibilo agudo de elevador de garagem e a mesa pousou tranquilamente no chão. Bond olhou para cima. Havia o discreto recorte de um largo alçapão poucos metros acima de suas cabeças. Nenhum ruído vinha dele.

Um dos negros deu um sorriso.

“Calma, pessoal. Gostaram da viagem?”

Leiter soltou um único palavrão. Bond relaxou os músculos, à espera.

“Qual é o inglês?”, perguntou o negro que falara. Parecia o encarregado. A pistola que apontava indolentemente para o coração de Bond era toda trabalhada. Via-se um brilho de madrepérola entre seus dedos na coronha, e o longo cano octogonal era belamente cinzelado.

“Esse aqui, acho”, respondeu o negro que segurava o braço de Bond. “Tem a cicatriz.”

O negro agarrava o braço de Bond com uma força terrível. Era como se lhe tivessem aplicado dois torniquetes apertados acima dos cotovelos. Suas mãos estavam começando a ficar dormentes.

O sujeito da pistola trabalhada deu a volta na mesa. Enfiou o cano da arma na barriga de Bond. O cão estava puxado.

“É difícil errar desta distância”, disse Bond.

“Cala a boca”, gritou o negro. Revistou Bond com competência, usando a mão esquerda — nas pernas, coxas, costas, lados. Tirou a arma de Bond e entregou-a para o outro sujeito armado.

“Dá isso aqui pro patrão, Tee-Hee”, falou. “Leva o inglês lá pra cima. Vai junto. O outro cara fica comigo.”

“Sim senhor”, disse o homem chamado Tee-Hee, um negro pançudo vestindo uma camisa cor de chocolate e calças de boca estreita, lavanda.

Bond foi puxado para se levantar. Estava com um pé preso na perna da mesa. Deu uma arrancada para cima. Ouviu-se o barulho de copos quebrados e de talheres. Ao mesmo tempo, Leiter chutou para trás, contornando a perna da cadeira. Houve um belo “clonque” quando seu pé acertou o tornozelo do guarda. Bond fez o mesmo, mas errou. Houve um momento caótico, mas nenhum dos guardas relaxou o aperto. O guarda de Leiter levantou-o da cadeira, como se ele fosse uma criança, colocou-o de face com a parede e empurrou-o com força contra ela. Quase arrebentou seu nariz. O guarda

virou-o. O sangue escorria pela sua boca.

As duas armas ainda estavam firmemente apontadas para eles. Fora um esforço inútil, mas por um átimo haviam reconquistado a iniciativa e reagido ao choque da captura.

“Não desperdiça fôlego”, aconselhou o negro que dava as ordens. “Leva o inglês”, disse, dirigindo-se ao guarda de Bond. “Mr. Big tá esperando.” Virou-se para Leiter: “Melhor se despedir do teu amigo”, avisou. “Não é provável que se vejam de novo.”

Bond sorriu para Leiter: “Sorte termos combinado com a polícia para nos encontrar aqui às duas. A gente se vê na acareação.”

Leiter devolveu o sorriso. Seus dentes estavam tingidos de sangue. “O chefe Monahan vai ficar contente com essa turma. Até breve.”

“Merda nenhuma”, disse o negro, convicto. “Vamo andando.”

O guarda de Bond virou-o com força e o empurrou contra uma parte da parede. Esta girou sobre um pino, dando para um longo corredor vazio. O sujeito chamado Tee-Hee abriu passagem, empurrando, e foi de guia na frente.

A porta voltou a se fechar depois que passaram.

7.

MISTER BIG

Seus passos reverberavam ao longo do grande corredor de pedra. No final havia uma porta. Passaram e enveredaram por outro longo corredor iluminado pela ocasional lâmpada no teto. Mais uma porta e se encontraram em um grande armazém. Caixotes e fardos estavam arrumados em pilhas ordenadas. Havia trilhos para guindastes suspensos. Pelas marcas nas caixas, parecia um depósito de bebidas. Seguiram uma passagem até uma porta de ferro. O sujeito chamado Tee-Hee tocou a campainha. Fazia um silêncio absoluto. Bond calculou que deviam ter andado pelo menos um quarteirão desde a boate.

Houve um barulho de ferrolhos e a porta se abriu. Um negro de smoking, com uma arma na mão, se afastou de lado e deixou-os passar para um saguão atapetado.

“Pode ir entrando, Tee-Hee”, disse o sujeito de smoking.

Tee-Hee bateu na porta em frente, abriu-a e foi guiando-os.

Em uma cadeira de espaldar alto, atrás de uma escrivaninha cara, sentava-se Mr. Big, olhando-os tranquilamente.

“Bom dia, senhor James Bond.” A voz era grave e aveludada. “Sente-se.”

O guarda de Bond levou-o pelo grosso tapete até uma poltrona baixa de couro e tubos de aço. Soltou seu braço, e Bond se sentou, encarando Big Man atrás da larga escrivaninha.

Era um alívio abençoado se ver livre daquelas mãos que pareciam tenazes. Toda a sensibilidade dos antebraços de Bond se fora. Deixou-os pender dos lados e recebeu com alegria a dor surda do sangue que voltava a circular.

Mr. Big permanecia sentado, olhando-o, descansando a enorme cabeça no espaldar da cadeira alta. Não disse nada.

Bond percebeu de imediato que as fotos não haviam transmitido coisa

alguma deste homem, nada do poder e da inteligência que pareciam emanar dele, nada de suas feições exageradas.

Era uma cabeça do tamanho de uma bola de futebol, duas vezes maior do que o normal e quase totalmente redonda. A pele era preta-acinzentada, esticada e lúzida como a do rosto de um cadáver há uma semana submerso no rio. Era glabra, salvo por uns pequenos tufo de cabelo castanho-acinzentado acima das orelhas. Não havia sobrancelhas, nem cílios, e os olhos eram tão separados, que era impossível focar os dois simultaneamente, apenas um de cada vez. Seu olhar era firme e penetrante. Quando pousava em algo, parecia devorá-lo, abarcá-lo todo. Os olhos eram levemente salientes, com íris douradas em volta de pupilas negras, agora dilatadas. Eram olhos animais, não humanos, e pareciam esbraseados.

O nariz era largo, embora não fosse especialmente negroide. As narinas não se apresentavam como cavidades enormes. Os lábios, apenas levemente revirados, eram grossos e escuros. Só se abriam quando ele falava, e então revelavam os dentes e as gengivas rosa pálidas.

Tinha poucas rugas ou marcas, com exceção de dois grandes sulcos acima do nariz, sulcos de concentração. Acima deles, a testa era levemente abaulada antes de se fundir com o topo polido e calvo da cabeça.

Curiosamente, não havia nada de desproporcional relativo àquela cabeça monstruosa. Encimava um pescoço curto e largo, sustentado por ombros gigantescos. Bond sabia pela ficha que ele tinha dois metros de altura e pesava cento e vinte e sete quilos, e que pouca coisa disso era gordura. Porém, a impressão global era medonha, até mesmo aterrorizante, e Bond era capaz de imaginar esse desajustado, obcecado desde criança em se vingar do destino e do mundo, que o odiava porque o temia.

Big Man trajava um smoking. Havia um toque de vaidade nos diamantes que brilhavam no peito e nos punhos de sua camisa. Suas grandes mãos chatas descansavam, meio dobradas, na mesa à sua frente. Não havia vestígio de cigarros ou cinzeiro, e o quarto tinha um cheiro neutro. Não havia nada em cima da escrivaninha, salvo um interfone grande com cerca de vinte canais e, estranhamente, um chicote muito pequeno de montaria, com cabo de marfim e um longo e fino látigo.

Mr. Big olhava, concentrado, profunda e silenciosamente para Bond, do lado oposto da mesa.

Em contrapartida, depois de estudá-lo cuidadosamente, Bond olhou em volta do quarto.

Estava cheio de livros e era espaçoso, tranquilo e muito silencioso, como a biblioteca de um milionário.

Havia uma janela alta por cima da cabeça de Mr. Big, mas, fora isso, as paredes estavam cobertas de estantes. Bond se virou na cadeira. Mais estantes entulhadas de livros. Não havia sinal da porta, mas poderia haver uma quantidade delas disfarçadas como estantes. Os dois negros que o haviam trazido permaneciam um pouco constrangidos contra a parede atrás de sua cadeira. Estavam temerosos. Não olhavam para Mr. Big, mas para uma curiosa efígie que descansava em uma mesa no espaço aberto à direita, ligeiramente atrás de Mr. Big.

Mesmo com seus poucos conhecimentos de vodu, Bond a reconheceu de imediato, a partir da descrição de Leigh Fermor.

Uma cruz de um metro e sessenta jazia sobre um pedestal branco. Os braços da cruz estavam enfiados nas mangas de um fraque preto empoeirado, cujas caudas pendiam por trás da mesa, até o chão. Por cima da gola do fraque, um chapéu-coco, cujo topo furado dava passagem à extremidade vertical da cruz, o espreitava. Alguns centímetros abaixo da aba, em volta do pescoço da cruz, pousado sobre as traves horizontais, havia um largo colarinho engomado de clérigo.

Na base do pedestal branco sobre a mesa descansava um velho par de luvas cor de limão. Um cajado curto de málaca, com castão de ouro, estava encostado no ombro esquerdo da efígie. Havia também na mesa uma cartola preta em mau estado.

Aquele espantalho do mal espreitava o quarto — o deus dos cemitérios e chefe da legião dos mortos, Baron Samedi. Até para Bond parecia transmitir uma mensagem medonha, aterrorizante.

Bond desviou o olhar para o grande rosto preto-acinzentado do outro lado da mesa.

Mr. Big falou:

“Quero você, Tee-Hee.” Seus olhos se mexeram. “Pode ir para Miami.”

“Sim, senhor, patrão”, disseram ambos ao mesmo tempo.

Bond ouviu uma porta se abrir e fechar.

Fez-se silêncio de novo. De início os olhos de Mr. Big ficaram focados incisivamente em Bond. Examinaram-no meticulosamente. Mas agora Bond notou que, embora ainda descansassem nele, haviam ficado ligeiramente

opacos. Olhavam para Bond sem o ver. Este tinha a impressão de que o cérebro por trás deles estava ocupado, longe dali.

Bond estava determinado a não se deixar perturbar. A sensibilidade voltara às suas mãos, e ele as aproximara do corpo para pegar seus cigarros e o isqueiro.

Mr. Big falou:

“Pode fumar, sr. Bond. Caso sua intenção seja outra, faça o favor de se inclinar para a frente e examinar o buraco da fechadura da gaveta desta escrivaninha diante de sua cadeira. Estarei pronto para o senhor dentro de um momento.”

Bond se inclinou. Era um buraco grande de fechadura. Na realidade, Bond calculou um diâmetro de .45 polegadas. Disparado, supunha, por um pedal debaixo da escrivaninha. Esse sujeito tinha um punhado de truques. Pueris. Pueris? Mas que talvez não devessem ser desprezados tão facilmente. Os truques — a bomba, a mesa que desapareceu — tinham funcionado bem, com eficiência. Não haviam sido meros gestos de vaidade para impressionar. Não havia nada de absurdo quanto a essa arma. Trabalhosa, talvez, mas via-se obrigado a confessar que a coisa era tecnicamente viável.

Acendeu um cigarro e inalou a fumaça profundamente, grato e satisfeito. Não se sentia especialmente preocupado com sua situação. Recusava-se a crer que fosse lhe acontecer algum mal. Seria um serviço porco fazê-lo desaparecer dois dias depois de sua chegada da Inglaterra, a não ser que fosse possível simular algum acidente muito bem pensado. E teriam de se livrar de Leiter também. Seria simplesmente algo intolerável para os dois serviços, e Mr. Big devia sabê-lo. Porém, Bond estava preocupado com Leiter nas mãos daqueles macacos pretos desajeitados.

Os lábios de Big Man se abriram lentamente.

“Há muitos anos que não vejo um membro do serviço secreto, senhor Bond. Desde a guerra. O seu serviço fez um bom trabalho na época. Vocês têm alguns homens capazes. Soube pelos meus amigos que pertence ao alto escalão. Tem dois zeros antes da identificação, acredito — 007, se bem me lembro. O significado desse duplo zero, dizem, é que você foi obrigado a matar alguém durante uma missão. O serviço não deve ter muitos zeros duplos, pois não privilegia o assassinato como arma. Mandaram-no aqui para matar quem, sr. Bond? Não a mim, espero.”

A voz era suave e até mesmo inexpressiva, com uma ligeira mistura de sotaques americano e francês. Mas o inglês era quase pedante na sua precisão,

sem nenhum traço de gíria.

Bond permaneceu calado. Presumiu que Moscou mandara uma mensagem com a sua descrição.

“É preciso responder, senhor Bond. O destino dos dois depende disso. Tenho confiança na minha fonte de informações. Sei muito mais do que falei. Saberei descobrir facilmente qualquer mentira.”

Bond acreditava nele. Escolheu uma história que pudesse sustentar e que batesse com os fatos.

“Existem moedas de ouro inglesas circulando na América. Rose Nobles de Eduardo IV”, disse. “Algumas foram vendidas no Harlem. O Tesouro americano pediu uma ajuda para rastreá-las, pois devem provir de uma fonte britânica. Vim pessoalmente ao Harlem para ver esta situação, acompanhado de um representante do Tesouro americano, que espero estar a caminho do hotel, são e salvo.”

“O senhor Leiter é representante da CIA, e não do Tesouro”, disse Mr. Big, friamente. “A posição dele neste momento é extremamente delicada.”

Fez uma pausa, parecendo pensar. Seu olhar ultrapassou Bond.

“Tee-Hee.”

“Sim senhor, patrão.”

“Amarre o senhor Bond na cadeira.”

Bond se ergueu até quase ficar de pé.

“Não se mexa, senhor Bond”, disse a voz macia. “O senhor tem alguma chance de sobreviver se ficar onde está.”

Bond olhou para Big Man, para seus olhos dourados e impassíveis.

Arriou o corpo de volta na cadeira. Imediatamente, passaram uma correia larga em volta dele e a prenderam bem. Duas correias curtas passavam em volta dos pulsos e eram presas aos braços de couro e de metal. Duas a mais em torno dos tornozelos. Ele poderia se arremessar, junto com a cadeira, no chão, mas fora isso se encontrava impotente.

Mr. Big apertou uma tecla no interfone.

“Mande entrar a srta. Solitaire”, disse, soltando a tecla.

Houve um breve intervalo e então uma parte da estante à direita se abriu.

Uma das mulheres mais bonitas que Bond já vira surgiu lentamente e

fechou a porta depois. Entrou um pouco no quarto e ficou observando Bond, examinando-o palmo a palmo, da cabeça aos pés. Depois de completar seu exame minucioso, virou-se para Mr. Big.

“Sim?”, perguntou, inexpressivamente.

Mr. Big não mexera a cabeça. Dirigiu-se a Bond.

“Esta é uma mulher extraordinária, senhor Bond”, disse na mesma voz baixa e tranquila, “e vou me casar com ela porque é única. Achei-a em um cabaré no Haiti, onde nasceu. Estava fazendo uma apresentação de telepatia que eu não pude compreender. Estudei-o mais a fundo, e mesmo assim não consegui deslindá-lo. Não havia nada a decifrar. Era mesmo telepatia.”

Mr. Big fez uma pausa.

“Digo-lhe isto como aviso. Ela é a minha inquisidora. A tortura é uma coisa suja e inconclusiva. As pessoas contam aquilo que lhes aliviará a dor. Com esta garota não é preciso utilizar métodos toscos. Consegue adivinhar se as pessoas estão dizendo a verdade. Por isso será a minha mulher. É demasiadamente valiosa para continuar em liberdade. E”, prosseguiu de modo brando, “será interessante ver nossos filhos.”

Mr. Big virou-se para ela e fitou-a, impassivelmente.

“Por enquanto é difícil. Não quer nada com os homens. Por isso é que, no Haiti, nós a chamamos de ‘Solitaire’.”

“Pegue uma cadeira”, falou para ela em voz baixa. “Diga se este homem está mentindo. Fique longe da arma”, acrescentou.

A garota não disse nada, mas pegou uma cadeira parecida com a de Bond, junto à parede, e a empurrou para perto dele. Sentou-se, quase tocando o joelho direito de Bond. Olhou nos seus olhos.

Seu rosto era pálido, com a palidez das famílias que viveram muito tempo nos trópicos. Mas não demonstrava nenhum sinal do cansaço que o ambiente tropical infunde à pele e aos cabelos. Os olhos eram azuis, ardentes e desdenhosos, mas, ao olharem para os seus com uma insinuação de humor, ele percebeu que lhe transmitiam uma mensagem pessoal. Mas esta deixou de existir quando Bond reagiu com o seu próprio olhar. Seus cabelos eram pretos-azulados e caíam pesadamente até os ombros. Tinha maçãs do rosto salientes e uma boca larga e sensual, com um toque de crueldade. O perfil do queixo era delicado e belo. Demonstrava um caráter decidido e uma vontade de ferro, reproduzidos no nariz reto, pontudo. Uma parte da beleza do rosto provinha da ausência de conciliação. Rosto nascido para mandar. Rosto de

filha de francês, senhor de escravos colonial.

Trajava um vestido longo de noite, de seda branca, pesada e fosca, cujo corte clássico era quebrado pelas longas dobras que caíam dos ombros, deixando à mostra a parte de cima dos seios. Tinha brincos de diamantes, lapidados em *baguette*, e uma pulseira fina de diamantes no pulso esquerdo. Não usava anéis. As unhas eram curtas, sem esmalte.

Olhou nos olhos dele e juntou os antebraços displicentemente no colo, aprofundando o vazio entre os seios.

Era uma mensagem inconfundível, e a reação calorosa de Bond deve ter se revelado no seu rosto frio e tenso, porque de repente Big Man pegou o pequeno chicote de marfim em cima da escrivaninha, ao seu lado, e deu uma chicotada que assobiou no ar e foi morder com crueldade os ombros da mulher.

Bond estremeceu ainda mais que ela, cujo olhar se incendiou por um instante, passando depois a tomar um aspecto ausente.

“Sente-se direito”, disse Big Man em voz baixa, “isso não são modos.”

Ela se endireitou lentamente. Tinha um maço de cartas em uma das mãos, que começou a embaralhar. Em seguida, como provocação talvez, mandou-lhe outra mensagem — de cumplicidade, de mais do que cumplicidade.

Dividiu o baralho. Em uma das mãos ficou por cima o valete de ouros. Na outra, a rainha de copas. Ela colocou as duas metades do baralho no colo, de modo que as duas cartas se entreolhassem. Em seguida, juntou as duas metades em um beijo. Depois misturou as cartas e embaralhou-as de novo.

Em nenhum momento deste espetáculo mudo olhou para Bond, e tudo se passou em um instante. Mas Bond sentiu o calor da excitação e seu pulso se acelerando. Tinha uma amiga no campo inimigo.

“Está pronta, Solitaire?”, perguntou Big Man.

“Sim, as cartas estão prontas”, respondeu a garota, em um tom de voz baixo e controlado.

“Senhor Bond, olhe nos olhos desta garota e repita o motivo de sua presença aqui, que o senhor me relatou agora mesmo.”

Bond olhou em seus olhos. Não havia nenhuma mensagem. Não estavam focados nos seus. Olhavam através dele.

Mr. Big repetiu o que dissera.

Por um instante, Bond sentiu uma emoção sinistra. A garota seria capaz de adivinhar? Se fosse verdade, ela o apoiaria ou não?

Fez-se um silêncio mortal na sala. Bond procurou se mostrar indiferente. Olhou para o teto e, em seguida, de volta a ela.

O foco retornou a seus olhos. Ela os desviou dele e olhou para Mr. Big.

“Fala a verdade”, disse a mulher, friamente.

8.

NENHUM “SENSUDIUMÔ”

Mr. Big ponderou um instante. Em seguida, pareceu se decidir. Apertou uma tecla no interfone.

“Boca de Trombone?”

“Sim senhor, patrão.”

“Você está com o americano, Leiter?”

“Sim senhor.”

“Machuque-o bastante. Leve-o de carro até o Bellevue Hospital e largue-o ali perto. Compreendeu?”

“Sim senhor.”

“Não seja visto.”

“Sim senhor.”

Mr. Big soltou a tecla.

“Maldito!”, disse Bond, ferozmente. “A CIA não o deixará escapar depois disso!”

“Você se esquece, senhor Bond, que ela não tem jurisdição sobre a América. O serviço secreto americano não tem poder na América — só no exterior. E o FBI não é amigo dela. Tee-Hee, venha cá.”

“Sim senhor, patrão.” Tee-Hee se aproximou e ficou ao lado da escrivaninha.

Mr. Big olhou para Bond.

“Qual é o dedo que menos usa, senhor Bond?”

Bond ficou espantado com a pergunta. Sua cabeça começou a funcionar a mil.

“Pensando bem, já sei que dirá que é o mínimo da mão esquerda”, continuou a voz macia. “Tee-Hee, quebre o dedo mindinho da mão esquerda

do senhor Bond.”

O negro demonstrou o motivo do apelido.

“Hi-hi”, riu em falsete, desdenhoso. “Hi-hi.”

Caminhou ligeiro até Bond. Este se agarrou desesperadamente aos braços da cadeira. O suor começou a brotar na sua testa. Tentou imaginar a dor para que pudesse controlá-la.

O negro levantou lentamente o dedo mínimo da mão esquerda de Bond, que apertava com força o braço da cadeira.

Segurou a ponta dele entre seu polegar e o indicador e começou a entortá-lo para trás, com a máxima determinação, rindo sozinho como um idiota.

Bond se balançava e fazia força para cima, tentando desequilibrar a cadeira, mas Tee-Hee segurou o encosto dela com a outra mão, mantendo-a no lugar. O suor escorria do rosto de Bond. Começou a mostrar os dentes em uma contração involuntária. Com a dor crescente, Bond mal podia distinguir os olhos arregalados da garota dirigidos a ele, e seus lábios vermelhos ligeiramente entreabertos.

O dedo ficou na vertical e começou a dobrar para trás, em direção ao pulso. De repente cedeu. Ouvia-se um estalo agudo.

“Basta”, disse Mr. Big.

Tee-Hee soltou o dedo quebrado a contragosto.

Bond deu um gemido animal em voz baixa e desmaiou.

“Esse cara não tem nenhum *sensudiumô*”, comentou Tee-Hee.

Solitaire se recostou, murcha, na cadeira, fechando os olhos.

“Ele tinha uma arma?”, perguntou Mr. Big.

“Sim senhor.” Tee-Hee tirou a Beretta de Bond do bolso e empurrou-a por cima da escrivaninha. Big Man pegou-a e a examinou com ar de entendido. Sopesou-a na mão, experimentando a coronha anatômica. Em seguida, foi ejetando as balas em cima da escrivaninha, verificou se a agulha estava vazia e a empurrou em direção a Bond.

“Acorde-o”, ordenou, consultando o relógio. Eram três horas.

Tee-hee foi atrás da cadeira de Bond e enfiou as unhas nos lóbulos das suas orelhas.

Bond gemeu e levantou a cabeça.

Seus olhos focaram Mr. Big, e ele soltou uma série de palavrões pesados.

“Agradeça por não estar morto”, disse Mr. Big, sem nenhuma emoção. “Qualquer dor é melhor do que a morte. Aqui está sua arma. Fiquei com as balas. Tee-Hee, devolva para ele.”

Tee-Hee pegou a pistola em cima da mesa e enfiou-a no coldre de Bond.

“Explicarei resumidamente”, prosseguiu Big Man, “o motivo de você não estar morto; de ter sofrido essa dor, em vez de ter contribuído para a poluição do rio Harlem, dentro do que se chama, jocosamente, um ‘sobretudo de cimento’”.

Fez uma pausa de instantes e falou:

“Senhor Bond, sofro de tédio. Sou dominado por aquilo que os cristãos primitivos chamavam ‘acídia’, a letargia mortal que acomete quem está saciado, quem não tem mais desejos. Sou um sucesso absoluto na minha profissão de escolha, mereço a confiança de quem eventualmente emprega meu talento, sou temido e obedecido cegamente por quem emprego. Não tenho, literalmente, outros mundos a conquistar dentro do terreno de minha escolha. Infelizmente, já é tarde demais na minha vida para trocar de terreno, e já que o poder é a meta de toda ambição, não é provável que eu pudesse adquirir mais poder em qualquer outro terreno, além do que já possuo neste.”

Bond escutava com uma parte de sua mente. Com a outra, já planejava. Sentia a presença de Solitaire, mas mantinha o olhar afastado dela. Fitava firme o grande rosto cinzento, do outro lado da mesa, com seus olhos dourados que jamais piscavam.

A voz macia prosseguiu:

“Senhor Bond, hoje só me dão prazer a artesanaria, o polimento e o refinamento de que eu possa dotar as minhas operações. Tornou-se quase uma obsessão a justeza absoluta, a grande elegância com que conduzo meus negócios. Todo dia, senhor Bond, procuro fixar padrões ainda mais elevados de sutileza, polimento técnico, de modo que cada um de meus negócios possa ser uma obra de arte, levando a minha assinatura de modo tão nítido como, diríamos, as criações de Benvenuto Cellini. Por enquanto, me satisfaço em ser meu próprio juiz, mas creio com sinceridade, senhor Bond, que a perfeição da qual constantemente me aproximo nas minhas operações acabará finalmente por conquistar o reconhecimento histórico, ainda em nossa época.”

Mr. Big fez uma pausa. Bond viu que seus grandes olhos amarelos

estavam arregalados, como se estivesse tendo visões. É um megalomaniaco desvairado, pensou Bond. E tanto mais perigoso por isso. A maior parte das mentes criminosas tinha como motivação apenas a cobiça. Já uma mente obcecada era outra história. Este homem não era nenhum gângster. E sim uma ameaça. Bond não deixou de sentir um certo fascínio e de ficar ligeiramente intimidado.

“Aceito o anonimato por dois motivos”, prosseguiu Mr. Big em voz baixa. “Porque a natureza das minhas operações assim o exige e porque admiro a abnegação do artista anônimo. Se me permite o convencimento, às vezes gosto de me imaginar como um daqueles grandes pintores de afrescos egípcios, que dedicaram suas vidas a produzir obras-primas para os túmulos dos reis, sabendo que nenhum olho vivente jamais os veria.”

Os grandes olhos se fecharam por um momento.

“No entanto, voltemos ao particular. O motivo, senhor Bond, por que não o matei esta manhã é que não me daria nenhum prazer estético abrir um buraco na sua barriga. Com este aparelho aqui”, gesticulou em direção à arma apontada para Bond através da gaveta da escrivaninha, “já abri muitos buracos em muitas barrigas, de modo que me dou por satisfeito em saber que meu pequeno brinquedo mecânico é um sucesso técnico. Além do mais, como o senhor bem pode supor, seria um problema ter uma porção de abelhudos por aqui me fazendo perguntas sobre o seu desaparecimento e o do sr. Leiter. Não passaria de um aborrecimento; mas, por vários motivos, desejo me concentrar em outras questões no momento.

“Então”, Mr. Big consultou o relógio, “resolvi deixar meu cartão de visitas em cada um de vocês e dar-lhes mais um aviso sério. Deve deixar o país hoje, senhor Bond, e o senhor Leiter deve se transferir para outra missão. Já me bastam as preocupações que tenho para ainda ser obrigado a aturar uma porção de agentes europeus, sem falar no número considerável de abelhudos locais que devo enfrentar.

“É só”, concluiu. “Se avistá-lo novamente, morrerá da maneira mais inventiva e apropriada que eu puder criar na hora. Tee-Hee, leve o senhor Bond para a garagem. Diga a dois homens para levá-lo ao Central Park e jogá-lo dentro do lago ornamental. Caso resista, podem machucá-lo, mas não matá-lo. Compreendeu?”

“Sim senhor, patrão”, disse Tee-Hee, dando suas risadinhas em falsete.

Desamarrou os tornozelos e depois os pulsos de Bond. Pegou a mão machucada de Bond e dobrou-a atrás das costas. Em seguida, com sua outra

mão, desamarrou a correia em volta da cintura. Puxou Bond para que ficasse de pé.

“Levanta”, disse Tee-Hee.

Bond olhou mais uma vez para o grande rosto cinzento.

“Aqueles que merecem morrer”, Big Man fez uma pausa, “morrem como merecem. Anote isso”, acrescentou. “É um pensamento original.”

Em seguida, olhou para Solitaire, cujo olhar estava dirigido às mãos no seu colo. Ela não levantou a cabeça.

“Vambora”, disse Tee-Hee. Virou Bond contra a parede e empurrou-o para a frente, dobrando seu pulso para trás até quase deslocar o antebraço. Bond deu um gemido verossímil e fraquejou o passo. Queria que Tee-Hee acreditasse que ele estava dócil e intimidado. Queria que ele afrouxasse só um pouco a garra torturante no seu braço esquerdo. Do jeito em que estava, qualquer movimento súbito só resultaria na quebra do braço.

Tee-Hee estendeu a mão por cima do ombro de Bond e apertou um dos livros nas estantes apinhadas. Uma grande parte da estante se abriu, girando sobre um pino central. Bond passou empurrado e o negro deslocou a estante com o pé para que voltasse ao lugar. Pela grossura da porta, Bond imaginou que fosse à prova de som. Chegaram a um longo corredor atapetado que terminava em uma escada que descia. Bond gemeu. “Está quebrando meu braço”, reclamou. “Cuidado. Vou desmaiar.”

Tropeçou de novo, tentando calcular exatamente a posição do negro atrás dele. Lembrou-se do conselho de Leiter: “Canelas, virilha, barriga, garganta. Se bater neles em qualquer outro lugar, quebrará a sua mão.”

“Cala a boca”, disse o negro, abaixando a mão de Bond poucos centímetros nas costas.

Era tudo de que Bond precisava.

Estavam no meio do corredor, faltando pouco para chegar à escada. Bond tropeçou de novo, de modo que o corpo do negro bateu nele. Isto lhe forneceu todas as informações sobre a distância e a direção de que precisava.

Curvou-se um pouco e puxou rápido a mão direita, espalmada e reta como uma tábua, em torno dele e para dentro. Sentiu o baque quando ela acertou o alvo. O negro berrou alto como um coelho ferido. Bond sentiu que seu braço esquerdo se libertara. Virou depressa, puxou a arma descarregada com a mão direita. O negro estava dobrado em dois, com as mãos entre as

pernas, dando pequenos gritos ofegantes. Bond deu uma coronhada forte na parte de trás do crânio lanudo. Fez um barulho surdo como se tivesse batido em uma porta, o negro gemeu e caiu para a frente de joelhos, esticando as mãos para se apoiar. Bond foi atrás dele e, com toda a força que podia reunir na biqueira de aço do sapato, desferiu um chute poderoso sob o traseiro das calças cor de lavanda do negro.

O sujeito deu um breve grito final ao ser arremessado um metro e pouco até a escada. Sua cabeça bateu no lado do balaústre de ferro e, em seguida, girando braços e pernas, sumiu pela beirada, vão abaixo. Ouviram-se um baque curto quando ele ricocheteou em algum obstáculo, uma pausa e depois um baque, e um estrondo quando bateu no chão. Em seguida, silêncio.

Bond enxugou o suor dos olhos e ficou escutando. Enfiou a mão esquerda ferida no bolso do paletó. Latejava de dor e o inchaço quase duplicara seu tamanho normal. Segurando a arma com a mão direita, caminhou até o alto da escada e desceu muito devagar, na ponta dos pés.

Só havia um andar até o corpo esparramado embaixo. Ao chegar à plataforma entre os dois lances da escada, parou de novo e escutou. Bem perto, podia ouvir o guincho agudo de algum tipo de transmissor de rádio. Percebeu que vinha de uma das duas portas na plataforma. Devia ser o centro de comunicações de Mr. Big. Ele gostaria de lançar um longo ataque. Mas sua pistola estava descarregada e ele não fazia ideia de quantos sujeitos encontraria na sala. Só os fones no ouvido deveriam tê-los impedido de ouvir os ruídos da queda de Tee-Hee. Foi descendo com cuidado.

Tee-Hee estava morto ou moribundo. Jazia esparramado de costas. A gravata listrada cobria seu rosto como uma cobra esmagada. Bond não sentiu remorso algum. Revistou o corpo à procura da arma e encontrou-a enfiada na cintura das calças cor de lavanda, agora manchadas de sangue. Um Colt .38 Detective Special, cano curto. Estava carregado. Bond enfiou a Beretta inútil de novo no coldre. Aninhou o revólver grande na palma da mão e sorriu inflexivelmente.

Viu uma pequena porta trancada à sua frente. Bond encostou o ouvido nela. Conseguiu detectar o ruído abafado de um motor. Devia ser a garagem. Mas o motor ligado? Naquela hora da manhã? Bond rilhou os dentes. Evidente. Mr. Big devia ter falado que Tee-Hee estava levando-o para baixo. É provável que estivessem estranhando o motivo de tanta demora, e olhassem a porta à espera de que o negro aparecesse.

Bond pensou um instante. Tinha a vantagem da surpresa. Se apenas o

ferrolho estivesse bem lubrificado...

Sua mão esquerda estava praticamente inutilizada. Segurando o Colt com a direita, experimentou o primeiro ferrolho com a borda da mão machucada. Voltou com facilidade. O segundo também. Só restava empurrar a maçaneta para baixo. Fez pressão e puxou a porta devagar.

Era uma porta grossa, e o barulho do motor aumentava à medida que a fresta se alargava. O carro devia estar logo ali dentro. Qualquer movimento a mais da porta o trairia. Abriu-a com força e virou a cara de lado, como um esgrimista, para proporcionar o menor alvo possível. O cão do revólver estava armado.

A poucos metros de distância havia um sedã preto, com o motor funcionando. Estava de frente para as portas duplas abertas da garagem. Lâmpadas fluorescentes fortes iluminavam as carrocerias de vários outros carros. Havia um negro grande ao volante do sedã e outro próximo, encostado na porta traseira. Não se via mais ninguém.

Ao verem Bond os negros ficaram boquiabertos de espanto. O cigarro caiu da boca do motorista. Em seguida, ambos se jogaram para pegar suas armas.

Instintivamente, Bond atirou primeiro no sujeito em pé, sabendo que ele sacaria a arma mais rápido.

O revólver pesado tonitroou na garagem.

O negro agarrou a barriga com as duas mãos, deu dois passos cambaleantes em direção a Bond e caiu de cara. Sua arma bateu com um barulho metálico no concreto.

O sujeito ao volante gritou quando o revólver de Bond girou em sua direção. Atrapalhado pelo volante, sua mão direita ainda estava enfiada no casaco.

Bond atirou bem na boca daquele que gritava e a cabeça do sujeito se chocou contra a janela lateral.

Rodeou o carro correndo e abriu a porta. O negro caiu esparramado para fora. Bond jogou seu revólver no assento do motorista e puxou o sujeito até o piso da garagem. Tentou evitar o sangue. Sentou no assento e agradeceu pelo motor estar funcionando e pela alavanca das marchas ser no volante. Bateu a porta, descansou a mão machucada à esquerda da direção e engatou a marcha.

O freio de mão ainda estava puxado. Precisou se inclinar por baixo do

volante para soltá-lo.

Foi uma demora arriscada. Quando o carro pesado arremeteu pelas portas duplas largas, houve o estouro de um tiro e uma bala perfurou a carroceria. Ele girou o volante com a mão direita e mais um tiro passou alto. Do outro lado da rua, uma janela se estilhaçou.

O clarão veio de baixo, perto do chão, e Bond imaginou que o primeiro negro tivesse arranjado uma maneira de pegar sua arma.

Não houve mais tiros e nenhum ruído das fachadas insossas dos prédios às suas costas. Ao passar as marchas, não conseguiu distinguir coisa alguma no retrovisor, a não ser a larga faixa de luz da garagem colorindo a rua escura e deserta.

Bond não fazia ideia de onde estava e para onde ia. Era uma rua larga, sem características especiais, e ele seguiu em frente. Viu-se dirigindo à esquerda e voltou rápido para o lado direito. Sua mão doía terrivelmente, mas o polegar e o indicador ajudavam a estabilizar o volante. Tentou se lembrar de manter seu flanco esquerdo livre do sangue na porta e na janela. Só habitavam a rua infundável os pequenos fantasmas de vapor que tremulavam, saídos dos bueiros no asfalto, ligados ao sistema de aquecimento da cidade. O capô feio do carro os ceifava um a um, mas Bond os via pelo retrovisor se reerguendo atrás — um panorama cheio de espectros brancos, de gestos amenos, a se distanciar cada vez mais.

Manteve o carro grande a oitenta. Chegou a uns sinais vermelhos, que furou. A seguir vieram vários quarteirões escuros e depois uma avenida iluminada. Havia tráfego e ele parou até que o sinal ficasse verde. Virou à esquerda e foi recompensado com uma onda de sinais verdes, cada um pondo mais distância entre ele e o inimigo. Em uma encruzilhada, examinou as placas. Estava na Park Avenue com a 116th Street. Diminuiu de novo na próxima rua. Era a 115th. Rumava para o centro, se afastando do Harlem. Seguiu adiante. Virou na 60th Street. Estava deserta. Desligou o carro e deixou-o do lado oposto a um hidrante. Pegou o revólver no assento, enfiou-o na cintura e voltou andando para a Park Avenue.

Alguns minutos depois fez sinal para um táxi que zanzava, e logo estava subindo a escada do St. Regis.

“Recado para o senhor, senhor Bond”, disse o porteiro da noite. Bond escondeu dele o seu lado esquerdo. Abriu a mensagem com a mão direita. Era de Felix Leiter, enviada às quatro da madrugada. “Ligue imediatamente”, dizia.

Bond andou até o elevador, que o levou ao seu andar. Entrou no apartamento 2.100 e passou para a sala de estar.

Então ambos estavam vivos. Bond se deixou cair em uma cadeira ao lado do telefone.

“Meu Deus do céu”, disse Bond, com profunda gratidão. “Que escapada.”

9.

VERDADEIRO OU FALSO

Bond olhou para o telefone e, em seguida, foi até o console. Colocou um punhado de cubos de gelo já meio derretidos em um copo alto, serviu oito centímetros de Haig and Haig, sacudiu a mistura no copo para esfriá-la e diluí-la. Depois bebeu a metade em um longo gole. Pousou o copo e se livrou do casaco. A mão esquerda estava tão inchada que mal conseguia passar pela manga. Seu dedo mínimo ainda estava torcido para trás e doeu terrivelmente ao raspar no tecido. O dedo estava quase preto. Puxou a gravata para baixo e desabotoou a parte de cima da camisa. Em seguida, pegou o copo, deu outro grande gole e voltou ao telefone.

Leiter respondeu de imediato.

“Graças a Deus”, disse Leiter, com genuína emoção. “Qual foi o prejuízo?”

“Dedo quebrado”, respondeu Bond. “E o seu?”

“Golpe de cassetete. Desacordado. Nada sério. Começaram inventando uma porção de coisas engenhosas. Queriam me acoplar ao compressor de ar da garagem. Começar pelos ouvidos e passar a outros orifícios. Quando não receberam instruções de Big Man, ficaram entediados e comecei a conversar sobre os valores mais nobres do jazz com Boca de Trombone, o dono da arma toda sofisticada. Chegamos a Duke Ellington e concordamos que os líderes das grandes bandas deviam ser percussionistas, e não músicos de sopro. Concordamos também que o piano ou a bateria dava uma unidade muito melhor à banda do que qualquer outro instrumento — Jellyroll Morton, por exemplo. A propósito do Duke, contei a ele a piada sobre o clarinete — ‘um instrumento de sopro cruel, que ninguém sabe soprar direito’. Isso o fez morrer de rir. De repente ficamos amigos. O outro sujeito — acho que se chamava Flanela — ficou aborrecido e Boca de Trombone disse que então tirasse uma folga, pois ele cuidaria de mim. Então Big Man telefonou.”

“Eu estava lá nessa hora”, comentou Bond. “Não me pareceu nada divertido.”

“Boca de Trombone ficou preocupado à beça. Andava pela sala falando sozinho. De repente me deu um golpe forte de cassetete, e apaguei. A primeira coisa que percebi é que estávamos do lado de fora do Bellevue Hospital. Mais ou menos às três e meia. Boca de Trombone se desculpou muito, disse que era o mínimo que poderia fazer. Acreditei. Pediu que eu não o entregasse. Disse que contaria que me deixou meio morto. Evidentemente, prometi que inventaria detalhes os mais escabrosos. A gente se separou nos melhores termos. Fui atendido na emergência e voltei para casa. Fiquei preocupado demais com você, mas depois de algum tempo o telefone começou a tocar. A polícia e o FBI. Parece que Big Man se queixou de que dera a louca em um inglês idiota no The Boneyard, cedo de madrugada. Chumbou três de seus homens — dois motoristas e um garçom, meu amigo James —, roubou um de seus carros e fugiu, deixando o chapéu e o casaco na chapelaria. Big Man está gritando que quer providências. É claro que avisei os tiras e o FBI, mas eles estão mais do que putos conosco e precisamos sair da cidade imediatamente. Sentirei falta das manhãs, mas os programas vespertinos, o rádio e a TV já cobriram a notícia. Além disso, Mr. Big vem atrás de você como um enxame de vespas. Aliás, fiz alguns planos. Agora conte você, e Deus sabe como estou contente em ouvir sua voz!”

Bond contou em detalhes tudo o que acontecera. Não se esqueceu de nada. Quando acabou, Leiter deu um assobio baixo.

“Cara”, disse com admiração, “você certamente amassou a máquina de Big Man. Mas teve sorte. Essa garota, Solitaire, com certeza salvou a sua pele. Acha que podemos utilizá-la?”

“Poderíamos, se pudéssemos nos aproximar dela”, respondeu Bond. “Acho que ele a mantém sob grande controle.”

“Precisamos pensar nisso noutro dia”, disse Leiter. “Agora é melhor a gente se mandar. Vou desligar e volto a ligar dentro de poucos minutos. Primeiro, chamarei o cirurgião da polícia para atender você logo. Estarei aí dentro de mais ou menos quinze minutos. Em seguida, eu mesmo falarei com o chefe de polícia para ajeitar as coisas na sua área. Podem ganhar um pouco de tempo achando o carro. O FBI terá de dar umas dicas para o pessoal do rádio e da TV, para a gente pelo menos apagar o seu nome disso aí e parar com essa falação sobre o inglês. Senão o embaixador britânico será tirado da cama e haverá manifestações da Sociedade Nacional pelo Progresso dos Homens de Cor, e Deus sabe mais o quê.” Leiter deu uma risada no telefone. “É melhor dar uma palavrinha com o seu chefe em Londres. São mais ou menos dez e meia, hora de lá. Vai precisar de um pouco de proteção. Eu posso

cuidar da CIA, mas o FBI está tendo ataques de ‘eu não disse’ esta manhã. Precisaré de mais roupas. Cuidarei disso. Fique acordado. Já basta o que dormirá na sua sepultura. Daqui a pouco chego aí.”

Desligou. Bond sorriu. Ouvir a voz animada de Leiter e saber que ele estava cuidando de tudo acabara com a sua exaustão e suas negras recordações.

Pegou o fone e falou com a telefonista de interurbano. “Dez minutos de espera”, ela avisou.

Bond entrou no quarto e conseguiu um jeito de se despir. Tomou uma ducha muito quente, depois uma gelada. Barbeou-se e conseguiu vestir uma camisa e calças limpas. Botou um pente novo na Beretta, embrulhou o Colt na sua camisa usada e colocou-o na valise. Estava no meio da arrumação da mala quando o telefone tocou.

Ouviu o zumbido e o eco da linha, a conversa de telefonistas distantes, os trechos do Morse de aviões e navios no mar, rapidamente suprimidos. Podia ver o grande prédio cinzento perto de Regent’s Park e imaginar a mesa telefônica ocupada, as xícaras de chá e uma garota dizendo: “Sim, é da Universal Export”, o endereço dado por Bond, uma das fachadas que os agentes usavam para ligações de emergência, em linhas abertas, do exterior. Ela chamaria o supervisor, que atenderia a ligação.

“O senhor está na linha”, informou a telefonista do interurbano. “Pode falar, por favor. Nova York chamando Londres.”

Bond ouviu a voz inglesa tranquila: “Universal Export. Quem fala, por favor?”

“Posso falar com o gerente administrativo?”, disse Bond. “É seu sobrinho James, falando de Nova York.”

“Um momento, por favor.” Bond podia ver a ligação sendo transferida para a srta. Moneypenny, que apertaria uma tecla no interfone. “É Nova York, senhor”, ela diria. “Acho que é 007.” “Ponha-o na linha”, diria M.

“Sim?”, disse a voz fria que Bond apreciava e seguia.

“É James”, falou Bond. “Talvez eu precise de uma ajudinha em relação a uma incumbência difícil.”

“Pode falar”, disse a voz.

“Ontem à noite fui ver o nosso cliente principal”, explicou Bond. “Três de seus melhores empregados passaram mal quando eu estava lá.”

“Mal? Como?”, perguntou a voz.

“Mal como o diabo”, respondeu Bond. “Aqui tem uma onda de gripe.”

“Espero que não tenha pegado.”

“Estou com um pequeno resfriado”, respondeu Bond, “mas nada que mereça muita preocupação. Escreverei sobre isso. O problema é que com essa gripe toda a Federação acha melhor eu deixar a cidade.” (Bond sorriu consigo mesmo, imaginando o sorriso de M.) “Então estou de saída imediata com Felícia.”

“Quem?”, perguntou M.

“Felícia”, soletrou Bond. “Minha nova secretária de Washington.”

“Ah, sim.”

“Pensei em tentar a fábrica que o senhor aconselhou em San Pedro.”

“Boa ideia.”

“Mas a Federação é de outra opinião e gostaria que o senhor me desse o seu apoio.”

“Compreendo perfeitamente”, disse M. “Como vão os negócios?”

“Prometem. Mas a coisa está dura. Felícia vai datilografar meu relatório completo hoje.”

“Ótimo”, disse M. “Mais alguma coisa?”

“Não, é só. Obrigado pelo apoio.”

“Tudo bem. Olhe a saúde. Até logo.”

“Até logo.”

Bond recolocou o fone no gancho. Sorriu. Podia imaginar M ligando para o chefe de gabinete. “007 já se indispôs com o FBI. O idiota foi ao Harlem ontem à noite e apagou três homens de Mr. Big. Machucou-se, mas parece que não muito. Precisa sair da cidade com Leiter, o sujeito da CIA. Vão para St. Petersburg. Melhor avisar A e C. Não demora para que Washington comece a buzinar nos nossos ouvidos, antes do final do dia. Diga a A que ela tem toda a minha simpatia, mas que tenho plena confiança em 007 e que ele agiu em legítima defesa. Não acontecerá de novo, e assim por diante. Compreendeu?” Bond sorriu de novo ao pensar na vaselina que Damon teria de gastar com Washington, quando provavelmente havia muitos outros desentendimentos anglo-americanos para resolver.

O telefone tocou. Era Leiter de novo.

“Agora, ouça”, pediu. “Todo mundo está se acalmando um pouco. Parece que os sujeitos que você acertou eram um trio da pesada — Tee-Hee Johnson, Sam Miami e um cara chamado McThing. Todos procurados por vários crimes. O FBI está acobertando-o. A contragosto, evidente, e a polícia está se esquivando para burro. Os chefões do FBI já pediram ao meu chefe que mande você para casa — tiraram-no da cama, sim, senhor — em grande parte por ciumada — mas já resolvemos isso tudo. Ao mesmo tempo, precisamos ambos sair da cidade imediatamente. Isso também já é certo. Não podemos ir juntos, por isso você vai de trem e eu de avião. Anote aí.”

Bond segurou o telefone com o ombro e estendeu a mão para pegar lápis e papel. “Pode falar”, disse.

“Pennsylvania Station. Plataforma 14. Dez e meia da manhã de hoje. ‘O Fantasma de Prata’. Trem direto para St. Petersburg, via Washington, Jacksonville e Tampa. Arranjei uma cabine para você. Muito luxuosa. Vagão 245, cabine H. O bilhete estará no trem. Estará com o condutor. Em nome de Bryce. Vá simplesmente para a plataforma 14, embarque e se tranque na cabine, até o trem partir. Vou pegar um voo dentro de uma hora pela Eastern, de modo que você estará entregue a si mesmo de agora em diante. Se tiver qualquer problema, ligue para Dexter, mas não se espante se ele pisar a sua cabeça. O trem chega por volta de meio—dia amanhã. Pegue um táxi e vá para o Everglades Cabanas, Gulf Boulevard West, em Sunset Beach. Fica em um lugar chamado Treasure Island, onde estão todos os hotéis que dão para a praia. É ligado a St. Petersburg por um elevador. O taxista conhece.

“Estarei à sua espera. Compreendeu tudo? E, pelo amor de Deus, tome cuidado. Falo sério. Big Man fará todo o possível para pegá-lo, e uma escolta policial até o trem só o denunciaria. Pegue um táxi e fique na moita. Estou lhe mandando outro chapéu e uma capa de chuva castanha. A conta já está paga no St. Regis. É só. Alguma pergunta?”

“Parece ótimo”, disse Bond. “Falei com M e ele vai ajeitar as coisas com Washington, se houver qualquer problema. Tome cuidado também”, acrescentou. “Você é o próximo da lista, depois de mim. Vejo-o amanhã. Até logo.”

“Tomarei”, disse Leiter. “Até logo.”

Eram seis e meia quando Bond abriu as cortinas da saleta de estar e contemplou o amanhecer que chegava sobre a cidade. Ainda estava escuro nas grutas lá embaixo, mas as pontas das grandes estalagmites de concreto já

estavam rosadas e o sol acendia as janelas andar por andar, como se um exército de zeladores descesse do prédio trabalhando e acendendo as luzes.

Chegou o cirurgião da polícia, ficou uns dolorosos quinze minutos e foi embora.

“Fratura direta”, dissera. “Levará alguns dias para consolidar. Como aconteceu?”

“Prendi na porta”, respondeu Bond.

“É melhor ficar longe das portas”, comentou o cirurgião. “São perigosas. Deviam ser proibidas. Sorte sua não ter espremido o pescoço nessa aí.”

Depois que ele se foi, Bond acabou de arrumar as suas coisas. Estava pensando se já poderia pedir o café da manhã, quando o telefone tocou.

Bond esperava uma voz dura da polícia ou do FBI. Ao contrário, uma voz de garota, baixa e urgente, pediu para falar com o senhor Bond.

“Quem fala?”, perguntou Bond, para ganhar tempo. Sabia a resposta.

“Sei que é você”, disse a voz, e Bond sentiu que ela estava falando bem junto do bocal. “É Solitaire.” O nome mal foi sussurrado.

Bond esperou, com todos os sentidos alertas e abertos para a cena que poderia estar se desenrolando no outro lado da linha. Estaria sozinha? Será que falava tolamente em um telefone residencial, com extensões, nas quais outros ouvintes estariam agora colados, prestando atenção? Ou estaria em um quarto, com os olhos de Mr. Big dirigidos meticulosamente a ela, dispondo de um lápis e um bloco de anotações ao lado, de modo que pudesse induzir a sua próxima pergunta?

“Escute”, disse a voz. “Preciso ser rápida. Você tem que confiar em mim. Estou em uma *drugstore*, mas preciso voltar logo para meu quarto. Por favor, acredite em mim.”

Bond tirou o lenço. Falou através dele. “Se eu puder me comunicar com o senhor Bond, o que devo lhe dizer?”

“Ah, dane-se”, falou a garota, com o que parecia ser um verdadeiro toque de histeria. “Juro pela minha mãe, pelos meus filhos ainda não nascidos. Eu preciso fugir. E você também. Precisa me levar. Vou ajudá-lo. Conheço muitos segredos dele. Mas seja rápido. Estou arriscando a minha vida aqui, falando com você.” Deu um soluço de pânico e desespero. “Pelo amor de Deus, confie em mim. Você precisa confiar. Precisa!”

Bond mantinha-se calado. Sua mente funcionava a todo vapor.

“Escute”, ela voltou a falar, mas desta vez desanimada, quase sem esperança. “Se você não me levar junto, eu me mato. E agora, você me leva? Quer me matar?”

Se fosse uma representação, era boa demais. Mesmo assim, ainda era um risco imperdoável, mas Bond decidiu. Falou diretamente no telefone, com a voz baixa.

“Se for uma armadilha, Solitaire, eu a pego e mato, ainda que seja a última coisa que faça. Tem papel e lápis?”

“Espere”, disse a garota com entusiasmo. “Sim, sim.”

Se tivesse sido um plano, ela já estaria com isso tudo pronto.

“Esteja na Pennsylvania Station às dez e meia em ponto. O Fantasma de Prata para...”, hesitou, “... para Washington. Vagão 245, cabine H. Diga que é a sra. Bryce. O condutor está com o bilhete no caso de eu ainda não ter chegado. Vá direto para a cabine e me espere. Compreendeu?”

“Sim”, respondeu a garota, “obrigada, obrigada.”

“Não seja vista”, disse Bond. “Use um véu ou algo assim.”

“Claro”, disse a garota. “Eu prometo. Prometo mesmo. Preciso ir.” Desligou.

Bond olhou para o aparelho mudo e, em seguida, colocou-o no gancho. “Bem”, falou em voz alta. “Agora, ou vai ou racha.”

Levantou-se e se espreguiçou. Andou até a janela e olhou para fora, sem ver nada. Seus pensamentos galopavam. Em seguida, deu de ombros e se voltou de novo para o telefone. Olhou para o relógio. Eram sete e meia.

“Serviço de quarto, bom dia”, falou a voz alegre.

“Café da manhã, por favor”, pediu Bond. “Suco de abacaxi, duplo. *Cornflakes* e creme. Ovos mexidos com bacon. Um expresso duplo. Torradas e geleia de laranja.”

“Sim, senhor”, disse a atendente. Repetiu o pedido. “Não demora.”

“Obrigado.”

“Não há de quê.”

Bond sorriu.

“O condenado tomou um café da manhã reforçado”, pensou. Sentou-se ao lado da janela e olhou para o céu claro, para o futuro.

Lá no Harlem, na grande mesa telefônica, Cochicho falava de novo com a cidade, transmitindo a descrição de Bond a todos os olheiros. “Todas as estradas, todos os aeroportos. Quinta Avenida com 55th Street, portas do St. Regis. Mr. Big diz que temos chance nas autoestradas. Transmitam isso para a frente. Todas as estradas, todos os aeroportos...”

10.

O FANTASMA DE PRATA

Bond, com a gola da nova capa de chuva levantada até as orelhas, escapou saindo pela entrada da *drugstore* St. Regis, na 55th Street, que tinha uma porta interligada ao hotel.

Esperou na entrada e pulou dentro de um táxi que passava, segurando a porta com o polegar em gancho da mão machucada, jogando sua valise leve na frente. O táxi mal foi notado. O negro com a caixa de coleta para os veteranos negros da Coreia, e seu colega que futucava embaixo do capô do carro enguiçado, ficaram no serviço até que foram chamados, muito mais tarde, por um sujeito que passou de carro e deu duas buzinas curtas e uma longa.

Mas Bond foi imediatamente avistado ao deixar o táxi na entrada de carros da Pennsylvania Station. Um negro que vagava por ali com uma cesta de vime entrou rápido em uma cabine telefônica. Eram dez e quinze.

Faltavam apenas quinze minutos no entanto, um pouco antes de o trem partir, um dos garçons do vagão-restaurant se declarou doente e foi substituído às pressas por um homem que recebera um pacote de instruções meticulosas pelo telefone. O chefe jurou que havia algo estranho, mas o novato lhe disse uma ou duas palavras que o fizeram arregalar os olhos e calar a boca, tocando às escondidas uma fava da sorte que pendia de um barbante no pescoço.

Bond caminhara depressa pela enorme passagem envidraçada e passara pelo portão 14, até o trem.

Lá estava ele, seiscentos metros de vagões prateados, esperando tranquilamente na penumbra da estação subterrânea. Na frente, os geradores auxiliares das unidades gêmeas, diesel e elétrica, de 4.000 cavalos, estalavam diligentemente. Sob as lâmpadas nuas as faixas horizontais, púrpuras e douradas, cores da Seaboard Railroad, brilhavam nas locomotivas como sinais de realeza. O maquinista e o foguista, que levariam o trem na sua primeira etapa de trezentos e vinte quilômetros rumo ao sul, estavam à toa na cabine de

alumínio, quatro metros acima dos trilhos, observando o relógio da pressão do ar e o amperímetro, prontos para partir.

Fazia silêncio na grande caverna de concreto sob a cidade, e todo barulho provocava um eco.

Não havia muitos passageiros. Embarcariam mais em Newark, Filadélfia, Baltimore e Washington. Bond caminhou cem metros, suas passadas reverberando na plataforma vazia, antes de encontrar o vagão 245, em direção à traseira do trem. Um porteiro do Pullman estava na porta. Usava óculos. Seu rosto negro demonstrava tédio, mas era amistoso. Embaixo das janelas do vagão, em grandes letras marrons e douradas, lia-se “Richmond, Fredericksburg e Potomac”; e, debaixo delas, “Bellesylvania”, o nome do vagão-dormitório. Uma dupla coluna fina de vapor se erguia do engate do aquecimento central, perto da porta.

“Cabine H”, disse Bond.

“Senhor Bryce? A senhora Bryce acabou de embarcar. Pode ir direto em frente no vagão.”

Bond entrou no trem e virou no corredor verde sem graça, forrado com um grosso tapete. Como sempre, nos trens americanos, um cheiro de charuto velho pairava no ar. Lia-se em uma placa: “Precisa de um segundo travesseiro? Para qualquer conforto adicional, chame o seu atendente Pullman. Seu nome é”; em seguida, um cartão impresso: “Samuel D. Baldwin.”

A cabine H passava do meio do vagão. Havia um casal americano respeitável na E. Fora isso, as cabines estavam vazias. A porta da H estava fechada. Tentou abri-la, mas estava trancada.

“Quem é?”, perguntou uma voz ansiosa de mulher.

“Sou eu”, respondeu Bond.

A porta se abriu. Bond passou, arriou a bagagem e trancou a porta.

Ela usava um vestido preto feito sob medida. De um pequeno chapéu preto de palha pendia um véu de tule. Uma mão enluvada tocava a garganta, e através do véu Bond pôde perceber a palidez de seu rosto e os olhos arregalados de medo. Parecia um tanto francesa e era muito bonita.

“Graças a Deus”, disse.

Bond deu uma olhada rápida em volta da cabine. Abriu a porta do banheiro e espiou dentro. Estava vazio.

Uma voz gritou na plataforma lá fora: “Partida!” Houve um barulho metálico quando o atendente recolheu a escada de ferro e depois o trem começou a rodar silenciosamente pelos trilhos. Um toque de campainha sinalizou a passagem pelo sinal automático. Ouviu-se um ligeiro clangor das rodas quando atravessaram uns desvios, e o trem começou a pegar velocidade. Estavam a caminho, para o que desse e viesse.

“Em que assento gostaria de ficar?”, perguntou Bond.

“Qualquer um”, respondeu ela, ansiosa. “Escolha você.”

Bond deu de ombros e sentou-se de costas para a locomotiva. Preferia ficar voltado para a frente.

Ela se sentou, nervosa, diante dele. Ainda estavam no longo túnel que leva as linhas de Filadélfia para fora da cidade.

Tirou o chapéu e despregou o véu largo de tule, pondo-os no assento ao seu lado. Também tirou uns pregadores de cabelo de trás da cabeça, sacudindo-a para que seus cabelos pretos e pesados caíssem para a frente. Pelas olheiras azuis sob os olhos, Bond concluiu que ela também não devia ter dormido naquela noite.

Havia uma mesa entre eles. De repente, ela estendeu o braço e puxou a mão direita dele em sua direção, em cima da mesa. Segurou-a entre suas duas mãos e inclinou-se para beijá-la. Bond franziu o cenho, tentando recolher a mão, mas por um momento ela a manteve segura, apertando-a entre as suas.

Olhou para cima e seus olhos azuis fitaram os dele com candura.

“Obrigada”, disse. “Obrigada por confiar em mim. Sei que foi difícil para você.” Soltou a mão dele, recostando-se.

“Estou contente por ter confiado”, respondeu Bond de modo um tanto desajeitado, procurando usar a cabeça para poder enfrentar o mistério dessa mulher. Enfiou a mão no bolso para pegar cigarros e o isqueiro. Era um maço novo de Chesterfields, e ele lutou com a mão direita para rasgar o celofane.

Ela estendeu a mão e pegou o maço. Rasgou-o com a unha do polegar, tirou um cigarro, que acendeu e passou para ele. Bond pegou-o e sorriu, olhando bem dentro de seus olhos, sentindo o vestígio do batom de sua boca.

“Fumo cerca de três maços por dia”, avisou. “Ficará ocupada.”

“Só o ajudarei com os maços novos”, disse. “Não se preocupe: não vou mimá-lo durante a viagem toda até St. Petersburg.”

Bond estreitou os olhos e o sorriso se dissipou de seu rosto.

“Acha que eu acreditei que fosse só até Washington?”, disse ela. “Não te achei muito desperto no telefone hoje de manhã. E, aliás, Mr. Big tinha certeza de que você iria para a Flórida. Escutei-o avisando o pessoal dele de lá sobre a sua chegada. Falou com um sujeito chamado ‘o Ladrão’, por interurbano. Disse para vigiarem os aeroportos e os trens. Talvez devêssemos desembarcar antes, em Tarpon Springs ou em uma das pequenas estações no litoral. Você foi visto embarcando no trem?”

“Não que eu saiba”, respondeu Bond. Seus olhos voltaram a se descontraírem. “E você? Teve algum problema na hora de fugir?”

“Era o dia da minha lição de canto. Ele está tentando me transformar em uma cantora de cabaré. Quer que eu atue em The Boneyard. Um de seus homens me levou à minha professora, como de costume, e deveria me apanhar ao meio-dia. Não suspeitou nada daquela aula tão cedo. Muitas vezes eu já tomara o café da manhã com minha professora, só para escapar de Mr. Big. Ele espera que eu faça todas as minhas refeições com ele.” Ela consultou o relógio. Ele notou com malícia que era um relógio caro — diamantes e platina, imaginou Bond. “Vão dar falta de mim dentro de mais ou menos uma hora. Esperei até que o carro tivesse ido embora e, em seguida, saí e telefonei para você. Imediatamente peguei um táxi até o centro. Comprei uma pasta de dentes e algumas outras coisas em uma *drugstore*. Fora isto, só tenho minhas joias e o dinheiro que sempre escondi dele. Cerca de cinco mil dólares. De modo que não serei um ônus financeiro.” Ela sorriu. “Sempre achei que minha chance chegaria um dia.” Fez um gesto em direção à janela. “Você me proporcionou uma nova vida. Faz quase um ano que estou trancada com ele e seus gângsteres negros. Isso aqui é o paraíso.”

O trem corria pelas planícies áridas e abandonadas, e os pântanos, entre Nova York e Trenton. Não era uma paisagem atraente. Lembrava a Bond alguns trechos do itinerário do Tran-siberiano de antes da guerra, exceto pelos enormes cartazes solitários anunciando os espetáculos da Broadway, e o ocasional ferro-velho com pilhas de motores de carro inutilizados.

“Espero poder achar algo melhor para você do que isso aqui”, disse ele, sorrindo. “Mas não me agradeça. Estamos quites agora. Salvou a minha vida na noite passada. Isto é”, e olhou-a com curiosidade, “se você realmente for vidente”.

“Sou, sim”, afirmou ela. “Tenho este poder, ou algo muito parecido. Muitas vezes consigo prever o futuro, especialmente em relação a outras pessoas. É evidente que bordo em cima dessa capacidade e, quando vivia disso, no Haiti, foi fácil transformá-la em um bom ato de cabaré. Lá existem

tantas superstições e o vodu, que acreditavam mesmo que eu fosse bruxa. Mas juro que quando o vi pela primeira vez naquela sala, sabia que fora enviado para me salvar. Eu”, ela corou, “vi todo tipo de coisas”.

“Que tipo de coisas?”

“Ah, não sei”, disse, com um olhar fugidio. “Apenas coisas. De qualquer maneira, veremos. Será difícil”, acrescentou com uma expressão séria, “e perigoso. Para nós dois.” Fez uma pausa. “Então, você promete cuidar direito da gente?”

“Farei o possível”, prometeu Bond. “A primeira coisa que devemos fazer é dormir. Vamos tomar um drinque, comer uns sanduíches de frango e pedir ao cabineiro para abaixar as nossas camas. Não precisa se sentir envergonhada”, acrescentou, ao observar o movimento de acanhamento nos seus olhos. “Estamos nisso juntos. Precisamos passar vinte e quatro horas em uma cabine de casal, e não adianta ser melindrosa. De qualquer modo, você é a senhora Bryce”, ele sorriu, “e precisa agir direitinho como ela. Até certo ponto, pelo menos”, acrescentou.

Ela riu.

Os olhos dele ficaram pensativos. Não disse nada e tocou a campainha sob a janela.

O condutor chegou, junto com o cabineiro do Pullman. Bond pediu Old Fashioneds, exigindo Bourbon Old Granddad, sanduíches de frango e café descafeinado Sanka, de modo a não atrapalhar o sono deles.

“Preciso receber outra passagem do senhor, senhor Bryce”, disse o condutor.

“Claro”, concordou Bond. Solitaire fez menção de pegar sua bolsa. “Deixe, querida”, disse Bond, puxando a carteira. “Esqueceu que me deu o dinheiro para guardar antes de sairmos de casa?”

“Aposto que a senhora vai precisar dele para os seus vestidos de verão”, comentou o condutor. “As lojas são muito caras em St. Pete. Também faz muito calor. Já estiveram na Flórida?”

“Sempre vamos nesta época do ano”, mentiu Bond.

“Espero que façam boa viagem”, falou o condutor.

Depois que ele saiu e fechou a porta, Solitaire deu uma risada, satisfeita.

“Não adianta, você não consegue me envergonhar”, disse. “Pensarei em algo realmente terrível. Cuidado. Para início de conversa, vou ali”, fez um

gesto para a porta atrás da cabeça de Bond. “Devo estar com um aspecto horrível.”

“Vá, querida”, Bond riu, enquanto ela desaparecia.

Bond virou para a janela e observou as belas casas de madeira à medida que se aproximavam de Trenton. Adorava trens e antecipava, ansioso, o resto da viagem.

O trem diminuía a velocidade. Passaram por desvios cheios de vagões de carga vazios ostentando nomes de todos os cantos dos Estados Unidos — Lackawanna, Chesapeake e Ohio, Lehigh Valley, Seaboard Fruit Express, e o animado Acheson, Topeka e Santa Fe — nomes que irradiavam toda a aura romântica das ferrovias americanas.

“British Railways?”, pensou Bond. Deu um suspiro e voltou seus pensamentos para a aventura que estava vivendo.

Resolvera aceitar Solitaire para o que desse e viesse, ou melhor, na maneira fria dele, para aproveitá-la ao máximo. Havia muitas perguntas esperando respostas, mas agora não era o momento de fazê-las. O importante era que mais um golpe havia sido desferido contra Mr. Big — onde mais doía, na sua vaidade.

Quanto à garota, enquanto garota, pensou que ia ser divertido brincar de implicar com ela e também sofrer suas implicações. Estava satisfeito de já terem ultrapassado algumas barreiras e entrado em certa camaradagem, para não falar em intimidade.

Seria verdade o que Big Man dissera, que ela não queria nada com homens? Duvidava. Parecia aberta ao amor, ao desejo. De qualquer maneira, sabia que ela não o rejeitava. Queria que voltasse a se sentar diante dele para poder olhá-la, brincar com ela e descobri-la lentamente. Solitaire. Nome atraente. Não era de espantar que a tivessem batizado assim nas boates vagabundas de Port-au-Prince. Mesmo na perspectiva presente de uma atitude calorosa em relação a ele, ainda lhe restava muita coisa retraída e misteriosa. Ele pressentiu uma infância solitária em alguma plantação decadente, um casarão cheio de ecos se deteriorando lentamente, sufocado pela exuberância tropical. A morte dos pais, a venda da propriedade. A companhia de um ou dois empregados e a vida ambígua nos aposentos na cidade grande. A beleza, seu único capital, e a luta contra as propostas dúbias de emprego como governanta, secretária, acompanhante, que significavam uma prostituição respeitável. Em seguida, os passos dúbios e incertos no mundo do espetáculo. O pequeno trabalho noturno na boate com o número misterioso que, entre

gente dominada pela magia, deve ter afastado muito as pessoas dela e a transformado em alguém a ser temida. E então, certa noite, o sujeito enorme de rosto cinzento, sentado sozinho em uma mesa. A promessa de fazê-la atuar na Broadway. A alternativa de uma vida nova, de fugir do calor, da sujeira e da solidão.

Bond afastou-se bruscamente da janela. Um retrato romântico, talvez. Mas deve ter sido algo parecido.

Ouviu a porta sendo destravada. A garota voltou e sentou-se diante dele. Parecia revigorada e alegre. Estudou-o com cuidado.

“Andou pensando sobre mim”, disse. “Eu sinto. Não se preocupe, não há nada tão ruim a ser revelado. Contarei tudo algum dia. Quando tivermos tempo. Agora quero esquecer o passado. Vou apenas lhe dizer meu verdadeiro nome. Simone Latrelle, mas pode me chamar como quiser. Tenho vinte e cinco anos. E agora estou feliz. Gosto desta pequena cabine. Mas estou com fome e com sono. Que cama você quer?”

Bond sorriu diante da pergunta. Pensou.

“Não é muito cavalheiresco”, disse, “mas acho melhor ficar com a de baixo. Prefiro ficar mais próximo do chão — só por precaução. Não que haja algo que possa nos preocupar”, acrescentou, ao ver que ela franzira a testa, “mas Mr. Big parece ter tentáculos muito compridos, especialmente no universo negro. E isso inclui as ferrovias. Você se importa?”

“Claro que não”, respondeu. “Ia sugerir isso. Você não poderia subir na cama de cima com sua mão machucada.”

O almoço deles chegou, trazido do restaurante por um garçom negro preocupado. Parecia ansioso para receber e voltar ao trabalho.

Quando haviam terminado e Bond chamou o porteiro do Pullman, também ele parecia esquivo, evitando olhar para Bond. Demorou a fazer as camas. Fez um teatro da falta de espaço para se mexer.

Finalmente, pareceu tomar coragem.

“Talvez a senhora Bryce queira sentar no compartimento ao lado enquanto arrumo a cabine”, sugeriu, olhando por cima da cabeça de Bond. “A cabine ao lado vai ficar vazia durante todo o percurso até St. Pete.” Tirou uma chave e abriu a porta de comunicação, sem esperar pela resposta de Bond.

A um gesto de Bond, Solitaire entendeu a insinuação. Ele ouviu-a trancar a porta do corredor. O negro fechou a porta de comunicação.

Bond esperou um instante. Lembrava-se do nome do sujeito.

“Tem algo a me dizer, Baldwin?”, perguntou.

Aliviado, o atendente se virou e olhou bem para ele.

“É verdade mesmo, senhor Bryce. Tenho sim senhor.” Uma vez começado, as palavras jorraram como uma torrente: “Eu não devia contar isso, senhor Bryce, mas vai haver um sururu danado nesta viagem. O senhor tem um inimigo neste trem, patrão. Ouço coisas que eu não gosto nem um pouco. Não posso falar muito. Senão vou me dar mal. Mas os senhores tomem cuidado. Tem certo sujeito que está com o dedo apontado pro senhor, patrão, e esse cara é uma desgraça. Melhor ficar com isso aqui”, ele enfiou a mão no bolso e tirou duas cunhas de madeira, da janela. “Enfie esses cavacos debaixo das portas”, disse. “Não posso fazer mais nada além disso. Senão cortam a minha garganta. Não gosto que mexam com os clientes do meu carro. Não, senhor.”

Bond pegou as cunhas dele. “Mas...”

“Não posso ajudá-lo mais do que isto, patrão”, disse o negro em caráter decisivo, com a mão na porta. “Se o senhor tocar a capainha esta noite, eu trago o jantar. Não deixe mais ninguém entrar na cabine.”

Estendeu a mão para pegar a nota de vinte dólares. Amarrotou-a e botou-a no bolso.

“Farei o que for possível, patrão”, disse. “Mas eles me pegam se eu não tomar cuidado. É verdade, sim senhor.” Saiu, fechando a porta rapidamente.

Bond pensou um instante e, em seguida, abriu a porta de comunicação. Solitaire lia.

“Ele arrumou tudo”, disse. “Demorou muito. Queria me contar a história da sua vida também. Vou ficar no meu canto até você subir para o seu ninho. Chame quando estiver pronta.”

Ficou sentado na cabine ao lado, no assento que ela deixara, contemplando os subúrbios tristes da Filadélfia a mostrar, como mendigos, suas feridas para o trem de luxo.

Não havia necessidade de amedrontá-la antes da hora. Mas a nova ameaça viera antes do esperado, e o perigo que ela correria, se o olheiro no trem descobrisse sua identidade, seria igual ao seu.

Ela chamou e ele foi.

A cabine estava escura, exceto pela luz de cabeceira que ela acendera.

“Durma bem”, ela disse.

Bond tirou o casaco. Enfiou as cunhas em silêncio, mas com firmeza, debaixo das duas portas. Em seguida, deitou-se com cuidado no seu lado direito, na cama confortável e, sem nenhuma preocupação quanto ao futuro, caiu em um sono profundo, embalado pelo galope cadenciado do trem.

A alguns vagões de distância, no restaurante deserto, um garçom negro relia o que escrevera em um papel de telegrama, à espera da parada de dez minutos na Filadélfia.

11.

ALLUMEUSE

O trem especial prosseguiu disparado pela tarde luminosa em direção ao sul. Deixaram para trás a Pensilvânia e Maryland. Houve uma longa parada em Washington, onde Bond ouviu, em meio a seus sonhos, os toques cadenciados das campainhas de aviso das locomotivas em manobras, e o suave e insistente falatório do sistema de som da estação. Em seguida, prosseguiram, entrando na Virgínia. Aqui o ar já era mais delicado e o crepúsculo, a apenas cinco horas do bafo radiante e gelado de Nova York, cheirava quase a primavera.

Um grupo ocasional de negros, voltando para casa do campo, ouviria o troar distante sobre os trilhos mudos e prateados, e um deles tiraria o relógio do bolso e, depois de consultá-lo, anunciaria: “Evém o Fantasma de Prata. Seis horas. Acho que meu relógio deve estar certo.” “Verdade”, diria outro, à medida que a cadência forte das locomotivas se aproximava e os vagões iluminados desfilavam velozes em direção à Carolina do Norte.

Eles acordaram pelas sete horas com o tilintar apressado da campainha do alarme de uma passagem de nível, enquanto a grande composição ia emergindo do campo para entrar nos subúrbios de Raleigh. Bond tirou as cunhas sob as portas, antes de acender as luzes e chamar o cabineiro.

Pediu dois dry martínis, e quando surgiram as duas garrafinhas “personalizadas”, os copos e o gelo, pareciam tão insuficientes que fez um pedido imediato de mais quatro.

Discutiram sobre o cardápio. A descrição do peixe dizia que era “feito de tenros filés sem espinhas em massa folhada” e o frango, “deliciosamente dourado à francesa, servido aos pedaços”.

“Pura tapeação”, disse Bond, e acabaram pedindo ovos mexidos com salsichas e bacon, salada, um pouco do Camembert nacional, que era uma das surpresas mais bem-vindas nos cardápios americanos.

Eram nove horas quando Baldwin veio tirar os pratos. Perguntou se queriam algo mais.

Bond andara pensando. “A que horas chegamos a Jacksonville?”, perguntou.

“Por volta das cinco da manhã, patrão.”

“Tem passagem subterrânea na plataforma?”

“Sim senhor. Este vagão para bem ao lado dela.”

“Você poderia abrir a porta e descer a escada muito rápido?”

O negro sorriu. “Sim, patrão. Posso cuidar disso.”

Bond passou-lhe uma nota de dez dólares. “No caso de não encontrar você quando chegarmos a St. Petersburg”, disse.

O negro abriu um sorriso. “Muita bondade sua, patrão. Boa noite, senhor. Boa noite, madame.”

Saiu e fechou a porta.

Bond se levantou e enfiou as cunhas com firmeza sob as duas portas.

“Compreendi”, disse Solitaire. “Então foi isso.”

“Sim”, respondeu Bond. Contou-lhe sobre o aviso que recebera de Baldwin.

“Não me surpreende”, disse a garota, quando ele terminou. “Devem ter visto você entrando na estação. Ele tem uma equipe inteira de espíões. Chama-os de olheiros. Quando são acionados, é quase impossível escapar de sua vigilância. Eu me pergunto quem ele terá neste trem. Pode ter certeza de que é negro, ou cabineiro do Pullman ou alguém no restaurante. Consegue fazer com que essa gente faça absolutamente tudo o que ele quer.”

“Parece que sim”, falou Bond. “Mas como funciona? Qual é o poder que ele tem sobre essa turma?”

Ela olhou pela janela, para o túnel que o trem iluminado furava na escuridão em seu caminho trovejante. Em seguida, desviou o olhar para os olhos cinza-azulados, tranquilos e separados do agente inglês. Pensou: como explicar a alguém com essa segurança de espírito, com esse passado de senso comum, criado com boas roupas e calçados, no meio de casas aconchegantes e ruas iluminadas? Como explicar a alguém que não viveu perto do coração oculto dos trópicos, à mercê da ira, do veneno e da dissimulação destilados por ele; que não viveu o mistério dos tambores, que não testemunhou a ação rápida da magia e o temor que ela inspira? O que poderá saber sobre a catalepsia, a transferência de pensamentos e a intuição especial dos peixes,

dos pássaros, dos negros; o significado mortífero da pena de uma galinha branca, de gravetos cruzados na estrada, de uma pequena sacola cheia de ossos e ervas? Sem falar no Mialismo, no roubo de sombras, na morte por inchaço e por definhamento?

Ela teve um calafrio, envolta por uma porção de memórias sombrias. Sobretudo, lembrou-se da primeira vez que sua babá negra a levara ao Houmfor. “Não vai te fazer mal, menina. Isso é um feitiço bom e poderoso. Vai te proteger pelo resto da vida.” E do velho nojento e da bebida imunda que ele lhe dera. De como a babá segurara sua boca aberta até que ela tivesse bebido até a última gota e de como passara toda noite, durante uma semana inteira, gritando, sem conseguir dormir. E de como sua babá ficara preocupada e de como de repente ela conseguira dormir bem, até que, semanas mais tarde, ao sentir algo duro no seu travesseiro, ela o removera da fronha e tirara de dentro dele um pequeno pacote de sujeira. Jogara-o pela janela, mas de manhã não conseguira encontrá-lo. Continuara a dormir bem e sabia que a babá devia tê-lo encontrado e escondido em algum lugar sob as tábuas do assoalho.

Anos depois, descobrira de que era feita a bebida do vodu — uma mistura de rum, pólvora, barro de sepultura e sangue humano. Quase vomitou ao se lembrar do gosto.

O que poderia este homem saber dessas coisas e da fé pela metade que ela depositava nelas?

Olhou para cima e encontrou o olhar fixo e questionador de Bond sobre ela.

“Você acha que eu não compreenderei”, disse ele. “E tem razão até certo ponto. Mas sei o que o medo pode fazer às pessoas e sei que pode ser provocado por muitas coisas. Já li a maioria dos livros sobre vodu e acredito que funcione. Não acho que funcionaria comigo, porque perdi o medo do escuro quando era criança e não sou suscetível à sugestão nem à hipnose. Mas conheço o jargão e não pense que rirei dele. Os cientistas e médicos, autores destes livros, não acharam graça.”

Solitaire sorriu. “Está certo. Então só é preciso lhe dizer que eles acreditam que Mr. Big é o zumbi do Baron Samedi. Os zumbis já são em si mesmos maus. São cadáveres com vida, obrigados a ressuscitar e a obedecer às ordens de quem os controla. O Baron Samedi é o espírito mais horrendo de todo o voduísmo. É o espírito das trevas e da morte. Por isso, quando o Baron Samedi controla o seu próprio zumbi, estamos diante da pior concepção

possível. Você conhece a aparência de Mr. Big. Enorme e cinzento, e possuidor de uma grande força psíquica. Não é difícil para os negros acreditarem que ele é um zumbi; aliás, muito mau. O passo para o Baron Samedi é simples. Mr. Big encoraja esta história tendo sempre o fetiche do Baron ao seu lado. Você o viu na sua sala.”

Fez uma pausa. Logo em seguida prosseguiu, quase sem fôlego: “Posso lhe dizer que funciona e praticamente não existe negro algum que o tenha visto e ouvido sua história que não acredite nela e sinta um pavor absoluto dele. E eles têm razão”, acrescentou. “E você também diria o mesmo se soubesse como ele trata quem não lhe obedece totalmente. A maneira como são torturados e mortos.”

“E onde Moscou entra nisso?”, perguntou Bond. “É verdade que ele é um agente da SMERSH?”

“Não sei o que é SMERSH”, respondeu a garota, “mas sei que trabalha para a Rússia, pelo menos já o ouvi falando russo com umas pessoas que aparecem de vez em quando. Vez por outra ele me chamava para aquela sala e depois me perguntava o que eu achava de suas visitas. Geralmente me parecia que elas estavam falando a verdade, embora não compreendesse o que diziam. Mas não esqueça que só o conheço há um ano e ele é muito reservado. Se Moscou o utiliza, conseguiu a adesão de um dos homens mais poderosos da América. Consegue descobrir praticamente o que quiser, e, se não obtém o que deseja, alguém acaba morrendo.”

“Por que ninguém o mata?”, perguntou Bond.

“Não se pode matá-lo”, ela disse. “Já está morto. É um zumbi.”

“Sim, compreendo”, disse Bond, lentamente. “É um esquema bastante impressionante. Você tentaria?”

Ela olhou pela janela e, em seguida, para ele.

“Como último recurso”, confessou a contragosto. “Mas não esqueça que sou do Haiti. Meu cérebro me diz que consigo matá-lo, mas...”, fez um gesto de impotência, “meu instinto diz que não”.

Sorriu docilmente para ele. “Você deve me achar uma idiota completa.”

Bond refletiu. “Não depois de ter lido todos esses livros”, admitiu. Estendeu a mão para cobrir a dela em cima da mesa. “Quando chegar a hora”, falou, sorrindo, “farei uma cruz na minha bala. Costumava funcionar nos velhos tempos”.

Ela pareceu pensativa. “Acho que se alguém puder consegui-lo, esse alguém será você”, afirmou. “Você o golpeou duramente ontem à noite em reação ao que ele lhe fez.” Pegou a mão dele entre as suas e apertou-a. “Agora me diga o que devo fazer.”

“Cama”, respondeu Bond. Consultou seu relógio. Eram dez horas. “É melhor a gente dormir o máximo possível. Vamos abandonar o trem em Jacksonville, mas corremos o risco de sermos vistos. Precisamos descobrir outro caminho até a costa.”

Levantaram-se. Ficaram face a face no trem balouçante.

De repente, Bond estendeu o braço e agarrou-a com a mão direita. Os braços dela envolveram seu pescoço e eles se beijaram apaixonadamente. Ele apertou-a contra a parede que balançava e segurou-a naquela posição. Ela pegou seu rosto ofegante com as duas mãos e manteve-o afastado. Seus olhos brilhavam, ardentes. Em seguida puxou o rosto e os lábios dele contra os seus, novamente, dando-lhe um longo beijo lascivo, como se fosse o homem e ele a mulher.

Bond praguejou contra o dedo quebrado que o impedia de explorar o seu corpo, de possuí-la. Livrou a mão direita e colocou-a entre seus dois corpos, sentindo seus seios firmes, cada um com seu mamilo enrijecido de desejo. Deslizou-a por suas costas, até chegar ao sulco na base da coluna, e deixou-a permanecer aí, segurando com força o meio do seu corpo até que tivessem se beijado o suficiente.

Ela tirou os braços do pescoço dele e afastou-o.

“Um dia eu esperava beijar um homem deste modo”, disse. “E logo que o vi, sabia que seria você.”

Com os braços pendentes dos lados, o corpo dela permanecia ali, aberto a ele, pronto para ele.

“Você é muito bonita”, disse Bond. “Beija do modo mais maravilhoso do que qualquer outra garota que conheci.” Olhou para as ataduras na mão esquerda. “Maldito braço. Não posso segurá-la direito ou fazer amor. Dói muito. É mais uma coisa que Mr. Big vai me pagar.”

Ela riu.

Pegou um lenço na bolsa e limpou o batom da boca de Bond. Em seguida, tirou o cabelo da testa dele, beijando-o de novo, de leve, com ternura.

“Ainda bem”, disse ela. “Temos coisas demais na cabeça.”

O balanço do trem o empurrou de novo contra ela.

Pôs a mão no seio esquerdo e beijou seu pescoço branco. Depois a beijou na boca.

Sentiu que seu sangue pulsava mais suave. Pegou-a pela mão e a levou até o meio da pequena cabine balouçante.

Sorriu. “Talvez você tenha razão. Quando chegar o momento, quero que fiquemos sozinhos com tempo de sobra. Aqui há pelo menos um sujeito que pode perturbar a nossa noite. E teremos que acordar às quatro da madrugada, de qualquer modo. Por isso, simplesmente não há tempo para começar a fazermos amor agora. Prepare-se para dormir. Subirei na sua cama, depois de você, para um beijo de boa-noite.”

Beijaram-se mais uma vez e então ele se afastou lentamente.

“Vamos apenas ver se temos companhia na cabine ao lado”, disse.

Retirou a cunha sob a porta de comunicação devagarzinho e virou a maçaneta delicadamente. Sacou a Beretta do coldre, destravou-a e fez um gesto para que ela puxasse a porta e ficasse atrás dela. Deu o sinal e ela abriu rapidamente a porta. A cabine vazia bocejava sarcasticamente na cara deles.

Bond sorriu para ela, sacudindo os ombros.

“Chame quando estiver pronta”, disse, entrando e fechando a porta.

A porta do corredor estava trancada. A cabine era idêntica à deles. Bond examinou-a com cuidado à procura de pontos vulneráveis. Havia só o duto do ar-condicionado no teto e Bond, que estava aberto a qualquer eventualidade, dispensou a hipótese do uso de gás no sistema. Mataria todos os demais ocupantes do vagão. Havia apenas os canos de esgoto do pequeno banheiro e, embora pudessem ser usados por alguém que inserisse algum mecanismo mortífero a partir da parte de baixo do trem, o autor desta façanha teria que ser um acrobata audaz e muito bem treinado. Não havia duto de ventilação dando para o corredor.

Bond deu de ombros. Se viesse alguém, seria através das portas. Ele simplesmente teria de permanecer acordado.

Solitaire o chamou. A cabine cheirava a ‘Vent Vert’ de Balmain. Ela estava apoiada no cotovelo, olhando para ele do beliche superior.

Os lençóis estavam puxados em volta dos ombros e Bond imaginou que ela estivesse nua. Seus cabelos pretos caíam em uma cascata negra sobre os

ombros. Com apenas a luz de leitura atrás, seu rosto estava na penumbra. Bond subiu a pequena escada de alumínio e se inclinou em sua direção. Ela se inclinou para ele e de repente os lençóis caíram de seus ombros.

“Sua danada”, disse Bond. “Você...”

Ela tapou a boca dele com a mão.

“*Allumeuse* é a palavra certa para isto. É tão divertido poder excitar um homem tão forte e calado. Você arde com uma chama tão zangada. Mas é o único jogo que posso jogar com você, e não poderei jogá-lo por muito mais tempo. Serão necessários quantos dias para que sua mão fique boa?”

Bond deu uma mordida forte na mão que tapava sua boca. Ela deu um pequeno grito.

“Não faltam muitos”, respondeu Bond. “E aí, um dia, quando você estiver jogando esse seu jogo, vai acabar presa por um alfinete, como uma borboleta.”

Ela o envolveu em seus braços e eles se beijaram longa e apaixonadamente.

Finalmente, ela se deixou cair nos travesseiros.

“Fique bom depressa”, pediu. “Já estou cansada do meu jogo.”

Bond desceu e puxou as cortinas do beliche dela.

“Agora procure dormir. Amanhã teremos um longo dia pela frente.”

Ela resmungou algo e ele ouviu-a se virar. Depois desligou a luz.

Bond se certificou de que as cunhas estavam bem enfiadas sob as portas. Em seguida, tirou o casaco e a gravata e deitou no beliche de baixo. Desligou a sua luz e ficou deitado, pensando em Solitaire e ouvindo o galope constante das rodas debaixo da cabeça e os pequenos ruídos reconfortantes na cabine, os delicados rangidos, tremores e gemidos na carroceria, que provocam nos viajantes de trem um sono tão rápido à noite.

Eram sete horas e o trem se encontrava no longo trecho entre Colúmbia e Savannah, na Geórgia. Faltavam mais ou menos seis horas para Jacksonville, ainda seis horas de escuridão, durante a qual Big Man certamente teria instruído seu agente a agir, enquanto o trem inteiro dormia e qualquer um podia usar os corredores sem interferência.

A grande composição serpenteava no escuro, devorando os quilômetros de planícies vazias e os míseros povoados da Geórgia, o “estado do pêssgo”,

enquanto o gemido zangado de sua buzina de ar comprimido, de quatro tons, espalhava seu uivo sobre a vasta savana, e o longo feixe de seu único farol rasgava o tecido negro da noite.

Bond tornou a ligar a luz e leu um pouco, mas seus pensamentos eram por demais insistentes e logo desistiu, desligando-a. Mas ficou pensando em Solitaire e no futuro, na perspectiva mais imediata de St. Petersburg e de tornar a ver Leiter.

Muito mais tarde, perto de uma hora da madrugada, cochilava à beira do sono mais profundo, quando um ruído metálico suave, bem perto da cabeça, o fez acordar totalmente, com a mão sobre a arma.

Havia alguém na porta do corredor, tentando abrir silenciosamente a fechadura.

Bond se levantou de um pulo, movendo-se de pés descalços. Tirou devagarzinho a cunha sob a porta da cabine ao lado e girou a maçaneta com delicadeza, abrindo-a. Passou para a outra cabine e começou a abrir em silêncio a porta do corredor.

Houve um clique alto quando a lingueta voltou. Escancarou a porta violentamente e irrompeu no corredor, distinguindo apenas uma figura em fuga, já próxima do final do vagão.

Se tivesse as duas mãos livres, poderia ter atirado no sujeito, mas para abrir a porta fora obrigado a enfiar a pistola na cintura. Bond sabia que qualquer perseguição seria inútil. Havia demasiados compartimentos vazios nos quais o homem poderia entrar e fechar silenciosamente a porta. Bond já pensara em tudo isso antes. Sabia que sua única chance seria a surpresa, um tiro rápido ou a rendição do sujeito.

Deu alguns passos até a cabine H. O canto pequeno de um papel era visível no corredor, sob a porta.

Voltou para a cabine deles, fechando as portas depois de passar.

Acendeu sua luz de leitura em silêncio. Solitaire ainda dormia. O restante do papel, uma única folha, jazia no tapete, ao lado da porta do corredor. Apanhou-a e sentou-se na beira da cama.

Era uma folha de papel barato pautado. Cobriam-no linhas irregulares de maiúsculas toscas, em tinta vermelha. Bond segurou-a com cuidado, sem esperança de que tivesse muitas impressões digitais. Essa gente não era de fazer isso.

*Oh bruxa [leu ele] não me mates,
Poupe-me. O corpo pertence a ele.*

*O divino batuqueiro declara que
Quando acordar na aurora
Tocará seus tambores para VOCÊ ao amanhecer
Cedo, cedinho, cedo, cedinho, cedo, cedinho.*

*Oh bruxa que mata os filhos dos humanos antes que amadureçam
totalmente*

*Oh bruxa que mata os filhos dos humanos antes que amadureçam
totalmente*

*O divino batuqueiro declara que
Quando acordar na aurora
Tocará seus tambores para VOCÊ ao amanhecer
Cedo, cedinho, cedo, cedinho, cedo, cedinho.*

*A VOCÊ nos dirigimos
E VOCÊ compreenderá.*

*Bond se deitou na cama e pensou.
Em seguida, dobrou o papel e botou-o na sua agenda.
Deitou-se de bruços e ficou olhando o vazio, à espera do amanhecer.*

12.

EVERGLADES

Eram cerca de cinco da manhã quando eles deixaram o trem sorrateiramente em Jacksonville.

Ainda estava escuro e as plataformas nuas do grande entroncamento da Flórida estavam mal iluminadas. A entrada da passagem subterrânea ficava a apenas poucos metros do vagão 245 e não havia sinal de vida no trem adormecido, quando desceram a escada. Bond dissera ao cabineiro para manter a porta da cabine deles fechada e as venezianas arriadas depois de sua partida, e pensou que havia alguma chance de não darem por sua falta até que o trem chegasse a St. Petersburg.

Saíram da passagem no saguão de compra de bilhetes. Bond verificou que o próximo expresso para St. Petersburg seria o Meteoro de Prata, irmão do Fantasma de Prata, com chegada esperada às nove horas, e comprou dois assentos no Pullman. Em seguida, pegou Solitaire pelo braço e os dois saíram na rua quente e escura.

Havia duas ou três lanchonetes vinte e quatro horas à escolha, e eles empurraram a porta que anunciava “Boas refeições” através do néon mais brilhante. Tratava-se da pobre e costumeira máquina de servir comida — duas garçonetes cansadas atrás de um balcão de zinco entulhado de cigarros, doces, livros de bolso e revistas em quadrinhos. Havia uma grande máquina de café e uma série de bocas de gás. A porta em que estava escrito “toailete” escondia seus segredos medonhos, ao lado de outra, “particular”, que era provavelmente a entrada dos fundos. Um grupo de sujeitos vestidos de macacões, em uma das dez mesas manchadas, todas com galheteiros, ergueu os olhos por um instante quando eles entraram e, em seguida, retomou sua conversa em voz baixa. Equipes de revezamento das locomotivas, supôs Bond.

Havia quatro reservados estreitos à direita da entrada e Bond e Solitaire pegaram um deles. Consultaram, entorpecidos, o cardápio manchado.

Depois de algum tempo, uma das garçonetes se aproximou

displícitamente, apoiando-se na divisória e estudando as roupas de Solitaire.

“Suco de laranja, café, ovos mexidos, dois pedidos”, disse Bond, concisamente.

“Certo”, disse a mulher, e saiu arrastando os pés com displicência.

“Os ovos mexidos serão feitos no leite”, disse Bond. “Mas a gente não consegue comer ovos escaldados na América. Parecem tão repugnantes sem casca, misturados em uma xícara, da maneira como os fazem aqui. Deus sabe onde aprenderam isso. Na Alemanha, apostó. E o café ruim americano é pior que o pior café, até pior que na Inglaterra. Não dá para estragar muito o suco de laranja. Afinal de contas, agora estamos na Flórida.” De repente sentiu-se deprimido ao pensar na espera de quatro horas que teriam de suportar nesse ambiente gasto e sujo.

“Todo mundo está ganhando dinheiro fácil na América nos dias de hoje”, disse Solitaire. “Isso é ruim para o freguês. Eles só querem arrancar um dólar rápido de você e botá-lo para fora. Espere até chegar ao litoral. Nessa época do ano a Flórida é a maior arapuca de otários do mundo. Na Costa Leste eles depenam os milionários. Para onde vamos, ordenham o cara humilde. Bem feito para ele, evidente. Vai lá para morrer. E não conseguirá levar o que possui junto com ele.”

“Pelo amor de Deus”, disse Bond, “para que tipo de lugar nós vamos?”

“Quase todo mundo já está praticamente morto em St. Petersburg”, explicou Solitaire. “É o grande cemitério americano. Quando o bancário, o carteiro ou o condutor de trem chega aos sessenta, pega sua pensão, junta com quaisquer atrasados, e vai tomar sol durante alguns anos em St. Petersburg, antes de morrer. É chamada ‘cidade do sol’. O tempo é tão bom lá que o jornal vespertino local, o *Independent*, é distribuído de graça em qualquer dia que o sol não tenha brilhado até a hora da saída do jornal. Só acontece três ou quatro vezes por ano, e é uma excelente propaganda. Todo mundo vai para a cama por volta das nove da noite e durante o dia os velhinhos, que são um montão, jogam shuffleboard e bridge. Há uns dois times de beisebol, ‘os pirralhos’ e ‘os garotos’, cujos jogadores têm todos mais de setenta e cinco anos. Depois jogam boliche, mas passam a maior parte do tempo sentados, espremidos, como um rebanho, em coisas chamadas Sidewalk Davenport, fileiras de bancos ao longo das calçadas das ruas principais. Ficam só tomando sol, fofocando e cochilando. É uma visão horrenda, toda aquela gente com seus óculos, aparelhos auditivos e o clique-clique das dentaduras.”

“Parece uma tristeza”, disse Bond. “Por que diabos Mr. Big escolheu esse

lugar como centro de operações?”

“Para ele é perfeito”, respondeu Solitaire, seriamente. “Não existe praticamente crime, a não ser roubar no bridge ou na canastra. Por isso o efetivo policial é mínimo. Existe um posto da guarda costeira bastante grande, que se preocupa principalmente com o contrabando entre Tampa e Cuba, e a pesca de esponjas fora da estação em Tarpon Springs. Não sei exatamente o que ele faz ali, só que tem um agente importante chamado ‘Ladrão’. Tem algo a ver com Cuba, suponho”, acrescentou pensativa. “Provavelmente algo relacionado com o comunismo. Acredito que Cuba é submetida ao Harlem e manda agentes vermelhos para todo o Caribe.”

“De qualquer maneira”, prosseguiu, “St. Petersburg talvez seja a cidade mais inocente da América. Tudo é muito ‘simplório’ e ‘gracioso’. É verdade que existe um lugar chamado The Restorium, que é um hospital para alcoólatras. Mas alcoólatras muito velhos, acho”, ela riu, “e aposto que já estão muito velhos para fazer mal a alguém. Você vai adorar”, ela sorriu maliciosamente para Bond. “Na certa vai querer se estabelecer lá pela vida toda até virar ‘idoso’ também. Essa é a palavra-chave de lá... ‘idoso’.”

“Deus me livre”, disse Bond com horror. “Parece um tanto com Bournemouth ou Torquay. Mas mil vezes pior. Espero que não tenhamos alguma partida de tiro ao alvo com o Ladrão e seus amigos. Provavelmente apressaríamos a ida de centenas de idosos para o cemitério, acometidos de ataques cardíacos. Mas será que não existe gente jovem nesse lugar?”

“Sim”, riu Solitaire. “Muita gente. Todos os habitantes locais que ganham dinheiro à custa dos idosos, por exemplo. O pessoal que é dono dos hotéis, dos campings. Você poderia ganhar muito dinheiro organizando torneios de bingo. Eu seria sua ‘isca’ — a garota que fica do lado de fora para pescar os otários. Caro senhor Bond”, ela esticou o braço e apertou a mão dele, “o senhor deseja se estabelecer comigo e envelhecer decentemente em St. Petersburg?”

Bond se recostou, dando-lhe um olhar crítico. “Quero primeiro viver indecentemente um longo período com você”, disse com um sorriso. “Esta talvez seja a minha vocação de verdade. E para mim até que vem a calhar ir para a cama todo dia às nove, como eles fazem lá.”

Os olhos dela devolveram o seu sorriso. Retirou sua mão da dele, quando chegou o café da manhã. “Sim. Você vai para a cama às nove e eu escapulo pela porta dos fundos e vou para a farra com os Pirralhos e os Garotos.”

O café da manhã foi tão ruim quanto Bond profetizara.

Depois de pagar, foram para a sala de espera da estação.

O sol já raiara e a luz jorrava em feixes empoeirados na sala abobadada e vazia. Ficaram sentados em um canto até a chegada do Meteoro de Prata, e Bond a assediou com perguntas sobre Big Man e tudo o que ela pudesse lhe informar sobre suas operações.

Às vezes tomava nota de um nome ou de uma data, mas ela não foi capaz de acrescentar mais coisas ao que ele já sabia. Ela tinha um apartamento próprio no mesmo quarteirão de Mr. Big no Harlem, onde fora mantida prisioneira durante o ano anterior. Tinha a “companhia” de duas negras fortunas e jamais podia sair sem estar acompanhada por um guarda.

De vez em quando Mr. Big mandava trazê-la para a sala onde Bond a vira. Lá ele lhe dizia para adivinhar se algum sujeito ou mulher, geralmente amarrado à cadeira, estava mentindo ou não. Ela variava as respostas segundo achasse que a pessoa era ruim ou boa. Sabia que seu diagnóstico podia significar muitas vezes uma sentença de morte, mas sentia-se indiferente ao destino de quem ela julgasse mau. Muito poucas dessas pessoas eram brancas.

Bond anotou as datas e os detalhes de todas essas ocasiões.

Tudo que ela lhe contou reforçava a imagem de um homem muito poderoso e ativo, implacável e cruel, no comando de uma enorme rede de operações.

Tudo que sabia sobre as moedas de ouro era que ela tivera muitas vezes de interrogar gente sobre quantas haviam sido passadas e o valor recebido por elas. Mentiam sobre ambas as questões com muita frequência.

Bond tomou cuidado de divulgar somente muito pouco daquilo que já sabia ou adivinhara. O crescente afeto por Solitaire e o desejo por seu corpo ficavam em um compartimento estanque em relação à sua vida profissional.

O Meteoro de Prata chegou na hora e ambos sentiram alívio em estar novamente a caminho, longe do mundo monótono do grande entroncamento.

O trem prosseguiu sua carreira através da Flórida, atravessando florestas e pântanos, totalmente enfeitiçados por barbas-de-velho, e quilômetros de pomares de frutas cítricas.

Em toda a parte central do estado a barba-de-velho emprestava à paisagem uma atmosfera morta e fantasmagórica. Até mesmo os povoados por que passavam tinham um aspecto cinzento, esquelético, com suas casas de tábuas secas e castigadas pelo sol. Apenas os pomares de cítricos carregados de frutas pareciam verdes e viçosos. Todo o resto parecia assado e ressecado

pelo calor.

Ao olhar as florestas sombrias, silenciosas e murchas, Bond pensou que nada viveria nelas exceto morcegos, escorpiões, lagartos e viúvas-negras.

Almoçaram e de repente o trem corria pelo Golfo do México, através dos mangues e palmeirais, infindáveis motéis e campings, e Bond sentiu o cheiro da outra Flórida, a Flórida dos anúncios, a terra da “Miss Flor de Laranjeira de 1954”.

Abandonaram o trem em Clearwater, a última estação antes de St. Petersburg. Bond pegou um táxi e deu o endereço em Treasure Island, a meia hora de carro dali. Eram duas horas e o sol torrava em um céu sem nuvens. Solitaire insistiu em tirar o chapéu e o véu. “Está grudando no meu rosto”, disse. “Praticamente ninguém jamais me viu por aqui.”

Um negro grande, com o rosto picotado de marcas antigas de varíola, foi retido no trânsito em seu táxi, ao mesmo tempo que eles, na junção de Park Street e Central Avenue, onde a avenida segue até o longo elevado de Treasure Island, que atravessa as águas rasas de Boca Ciega Bay.

Quando o negro viu o perfil de Solitaire, ficou boquiaberto. Estacionou o táxi no meio-fio e mergulhou em uma *drugstore*. Ligou para um número em St. Petersburg.

“Aqui é o Poxy”, disse com urgência no bocal. “Chama o Ladrão e anda depressa. É você, Ladrão? Olha, Big Man deve tá aqui. Como você acabou de falar com ele em Nova York? Acabei de ver sua garota em um táxi de Clearwater, da Stassen Company, indo em direção ao elevado. Claro que tenho certeza. Juro por Deus. Não podia me enganar com aquele pedaço. Com um cara de terno azul, chapéu Stetson cinza. Parece que tinha uma cicatriz no rosto. O que cê quer dizer com ‘siga eles’? Simplesmente não acredito que cê não me diria se Big Man estivesse aqui. Acho melhor verificar e ter certeza. Ok, ok. Eu pego o táxi quando ele voltar pelo elevado, ou então em Clearwater. Ok, ok. Fica calmo. Não fiz nada errado.”

O sujeito chamado Ladrão conseguiu falar com Nova York em cinco minutos. Fora avisado sobre Bond, mas não conseguia entender como Solitaire se encaixava nessa história. Quando acabou de falar com Big Man ainda não sabia, mas suas instruções eram muito claras.

Desligou e ficou um tempo tamborilando na escrivaninha. Dez mil pelo serviço. Precisaria de dois sujeitos. Então restariam para ele oito mil. Lambeu os lábios e ligou para uma sinuca em um bar da periferia, em Tampa.

Bond pagou o táxi em Everglades, um grupo de cabanas bem cuidadas de madeira, brancas e amarelas, situadas nos três lados de uma praça gramada que descia cinquenta metros até uma praia branca como cal, seguida do mar. Dali se estendia por todo o Golfo do México, calmo como um espelho, até que o mormaço no horizonte o fizesse se fundir com o céu sem núvens.

Depois de Londres, Nova York e Jacksonville, aquilo era uma brilhante transição.

Bond entrou pela porta em que estava escrito ESCRITÓRIO, com Solitaire modestamente nos seus calcanhares. Tocou uma campainha onde estava escrito GERENTE: SRA STUYVESANT, e uma mulher que parecia um camarão seco, com uma rinsagem azul nos cabelos, apareceu, sorrindo com os lábios enrugados. “Sim?”

“O senhor Leiter?”

“Ah, sim, é o senhor Bryce. Cabana número um, bem na praia. O senhor Leiter está esperando-o desde o almoço. E...?”, ela esquadrinhou Solitaire com o seu pincenê.

“A senhora Bryce”, informou Bond.

“Ah, sim”, disse a sra. Stuyvesant, não parecendo acreditar muito. “Bem, por favor, preencham o registro. Tenho certeza de que o senhor e a senhora Bryce gostariam de uma ducha depois da viagem. O endereço completo, por obséquio. Obrigada.”

Conduziu-os porta afora, pelo caminho cimentado, até a última cabana à esquerda. Bateu e Leiter surgiu. Bond estava esperando uma acolhida calorosa, mas Leiter pareceu atônito ao vê-lo. Ficou boquiaberto. Seu cabelo cor de palha, com as raízes ainda ligeiramente pretas, parecia um monte de feno.

“Acho que ainda não conhece minha mulher”, disse Bond.

“Não, não, quero dizer, sim. Como vai?”

Tudo aquilo extrapolava a sua compreensão. Ignorando Solitaire, quase arrastou Bond porta adentro. Na última hora se lembrou da garota e com a outra mão puxou-a também, fechando a porta com o calcanhar e cortando o “espero que tenham uma boa...” da sra. Stuyvesant, antes de ela poder dizer “estadia”.

Uma vez lá dentro, Leiter ainda não conseguia entender a situação. Olhava embasbacado para um e depois para o outro.

Bond colocou sua valise no chão do pequeno vestíbulo. Havia duas portas. Abriu a da direita e segurou-a para Solitaire. Era uma pequena sala de estar que ocupava a largura da cabana e dava para a praia e o mar. Era agradavelmente mobiliada, com cadeiras de praia de bambu estofadas com espuma de borracha, e um tecido de chintz estampado com hibiscos verdes e vermelhos. Uma esteira de palha de palmeira cobria o assoalho. As paredes eram de um azul ovo de pato, e no centro de uma delas via-se uma estampa colorida de flores tropicais, em moldura de bambu. Havia uma grande mesa de bambu, no formato de um tambor, com tampo de vidro. Sustentava um vaso de flores e um telefone branco. Largas janelas davam para o mar e, à direita, uma porta levava à praia. Venezianas brancas de plástico pendiam meio arriadas nas janelas, para cortar o reflexo claro da areia.

Bond e Solitaire se sentaram. Bond acendeu um cigarro e jogou o maço e o isqueiro em cima da mesa.

De repente o telefone tocou. Leiter saiu do transe, veio da porta para atender.

“Ele falando”, disse. “Por favor, me passe o tenente. É você, tenente? Ele está aqui. Acabou de chegar. Não, são e salvo.” Ouviu um instante e, em seguida, se virou para Bond. “Onde foi que você deixou o Fantasma?”, perguntou. Bond lhe contou. “Jacksonville”, disse Leiter no telefone. “Sim, direi. Certo. Pegarei os detalhes com ele e ligarei de volta. Por favor, cancele Homicídio. Eu é que lhe agradeço. E Nova York. Muito obrigado, tenente. Orlando 9.000. Ok. E obrigado de novo. Até logo.” Recolocou o fone no gancho. Secou o suor na testa e sentou ao lado de Bond.

De repente olhou para Solitaire e sorriu com ar de quem se desculpa. “Você deve ser Solitaire. Perdoe pela acolhida tumultuada. Mas foi um dia e tanto. Pela segunda vez em vinte e quatro horas eu não esperava mais ver esse cara de novo.” Virou-se para Bond: “Posso continuar?”

“Pode”, disse Bond. “Solitaire agora está do nosso lado.”

“Boa notícia”, disse Leiter. “Bem, você não deve ter lido os jornais nem ouvido rádio, por isso vou lhe transmitir as manchetes primeiro. O Fantasma foi parado logo depois de Jacksonville. Entre Waldo e Ocala. Sua cabine foi metralhada e explodida. Virou um caco. Matou na hora o porteiro do Pullman que estava no corredor. Não houve outras baixas. Está havendo um alvoroço danado. Quem foi o autor? Quem são o senhor e a senhora Bryce? Onde estão? Evidente que tínhamos certeza de que vocês haviam sido sequestrados. A polícia de Orlando está encarregada do caso. Rastreou as reservas a Nova

York. Descobriu que haviam sido feitas pelo FBI. Todo mundo caiu em cima de mim como uma avalanche. Aí você aparece de braço dado com uma garota bonita, feliz como um passarinho.”

Leiter deu uma gargalhada. “Cara! Você devia ter ouvido Washington pouco tempo atrás. Qualquer um haveria de pensar que fui eu quem explodiu a porcaria do trem.”

Estendeu a mão e pegou um dos cigarros de Bond, que acendeu.

“Bem, esta é a sinopse. Eu lhe mostrarei o roteiro quando me contar o seu lado da história.”

Bond descreveu em detalhes o que acontecera desde que falara com Leiter no St. Regis. Ao chegar à parte da noite passada no trem, tirou do bolso o pedaço de papel e empurrou-o por cima da mesa.

Leiter deu um assobio. “Vodu”, disse. “Acho que era para ser encontrado junto com o cadáver. Assassinato ritual pelos amigos dos sujeitos que você apagou no Harlem. Era essa a impressão que a coisa deveria dar. Para tirar a pressão de cima de Big Man. Eles certamente pensam em todos os ângulos. Vamos atrás daquele sicário que ele tinha no trem. Provavelmente um dos ajudantes do vagão-restaurant. Deve ter sido ele quem indicou a sua cabine. Termine, que eu lhe contarei como ele fez.”

“Deixe-me ver”, disse Solitaire. Estendeu a mão para pegar o papel.

“Sim”, disse em voz baixa. “É um *ouanga*, um feitiço vodu. A invocação da bruxa do tambor. É usado pela tribo Ashanti na África, quando querem matar alguém. Empregam algo parecido no Haiti.” Ela devolveu-o a Bond. “Sorte você não ter me contado”, disse, séria. “Eu teria ficado histérica.”

“Eu mesmo não gostei”, afirmou Bond. “Senti que eram notícias más. Sorte que a gente desembarcou em Jacksonville. Pobre Baldwin. Devemos muito a ele.”

Terminou a história sobre o resto da viagem.

“Alguém o viu quando você desembarcou do trem?”, perguntou Leiter.

“Acho que não”, respondeu Bond. “É melhor a gente manter Solitaire escondida até que possamos tirá-la daqui. Acho que devemos mandá-la de avião para a Jamaica amanhã. Posso arranjar para que cuidem dela até chegarmos.”

“Certo”, concordou Leiter. “Vamos botá-la em um voo *charter* em Tampa. É só levá-la amanhã na hora do almoço a Miami, que ela consegue

pegar um dos voos vespertinos — da KLM ou Panam. Chegará até a hora do jantar, amanhã. Já é tarde demais para fazermos alguma coisa agora.”

“Concorda, Solitaire?”, quis saber Bond.

A garota olhava pela janela. Seus olhos tinham aquele ar distante que Bond já vira antes.

De repente ela sentiu um calafrio.

Seu olhar voltou-se para Bond. Estendeu a mão e tocou a manga do seu casaco.

“Sim”, disse, hesitante. “Acho que sim.”

13.

A MORTE DE UM PELICANO

Solitaire se levantou.

“Preciso dar um jeito em mim. Aposto que vocês dois devem ter muito o que conversar.”

“É claro”, disse Leiter, levantando-se de um pulo. “Que loucura a minha! Vocês devem estar mortos de cansaço. É melhor você ficar no quarto de James e ele pode dormir no meu.”

Solitaire o seguiu até o pequeno vestibulo e Bond ouviu Leiter explicando a disposição dos quartos.

Um momento depois Leiter voltava com uma garrafa de Haig and Haig e gelo.

“Esqueci minhas boas maneiras”, falou. “Precisamos de um drinque. Há uma pequena despensa ao lado do banheiro onde fiz um estoque de tudo o que poderíamos precisar!”

Foi buscar a soda e ambos fizeram um drinque num copo longo.

“Vamos lá com os detalhes”, insistiu Bond, se refestelando. “Deve ter sido um serviço para lá de bom.”

“Com certeza foi”, concordou Leiter, “só que faltaram os cadáveres”.

Botou os pés na mesa e acendeu um cigarro.

“O Fantasma partiu de Jacksonville por volta das cinco horas”, começou. “Chegou a Waldo por volta das seis. Logo depois de ter partido de Waldo — e aqui estou adivinhando as coisas — o sujeito de Mr. Big vem ao seu vagão, entra na cabine ao lado da sua e pendura uma toalha entre a veneziana fechada e a janela para indicar — deve ter dado muitos telefonemas nas estações até aqui — que é ‘a janela à direita da janela da toalha’.

“Há um longo trecho reto na linha entre Waldo e Ocala”, prosseguiu Leiter, “que atravessa florestas e mangues. A rodovia estadual corre ao lado da linha. Cerca de vinte minutos depois de Waldo, Bam! Explode o sinal de

emergência, de dinamite, sob a primeira locomotiva diesel. O maquinista diminui para sessenta. Bam! E mais um, Bam! E outro, Bam! Três seguidos! Emergência! Pare imediatamente! Para o trem a se perguntar: ‘Que diabo... a linha é reta.’ O último sinal era duplamente verde. Nada à vista. São mais ou menos seis e quinze e está ficando claro. Há um sedã, puxado [Bond ergueu a sobrancelha. “Roubado”, explicou Leiter], cinza, parece que um Buick, com as luzes apagadas, motor ligado, à espera na rodovia, ao lado do meio do trem. Saem três sujeitos. Provavelmente negros. Caminham em silêncio, lado a lado, ao longo da margem gramada entre a estrada e a linha. Os dois na lateral portam metralhadoras. O sujeito no meio carrega algo na mão. Mais vinte metros e param diante do vagão 245. Os sujeitos das metralhadoras dão uma rajada dupla no vidro de sua cabine. Agora ela está pronta para receber a granada. O homem do meio a joga lá dentro e todos os três voltam correndo para o carro. Estopim de dois segundos. Ao chegarem ao carro, BUM! Picadinho da cabine H. Provável picadinho do senhor e da senhora Bryce. Na verdade, picadinho do ‘seu’ Baldwin, que corre para lá e se agacha logo que vê os homens se aproximando do seu vagão. Não há outras baixas, a não ser estado de choque e histeria geral em todo o trem. O carro sai ventando para o limbo, onde ainda está e onde provavelmente deve permanecer. Silêncio, misturado aos gritos, quedas. Gente para lá e para cá. O trem prossegue mancando, cautelosamente, até Ocala. Desengata o vagão 245. Recebe ordem de prosseguir três horas depois. Cena II. Leiter está sentado na cabana, esperando jamais ter dito alguma palavra ofensiva a seu amigo Bond, e imaginando como o senhor Hoover irá servir o senhor Leiter para o jantar essa noite. E é só, pessoal.”

Bond riu. “Que organização! Tenho certeza de que devem ter uma fachada e álibis para tudo. Que sujeito! Parece deter o controle deste país. Serve para mostrar como se consegue desvirtuar a democracia; também com o habeas corpus, os direitos humanos e todo o resto. Que bom que a gente não precisa lidar com esse tipo na Inglaterra. Os cassetetes de madeira não fariam sequer uma marca nele. Olhe”, concluiu, “já são três vezes que consegui escapar. O ritmo está começando a ficar um pouco quente.”

“Sim”, disse Leiter, pensativo. “Antes de sua chegada a gente podia contar em um dedo os erros cometidos por Mr. Big. Agora ele cometeu três, um depois do outro. Não vai gostar disso. Precisamos botar pressão nele enquanto ainda estiver aparvalhado e depois dar o fora depressa. Olhe o que tenho em mente. Sem dúvida, o ouro entra no país por aqui. Já rastreamos o *Secatur* inúmeras vezes. Ele vem diretamente da Jamaica para St. Petersburg e atraca na doca daquela empresa de iscas de minhoca — Rubberus, ou sei lá

como se chama.”

“Ourobouros”, disse Bond. “O grande verme mitológico. Bom nome para uma empresa de iscas de minhoca.” De repente teve um estalo. Bateu no vidro da mesa com a palma da mão. “Felix! Está na cara. Ourobouros e o ouro – não vê? E por trás se encontra o Ladrão, o representante de Mr. Big aqui.”

O rosto de Leiter se iluminou. “Deus do céu”, exclamou. “É claro que é o tipo de jogo de palavras de que Mr. Big gosta. Aquele grego, o suposto dono, o sujeito em Tarpon Springs que consta dos relatórios que aquele cabeça-dura, Binswanger, nos mostrou em Nova York, provavelmente não passa de uma figura de proa. Talvez nem sequer desconfie de que haja alguma coisa errada. Precisamos ir atrás do seu gerente aqui. Com certeza é o Ladrão.”

Leiter se levantou rápido.

“Vamos. Vamos embora. A gente vai até lá e dá uma olhada geral. Ia sugerir que fizéssemos isso, de qualquer modo, já que o *Secatur* sempre atraca na doca deles. Aliás, agora está em Cuba”, acrescentou, “Havana. Depois de passar por uma fiscalização feita aqui há uma semana. Fizeram uma busca minuciosa na chegada e na partida. Não acharam nada, evidente. Pensaram que tivesse um casco falso. Quase o arrebentaram. Precisou de reparos na doca seca antes de poder zarpar de novo. Nada. Sombra alguma de algo errado. Muito menos de um saco de ouro. De qualquer modo, vamos lá dar uma fuçada. Para ver se conseguimos avistar nosso amigo, o Ladrão. Preciso apenas conversar com Orlando e Washington. Contar-lhes tudo o que sabemos. Precisam pegar depressa o sujeito de Big Man no trem. Provavelmente já é tarde demais. Vá ver como Solitaire está se ajeitando. Diga a ela para ficar quieta até voltarmos. Tranque-a aqui dentro. Depois a levaremos para jantar em Tampa. Lá tem o melhor restaurante de todo o litoral. Cubano, Las Novedades. Paramos no aeroporto, a caminho, e já reservamos o voo para amanhã.”

Leiter pegou o telefone e pediu o interurbano. Bond esperou que ele telefonasse.

Em dez minutos já estavam a caminho.

Solitaire não quis que a deixassem sozinha. Agarrara-se a Bond. “Quero sair daqui”, pediu com um olhar amedrontado. “Estou com um sentimento...” Não terminou a frase. Bond a beijou.

“Está tudo bem. Voltaremos dentro de uma hora mais ou menos. Nada pode lhe acontecer aqui. Depois ficarei com você até o embarque no avião. Podemos até ficar em Tampa e você pega o primeiro voo amanhã.”

“Sim, por favor”, disse Solitaire, ansiosa. “Prefiro assim. Tenho medo aqui. Sinto que estou em perigo.” Abraçou o pescoço dele. “Não pense que sou histérica.” Beijou-o. “Agora podem ir. Só queria vê-lo. Volte depressa.”

Leiter chamara e Bond fechara e trancara a porta por fora.

Seguiu Leiter até o carro na Parkway, sentindo-se um tanto perturbado. Não era capaz de imaginar qual o problema que a garota poderia ter naquele lugar tranquilo e ordeiro, ou que Big Man pudesse tê-la rastreado até o Everglades, apenas mais uma entre as centenas de pousadas na praia em Treasure Island. Mas respeitava o tremendo poder de sua intuição, e o ataque nervoso o deixou inquieto.

Ao ver o carro de Leiter, tirou essas coisas da cabeça.

Bond gostava de carros velozes, de dirigi-los. A maioria dos carros americanos o entediava. Faltavam-lhes personalidade e a pátina do artesanato individual dos carros europeus. Eram veículos, semelhantes na forma e na cor, até mesmo na tonalidade das buzinas. Projetados para servir um ano e serem trocados pelo modelo mais recente. Tiraram toda a graça de dirigir ao aposentarem o câmbio mecânico, e com a direção hidráulica e a suspensão macia demais. Atenuaram tudo que significava algum esforço, e com isso aquele contato íntimo com a máquina e com a estrada que exige técnica e coragem do motorista europeu. Para Bond, os carros americanos não passavam de autoramas em forma de besouro, que a gente dirigia com uma das mãos no volante, o rádio no máximo e os vidros elétricos fechados para evitar o vento.

Mas Leiter arranjava um velho Cord, dos poucos carros americanos que têm personalidade, e Bond gostou de embarcar no sedã de suspensão baixa, de ouvir o barulho firme do engate das marchas e o tom masculino do largo escape. Fabricado há quinze anos, pensou, e, no entanto, ainda um dos carros de aspecto mais moderno do mundo.

Entraram no elevador, passando por cima da grande extensão de água parada que separa a ilha estreita de trinta quilômetros da larga península por onde se espalham St. Petersburg e seus subúrbios.

Quando ainda rodavam lentamente pela Central Avenue, atravessando a cidade a caminho do Yatch Basin, o porto principal e os grandes hotéis, Bond teve uma amostra da atmosfera que faz da cidade o “Lar dos Idosos” da América. Todo mundo nas calçadas tinha cabelos brancos ou azuis, e os célebres bancos de calçada que Solitaire descrevera estavam apinhados de idosos, sentados em fileiras como os estorninhos em Trafalgar Square.

Bond notou as pequenas bocas tortas das mulheres, com o sol brilhando nos seus pincenês. Os braços e os torsos chupados e encarquilhados dos homens, expostos ao sol em camisetas. Os raros tufo de cabelos felpudos das mulheres deixando transparecer o couro cabeludo rosado. As cabeças calvas e ossudas dos homens. E, em todo canto, uma camaradagem prolixa, a troca de boatos e novidades, a marcação de encontros amistosos para o jogo de shuffle ou para a mesa de bridge, um tal de mostrar a todos as cartas dos filhos e netos, as infundáveis reclamações sobre os preços das lojas e dos motéis.

Não era preciso estar no meio deles para ouvir tudo isso. Era evidente nos meneios e trejeitos dos tufo de cabelos azulados, nos tapas nas costas e nos pigarros dos velhinhos carecas.

“Faz a gente querer entrar no túmulo e abaixar a tampa”, comentou Leiter, diante das exclamações horrorizadas de Bond. “Espere só quando sairmos e caminharmos. Se eles veem a sua sombra na calçada atrás deles, saem da frente como se você fosse o fiscal que viesse espiar por cima de seus ombros, no banco. É terrível. Me faz lembrar o bancário que foi para casa de imprevisto ao meio-dia e encontrou o presidente do banco na cama com sua mulher. Voltou para o banco e contou a seus colegas: ‘Puxa, gente, quase que ele me pega!’”

Bond riu.

“A gente consegue ouvir todos os relógios de ouro ganhos na formatura batendo nos seus bolsos”, disse Leiter. “O lugar está repleto de funerárias, penhores apinhados de relógios de ouro, anéis maçônicos, pedaços de ébano e medalhões cheios de chumaços de cabelo. Chega a dar calafrios. Espere só até chegarmos ao Aunt Milly’s Place e vermos aquele monte de gente mastigando com dificuldade picadinhos de carne enlatada com milho e cheeseburgers, tentando se conservar viva até os noventa. Você morrerá de susto. Mas nem todos são velhos aqui. Olha aquele anúncio lá.” Apontou para um cartaz grande em um terreno baldio.

Era a propaganda de roupas para mulheres grávidas. STUZHEIMER & BLOCK, dizia, NOVIDADE! NOSSO DEPARTAMENTO PARA QUEM É MÃE OU AINDA VAI SER! ROUPAS PARA PIMPOLHOS (1-4) E BAIXINHOS (4-8).

Bond deu um gemido. “Vamos sair daqui. Isto vai muito além do imperativo do dever.”

Foram até a beira-mar e viraram à direita, até chegarem à base de hidroaviões e ao posto da guarda costeira. As ruas estavam livres de idosos e o que se via era a vida portuária de sempre — armazéns, desembarcadouros,

um estaleiro, alguns barcos virados, redes secando, os gritos das gaivotas, o cheiro quase podre vindo da baía. Depois daquele ossário apinhado da cidade, a placa em cima da garagem — “Dirija você mesmo. Pat Grady. O irlandês sorridente. Carros usados” — era uma alegre recordação de um mundo mais animado e inquieto.

“É melhor sair e andar”, disse Leiter. “O estabelecimento do Ladrão fica na próxima quadra.”

Deixaram o carro ao lado do porto e foram caminhando lentamente, passando pelo armazém de madeira e alguns tanques de petróleo. Em seguida, viraram à esquerda de novo, em direção ao mar.

A ruela lateral terminava em um pequeno píer de madeira castigado pelo tempo, que se estendia uns sete metros sobre a baía, em cima de pilastras cheias de craca. Bem junto de seu portão aberto ficava um longo armazém de chapas de ferro corrugadas. Em cima de suas largas portas estava pintado OUROBOUROS INC. MINHOCAS VIVAS E COMÉRCIO DE ISCAS. CORAL, CONCHAS, PEIXES TROPICAIS. VENDAS SÓ POR ATACADO. Em uma das portas duplas havia outra menor, com uma fechadura Yale luzidia e uma tabuleta: PARTICULAR. PROIBIDA A ENTRADA.

Encostado nela estava sentado um sujeito em uma cadeira de cozinha, com o espaldar reclinado, de modo que a porta sustentava o seu peso. Limpava um rifle, um Remington .30, assim parecia a Bond. De sua boca saía um palito de madeira e ele usava um boné de beisebol na parte de trás da cabeça. Vestia uma camiseta branca manchada, deixando à mostra tufo de cabelos pretos nas axilas, calças brancas de lona bem amarrotadas e sapatos informais de solas de borracha. Tinha cerca de quarenta anos e um rosto tão sulcado e nodoso quanto os postes de atracação no píer. Era um rosto magro, de feições acentuadas e lábios pálidos descarnados. Seu semblante era da cor de pó de tabaco, uma espécie de bege amarelado. Parecia frio e cruel, como o bandido naqueles velhos filmes sobre jogadores de pôquer e minas de ouro.

Bond e Leiter passaram por ele caminhando e seguiram para o píer. Ele não levantou os olhos do rifle quando passaram, mas Bond sentiu que os seguia com o olhar.

“Se este não for o Ladrão”, disse Leiter, “é parente próximo”.

Avistaram um pelicano, com a cabeça amarela-clara, encolhido em cima de um dos postes de amarração no final do píer. Deixou-os se aproximarem muito. Em seguida bateu as asas pesadas, contrariado, e foi planar logo acima da superfície do porto. De repente mergulhou, desajeitado, com o longo bico à frente. Emergiu com um pequeno peixe no bico, que engoliu

melancolicamente. Depois o grande pássaro levantou voo de novo e foi pescar, voando a favor da luz do sol, para que sua sombra não traísse sua presença. Quando Bond e Leiter se viraram para voltar pelo píer, ele desistiu de pescar e veio planando de volta para seu poste. Acomodou-se com um sonoro bater de asas e retomou sua pensativa meditação sobre o cair da tarde.

O homem ainda estava inclinado sobre a arma, limpando o mecanismo com um trapo oleoso.

“Boa tarde”, disse Leiter. “Você é o gerente deste armazém?”

“Sou”, disse o sujeito, sem levantar os olhos.

“Eu estava pensando se havia alguma possibilidade de ancorar meu barco aqui. A Baisin está bastante cheia.”

“Não.”

Leiter tirou sua carteira. “Será que vinte dá jeito?”

“Não.” O sujeito deu um tremendo pigarro e cuspiu exatamente entre Bond e Leiter.

“Ei”, disse Leiter. “Cuidado com os modos.”

O homem pareceu pensar. Levantou o olhar para Leiter. Tinha olhos juntos e pequenos, cruéis como os do dentista que jura que a anestesia será perfeita.

“Qual o nome de seu barco?”

“*Sybil*”, respondeu Leiter.

“Não tem barco nenhum com esse nome na Baisin”, disse o sujeito. Fechou a culatra do rifle com um clique. Deixou-o displicentemente no colo, apontado para o caminho do armazém, distante do mar.

“Você é cego”, disse Leiter. “Está lá há uma semana. Sessenta pés, motor diesel de duas hélices. Branco com um toldo verde. Equipado para pesca.”

O rifle começou a traçar um arco baixo e preguiçoso. A mão esquerda do sujeito estava no gatilho, a direita logo diante do anel circundante, virando a arma.

Ficaram parados.

O sujeito ficou sentado preguiçosamente, olhando para a culatra, com a cadeira ainda inclinada contra a pequena porta com a fechadura amarela Yale.

O rifle passou lentamente pela barriga de Leiter e, em seguida, pela de

Bond. Os dois permaneciam como estátuas, sem querer arriscar nenhum gesto de mão. A arma parou de girar. Apontava para o píer. O Ladrão levantou os olhos, rápido, estreitou-os e puxou o gatilho. O pelicano deu um leve grasnido, e ouviram seu corpo pesado caindo dentro d'água. O eco do tiro reverberou pelo porto.

“Por que diabos fez isso?”, perguntou Bond, furioso.

“Treinando”, disse o sujeito, empurrando outra bala na agulha.

“Deve haver uma sucursal da Sociedade Protetora dos Animais nesta cidade”, disse Leiter. “Vamos lá denunciar esse cara.”

“Querem ser processados por invasão?”, perguntou o Ladrão, levantando-se lentamente e movendo o rifle debaixo do braço. “Isto aqui é propriedade particular. Agora”, cuspiu as palavras, “deem o fora daqui.” Virou-se, tirou a cadeira com força da porta, abriu-a com uma chave e se virou, com um pé na soleira. “Vocês dois estão armados”, disse. “Consigo farejar isso. Se vierem de novo terão o mesmo destino do pássaro e alegarei legítima defesa. Já estou por aqui com esse monte de tiras respirando no meu pescoço. *Sybil* porra nenhuma!” Virou-se com desprezo e bateu a porta com tanta força que a moldura ficou sacudindo.

Olharam um para o outro. Leiter deu um sorriso de decepção e sacudiu os ombros.

“Vantagem no primeiro assalto para o Ladrão”, declarou.

Foram embora pela estrada lateral empoeirada. O sol se punha e o mar, atrás deles, era um lago de sangue. Quando chegaram à rua principal, Bond olhou para trás. Uma grande lâmpada fluorescente se acendera em cima da porta, e a chegada ao armazém estava livre de sombras.

“Não adianta tentar nada pela frente”, disse Bond. “mas também não existe um armazém com uma só entrada.”

“Exatamente o que eu estava pensando”, comentou Leiter. “Vamos guardar esta informação para a próxima visita.”

Entraram no carro e rodaram devagar pela Central Avenue, no caminho para casa.

Na volta, Leiter fez uma série de perguntas sobre Solitaire. Por fim, disse de modo casual: “Aliás, espero que eu tenha arrumado os quartos da maneira como você queria.”

“Não podia ter feito melhor”, respondeu alegremente Bond.

“Ótimo. Imaginei que vocês dois estivessem conectados.”

“Anda lendo Walter Winchell demais”, disse Bond.

“É só uma maneira delicada de falar. Não esqueça que as paredes dessas cabanas são bastante finas. Uso meus ouvidos para escutar — e não para colecionar batom.”

Bond pegou um lenço. “Seu filho da mãe”, falou, furioso.

Leiter contemplou-o com o canto do olho a esfregar a orelha. “O que está fazendo?”, perguntou de modo inocente. “Não insinuei nada sobre a cor naturalmente rosada da sua orelha. Mas...” Deixou subentendida uma ampla gama de significados com esta conjunção.

“Se você acordar morto na sua cama hoje à noite”, riu Bond, “já sabe quem foi.”

Ainda implicavam um com o outro ao chegarem ao Everglades, rindo, quando foram recebidos pela sisuda sra. Stuyvesant no gramado.

“Perdoe-me, senhor Leiter”, falou. “Mas não posso permitir que se toque música aqui. Preciso defender a paz dos demais hóspedes em todas as circunstâncias.”

Olharam para ela espantados. “Desculpe, senhora Stuyvesant”, observou Leiter, “não estou compreendendo bem.”

“Aquela radiola grande que o senhor mandou entregar”, disse a sra. Stuyvesant. “Os homens mal conseguiram passar com o pacote pela porta.”

14.

“ELE PASSOU MAL COM ALGO QUE O COMEU”

A garota não opusera muita resistência.

Quando Leiter e Bond, deixando a gerente embasbacada no gramado, correram até a cabana, encontraram o seu quarto intacto e as roupas de cama muito pouco amarrotadas.

A fechadura do quarto fora forçada com um rápido puxão de pé de cabra, e os dois sujeitos devem ter ficado ali, de arma na mão.

“Vamos embora, madame. Vista-se. Se tentar qualquer esperteza a gente peneira a senhora.”

Em seguida, devem tê-la amordaçado ou desacordado, dobrado seu corpo e o enfiado na caixa, e depois pregado a tampa. Havia marcas de pneus nos fundos da cabana, onde o caminhão estivera. Quase tapando o vestíbulo da entrada, viram uma enorme e antiquada radiola. De segunda mão, deve ter-lhes custado menos de cinquenta paus.

Bond podia imaginar a expressão de terror cego no rosto de Solitaire, como se ela estivesse presente diante dele. Praguejou amargamente por tê-la deixado a sós. Não era capaz de adivinhar como eles a haviam rastreado tão depressa. Mais um exemplo da máquina de Big Man.

Leiter falava com a sede do FBI em Tampa. “Aeroportos, rodoviárias e as rodovias”, dizia. “Vocês receberão ordens mais extensas de Washington, tão logo eu fale com eles. Garanto que darão máxima prioridade a esta questão. Muito obrigado. Estarei por aqui. Ok.”

Desligou. “Graças a Deus, estão cooperando”, disse a Bond, que permanecia em pé, fitando o mar com um olhar duro e vidrado. “Vão mandar uns dois homens e armar a rede mais ampla possível. Enquanto costuro isso com Washington e Nova York, veja se extrai o máximo daquele velho canhão. Hora exata, descrições etc. Melhor dar a entender que foi um assalto e que Solitaire se mandou com os sujeitos. Ela vai compreender isso. Assim a coisa

fica no nível dos crimes comuns nos hotéis. Diga que a polícia está a caminho e que não culpamos o Everglades. Ela vai querer evitar o escândalo. Diga que queremos a mesma coisa.”

Bond aquiesceu com um gesto de cabeça. “Se mandou com os sujeitos?” Impossível não era. Mas de certo modo não acreditava nisso. Voltou ao quarto de Solitaire e fez uma busca minuciosa. Ainda tinha o seu cheiro, do “Vent Vert” que o fazia lembrar a viagem juntos. O chapéu e o véu estavam no armário e seus poucos artigos de toalete na prateleira do banheiro. Não demorou a encontrar sua valise e percebeu que teve razão em confiar nela. Estava debaixo da cama e ele a imaginou chutando-a para escondê-la, ao se levantar sob a mira das armas. Esvaziou-a em cima da cama e tateou o forro. Depois pegou uma pequena faca e fez cuidadosamente pequenos cortes. Tirou os cinco mil dólares e enfiou-os na carteira. Estariam seguros com ele. Se ela fosse morta por Mr. Big, ele os gastaria com a vingança. Recompôs o pano da melhor maneira possível, repôs os outros itens na valise e chutou-a novamente para baixo da cama.

Em seguida, foi ao escritório da pousada.

Às oito horas o trabalho de rotina já terminara. Tomaram um drinque forte e foram para a sala principal de refeições, onde um punhado de hóspedes acabava de terminar o jantar. Todo mundo olhou-os com uma ponta de medo e curiosidade. O que esses dois rapazes, de aspecto um tanto perigoso, faziam ali? Onde estava a mulher que viera com eles? Com quem era casada? O que significara toda aquela movimentação esta noite? Pobre sra. Stuyvesant, indo de lá para cá toda espantada. E será que eles não perceberam que o jantar é às sete horas? Os funcionários da cozinha estavam prestes a ir para casa. Bem feito se a comida estivesse fria. As pessoas precisam ter consideração pelos outros. A sra. Stuyvesant dissera que eles eram gente do governo, de Washington. Sim, mas o que isso queria dizer?

Por consenso, achavam que eles eram criadores de confusão e não mereciam a companhia da clientela ultrasseleta do Everglades.

Bond e Leiter foram conduzidos a uma mesa ruim perto da porta de serviço. O jantar consistia de uma série de pratos em inglês afetado e francês macarrônico. Reduzia-se a suco de tomate, peixe cozido com molho branco, uma fatia de peru gelado com um pingo de geleia de oxicoco, e uma fatia de torta de limão com um suspiro de falso creme em cima. Comeram melancolicamente enquanto a sala de jantar se esvaziava de seus casais idosos e as luzes das mesas iam sendo apagadas uma a uma. Lavabos com uma pétala flutuante de hibisco deram o gracioso toque final à refeição.

Bond comia calado e, quando acabaram, Leiter fez um esforço proposital de alegrar a atmosfera.

“Vamos tomar um porre. Tivemos um final infeliz de um dia ainda mais infeliz. Ou vai querer jogar bingo com os idosos? Dizem por aí que haverá um torneio de bingo hoje à noite no ‘salão de festas’.”

Bond sacudiu os ombros e eles voltaram para a sala de estar de sua cabana, onde ficaram sentados durante certo tempo, bebendo taciturnos e olhando para a areia da praia, branca como sal ao luar, e para a infindável escuridão do mar.

Depois que Bond bebera o suficiente para afogar seus pensamentos, deu boa noite e foi para o quarto de Solitaire, do qual tomara posse agora. Enfiou-se entre os lençóis onde o corpo quente dela havia estado e, antes de dormir, tomou uma resolução. Iria atrás do Ladrão assim que amanhecesse e extrairia a verdade dele, à força. No meio de toda aquela preocupação não pudera discutir o caso com Leiter, mas tinha certeza de que o Ladrão desempenharia um grande papel no sequestro de Solitaire. Pensou nos pequenos olhos cruéis e nos lábios pálidos e descarnados do sujeito. Em seguida, no pescoço esquelético que brotava, como um pescoço de tartaruga, da camiseta suja. Os músculos de seus braços se contraíram sob os lençóis. Então, depois de tomar essa resolução, relaxou o corpo e caiu no sono.

Dormiu até as oito. Ao ver as horas no relógio, praguejou. Tomou uma chuva rápida, mantendo os olhos abertos sob os jatos finos de água, até que ardessem. Enrolou uma toalha na cintura e foi até o quarto de Leiter. As tiras das venezianas ainda estavam abaixadas, mas a luz era suficiente para constatar que ninguém dormira em nenhuma das duas camas.

Sorriu, achando que Leiter provavelmente acabara com a garrafa de uísque e adormecera no sofá da sala. Foi até lá. A sala estava vazia. A garrafa de uísque, ainda pela metade, descansava em cima da mesa, junto com o cinzeiro transbordando de guimbas de cigarros.

Bond foi até a janela, puxou as venezianas e abriu-as. Teve a rápida visão de uma bela e clara manhã, antes de voltar para a sala.

Então distinguiu o envelope. Estava em uma cadeira oposta à porta por que passara. Pegou-o. Continha um bilhete escrito a lápis.

Comecei a pensar e não estou a fim de dormir. São mais ou menos cinco da manhã. Vou visitar o armazém das minhocas e iscas. Como sempre madrugador. Estranho aquele atirador de elite estar sentado ali enquanto S. era sequestrada. Como se soubesse que estávamos no pedaço e estivesse preparado para alguma encrenca, se o sequestro desse

errado. Se eu não estiver de volta às dez, chame a milícia. Tampa 88.

FELIX

Bond não esperou. Barbeou-se e se vestiu, pediu café com bolinhos e um táxi. Conseguiu tudo isso em pouco mais de dez minutos, queimando-se com o café. Estava saindo da casa quando ouviu o telefone tocar na sala. Correu de volta.

“Senhor Bryce? Aqui é do Mound Park Hospital”, disse uma voz. “Enfermaria da emergência, doutor Roberts. Estamos aqui com um senhor Leiter que pede para vê-lo. O senhor pode vir agora?”

“Deus do céu”, disse Bond, tomado de medo. “Qual o problema dele? Está mal?”

“Não precisa se preocupar”, disse a voz. “Acidente de automóvel. Parece que foi atropelado e o atropelador fugiu sem prestar socorro. Pequena concussão cerebral. O senhor pode vir? Ele quer vê-lo.”

“Claro”, respondeu Bond, aliviado. “Não demoro.”

Que diabo, pensou ao atravessar o gramado depressa. Deve ter sido espancado e largado na rua. Contudo, Bond se alegrou por não ter sido pior.

Ao fazerem a volta para pegar o elevado de Treasure Island, passou por eles uma ambulância com a sirene ligada.

Mais encrencas, pensou Bond. Parece que não conseguia dar um passo sem ter de enfrentá-las.

Atravessaram St. Petersburg pela Central Avenue e viraram à direita, na rua que ele e Leiter haviam pegado no dia anterior. As suspeitas de Bond se confirmaram quando descobriu que o hospital ficava apenas a alguns quarteirões da Ouroburos Inc.

Bond pagou o táxi e subiu correndo a escadaria do prédio impressionante. Havia um balcão de recepção no hall de entrada espaçoso. Uma enfermeira bonita, sentada à mesa, lia os anúncios do *St. Petersburg Times*.

“Dr. Roberts?”, perguntou Bond.

“Dr. o quê?”, indagou a garota, olhando-o com simpatia.

“Dr. Roberts, da emergência”, respondeu Bond, com impaciência. “Paciente chamado Leiter, Felix Leiter. Internado esta manhã.”

“Não existe nenhum dr. Roberts aqui”, afirmou a garota. Correu o dedo

por uma lista na mesa. “E nenhum paciente chamado Leiter. Espere um pouco que chamarei o guarda. Como é mesmo seu nome?”

“Bryce”, disse Bond. “John Bryce.” Começou a suar em abundância, embora o saguão fosse fresco. Enxugou as mãos molhadas nas calças, lutando contra o pânico. A porcaria da garota não sabia trabalhar. Bonita demais para ser enfermeira. Deviam botar alguém que fosse competente no balcão. Rilhou os dentes, enquanto ela falava ao telefone.

Desligou. “Sinto muito, senhor Bryce. Deve ser algum engano. Não houve internações à noite e nunca ouviram falar em nenhum dr. Roberts ou em nenhum sr. Leiter. O senhor veio ao hospital certo?”

Bond afastou-se sem responder. Limpando o suor da testa, dirigiu-se à saída.

A garota fez uma careta para ele e pegou o jornal.

Felizmente, havia um táxi chegando com outras visitas. Bond pegou-o e disse ao motorista que o levasse de volta rápido ao Everglades. Sabia apenas que tinham pego Leiter e tentado afastá-lo, ele Bond, da cabana. Não conseguia entender, mas percebia que tudo ia mal para eles e que a iniciativa voltara a ser de Mr. Big e de sua máquina.

A sra. Stuyvesant veio correndo quando o viu desembarcar do táxi.

“Seu pobre amigo”, disse, sem grande simpatia, “deveria realmente tomar mais cuidado.”

“Sim, senhora Stuyvesant. O que foi?”, perguntou Bond, sem paciência.

“A ambulância chegou logo depois de o senhor partir.” Os olhos da mulher brilhavam com as más notícias. “Parece que o senhor Leiter teve um acidente de carro. Precisaram levá-lo de maca até a cabana. O encarregado era um senhor negro muito simpático. Disse que o senhor Leiter ficaria bem, mas não deveria ser incomodado em hipótese alguma. Pobre rapaz! Com a cara toda coberta por ataduras. Disseram que elas o fariam se sentir melhor, e que um médico viria depois. Se precisarem de...”

Bond não esperou mais. Correu pelo gramado até a cabana e disparou pelo vestíbulo até o quarto de Leiter.

A forma de um corpo repousava na cama de Leiter. Estava coberta por um lençol, que parecia imóvel, inclusive na parte que cobria o rosto.

Bond trincou os dentes, inclinando-se sobre a cama. Haveria um sinal mínimo de movimento?

Bond arrancou a mortalha de cima do rosto. Não havia rosto. Apenas algo embrulhado em várias camadas de ataduras sujas, como um ninho branco de vespas.

Puxou o lençol para baixo, com delicadeza. Mais ataduras, atadas de maneira mais tosca, minando sangue. Depois a parte de cima de um saco, cobrindo a metade inferior do corpo. Tudo ensopado de sangue.

Um pedaço de papel saía de uma abertura nas ataduras, onde a boca deveria estar.

Bond puxou-o, inclinando-se. Havia o mais ligeiro sopro contra sua face. Agarrou o telefone ao lado da cama. Passaram-se minutos antes que Tampa compreendesse. Só então conseguiu transmitir a urgência da situação. Chegariam dentro de vinte minutos.

Pôs o fone no gancho e olhou vagamente para o papel na sua mão. Era um pedaço irregular de papel branco de embrulho. Rabiscadas a lápis, em letras toscas maiúsculas, liam-se as palavras:

ELE PASSOU MAL COM ALGO QUE O COMEU

E embaixo, entre parênteses:

(P.S. TEMOS UMA PORÇÃO DE PIADAS
TÃO BOAS QUANTO ESTA)

Com gestos de sonâmbulo, Bond colocou o pedaço de papel em cima da mesinha de cabeceira. Em seguida, se voltou para o corpo na cama. Mal ousava tocá-lo, com medo de que o hálito débil e instável de repente parasse. Mas precisava descobrir algo. Seus dedos trabalharam com delicadeza nas ataduras em cima da cabeça. Logo destapou alguns fios de cabelo. O cabelo estava molhado, e ele pôs o dedo na boca. Sentiu um gosto salgado. Puxou alguns fios de cabelo para fora, examinando-os com cuidado. Não havia mais dúvida.

Reviu a cabeleira cor de palha clara que costumava cair em desordem sobre o olho direito cinzento, cheio de humor, e, mais embaixo, o rosto oblíquo e aquilino do texano com que partilhara tantas aventuras. Pensou nele, por um instante, do modo como havia sido. Em seguida, enfiou de novo o tufo de cabelos nas ataduras e sentou-se na beira da outra cama, vigiando em silêncio o corpo do amigo e imaginando o quanto dele ainda poderia ser preservado.

Quando os dois detetives e o cirurgião da polícia chegaram, contou-lhes

tudo em uma voz baixa e inexpressiva. Agindo de acordo com o que Bond já lhes havia revelado, mandaram um carro patrulha até o estabelecimento do Ladrão e ficaram esperando o informe, enquanto o cirurgião trabalhava no quarto ao lado.

Este acabou primeiro. Voltou para a sala com um aspecto ansioso. Bond levantou-se de um pulo. O cirurgião da polícia se deixou cair em uma cadeira, levantando os olhos para ele.

“Acho que viverá”, disse. “Mas as chances são de cinquenta por cento. Fizeram um estrago terrível no pobre sujeito. Um braço se foi. Metade da perna esquerda também. O rosto está em petição de miséria, mas é só uma coisa superficial. Eu só queria saber o que poderia ter feito isto. A única coisa que me vem à mente é um animal, ou um peixe grande. Foi esfaqueado por alguma coisa. Saberei melhor quando conseguir levá-lo ao hospital. Poderei ver as marcas dos dentes de seja lá o que fez isso. A ambulância deve chegar de uma hora para outra.”

Ficaram sentados em um silêncio melancólico. O telefone tocava de vez em quando. Nova York, Washington. O departamento de polícia de St. Petersburg queria saber que diabo andara acontecendo no cais, e recebera ordem de ficar afastado do caso. Era um problema de âmbito federal. Finalmente, falando de uma cabine telefônica, surgiu a voz do tenente encarregado da patrulha, para dar seu informe.

Tinham passado um pente-fino no estabelecimento do Ladrão. Não havia nada além de tanques de peixes e de iscas, caixotes de conchas e de coral. O Ladrão e os dois sujeitos que estavam lá controlando as bombas e o aquecimento da água tinham sido presos e interrogados durante uma hora. Seus álibis foram conferidos e demonstraram ser tão sólidos como o Empire State Building. O Ladrão exigira, zangado, a presença de seu advogado, e quando finalmente sua visita fora permitida, todos já haviam sido automaticamente soltos. Nenhuma acusação, nenhuma prova que pudesse servir de fundamento. Todos os indícios levavam a nada. Com exceção do carro de Leiter, encontrado do outro lado do ancoradouro. Um monte de impressões digitais, mas nenhuma coincidia com a de qualquer dos três sujeitos. Tinham alguma sugestão?

“Continue a procurar pistas”, disse o homem mais graduado na cabana, que se apresentara como Capitão Franks. “Logo estarei aí. Washington disse que precisamos pegar estes homens, nem que seja a última coisa que façamos. Dois agentes graduados chegam esta noite de avião. Está na hora de conseguir a cooperação da polícia. Direi a eles para botarem seus informantes para

trabalhar em Tampa. Este não é apenas um caso restrito a St. Petersburg. Até logo, por enquanto.”

Eram três horas. A ambulância chegou e saiu levando o cirurgião e o corpo tão próximo da morte. Os dois homens partiram. Prometeram ficar em contato. Estavam ansiosos para saber os planos de Bond. Ele respondeu com evasivas. Disse que precisava falar com Washington. Nesse meio-tempo, poderia ficar com o carro de Leiter? Sim, ele seria trazido, tão logo a polícia técnica terminasse de examiná-lo.

Depois que partiram, Bond ficou sentado, mergulhado em seus pensamentos. Haviãr feito sanduíches com os gêneros que encontraram na despensa bem equipada e Bond acabou com o que restava deles. Depois tomou um drinque pesado.

O telefone tocou. Interurbano. Bond se viu falando com o chefe do departamento de Leiter, na CIA. A moral da história é que ficariam muito contentes se Bond fosse imediatamente para a Jamaica. Falaram com Londres, que concordara. Queriam saber a data da chegada de Bond à ilha, para poderem informar a Londres.

Bond sabia que havia um voo da Transcarib, via Nassau, no dia seguinte. Disse que o pegaria. Outras notícias? Ah, sim, disse a CIA. O cavalheiro do Harlem e sua namorada haviam partido de avião para Havana, Cuba, durante a noite. Voo fretado, particular, saindo de um lugarejo na Costa Leste chamado Vero Beach. Os documentos estavam em ordem e a empresa de aviação era tão pequena que o FBI não se dera ao trabalho de incluí-la quando dera a ordem de vigiar todos os aeroportos. A chegada fora confirmada pelo agente da CIA em Cuba. Sim, uma pena. Sim, o *Secatur* ainda estava lá. Não havia data prevista de saída. Que pena o negócio com Leiter. Excelente sujeito. Tomara que saia desta. Então, Bond estaria na Jamaica amanhã? Ok, desculpe toda a confusão. Até logo.

Bond pensou um pouco, depois pegou o telefone e falou rapidamente com um homem do Aquário de East Garden, em Miami, consultando-o sobre como poderia comprar um tubarão vivo para mantê-lo em uma laguna ornamental.

“O único lugar de que ouvi falar, senhor Bryce, fica aí bem perto do senhor”, informou a voz prestativa. “Ouroburos Worm and Bait. Eles têm tubarões. Grandes. Fazem negócios com zoológicos estrangeiros e assim por diante. Brancos, tigres, até cabeças de martelo. Terão o maior prazer em ajudá-lo. É caro alimentá-los. Foi um prazer. A qualquer hora que passar por

aqui. Até logo.”

Bond tirou a arma do coldre e limpou-a, à espera da noite.

15.

MEIA-NOITE ENTRE AS MINHOCAS

Por volta das seis, Bond arrumou a mala e pagou a conta. A sra. Stuyvesant ficou contente ao vê-lo pelas costas. O Everglades não passara por tantos sobressaltos desde o último furacão.

O carro de Leiter estava no Boulevard e Bond foi nele até a cidade. Passou em uma loja de ferragens e comprou vários artigos. Depois comeu, com fritas, o maior bife malpassado que jamais vira. Era um pequeno restaurante chamado Pete's, escuro e acolhedor. Bebeu quase um copo de Old Grandad com o bife e tomou duas xícaras de café forte. Com tudo isso na barriga começou a se sentir mais animado.

Fez a refeição e os drinques renderem até nove horas. Em seguida, estudou um mapa da cidade, pegou o carro e deu uma longa volta que acabou levando-o, pelo lado sul, a um quarteirão de distância do atracadouro do Ladrão. Dirigiu até a beira-mar e saiu.

Era uma noite de lua e os prédios e armazéns projetavam grandes sombras cor de índigo. Todo o setor parecia deserto e só se ouvia o chapinhar baixo das pequenas ondas contra a amurada, e o gorgolejo do mar debaixo dos atracadouros.

O topo da amurada baixa tinha cerca de um metro de largura. Ficava na sombra pelos cerca de cem metros que separavam Bond do longo perfil negro do armazém da Ourobouros.

Foi andando em silêncio, com cuidado, por cima dela, entre o mar e os prédios. À medida que se aproximava, passou a ouvir um uivo constante e agudo, que ia aumentando de volume até que, ao descer no amplo estacionamento cimentado nos fundos do prédio, tornara-se um grito abafado. Bond esperara algo assim. O barulho vinha das bombas de ar e dos sistemas de aquecimento, que sabia serem necessários à saúde dos peixes durante o período frio da noite. Também esperava que a maior parte do telhado fosse de vidro para deixar passar a luz durante o dia e que, igualmente, houvesse uma boa ventilação.

Não se decepcionou. Toda a parede sul do armazém, a partir de um ponto pouco mais alto que ele, era de vidro temperado, através do qual podia ver o luar brilhando sobre uns dois mil metros quadrados de telhado de vidro. Bem acima dele, fora de alcance, largas janelas abertas deixavam entrar o ar noturno. Havia, tal como ele e Leiter previram, uma pequena porta embaixo, mas estava trancada e aferrolhada, e os fios encapados de chumbo que saíam das dobradiças deixavam entrever algum tipo de alarme contra roubo.

Bond não estava interessado na porta. Fiel à sua intuição, viera preparado para entrar pelo vidro. Procurou alguma coisa que o levantasse uns sessenta centímetros. Em uma terra onde o lixo e os objetos descartados fazem parte da paisagem, não demorou a achar o que queria. Um pneu enorme jogado ali. Rolou-o até o muro do armazém, longe da porta, e tirou os sapatos.

Colocou tijolos debaixo do pneu para estabilizá-lo e subiu. O grito constante das bombas o protegia e ele passou a trabalhar imediatamente com o pequeno cortador de vidro, que comprara junto com um pouco de massa de vidraceiro, quando fora almoçar. Depois de cortar os dois lados verticais de um dos painéis de um metro quadrado, comprimiu a massa no centro do vidro e modelou-a até que virasse um puxador saliente. Em seguida, começou a cortar os dois lados horizontais do painel.

Enquanto trabalhava, contemplou o panorama enluarado do grande depósito. As fileiras infindáveis de tanques descansavam sobre armações de madeira que formavam passadiços estreitos. No centro do prédio havia um passadiço mais largo. Sob as armações Bond distinguiu longos tanques e bandejas embutidos no chão. Do lado de dentro, logo abaixo de onde estava, largas prateleiras apinhadas de conchas se projetavam das paredes. A maioria dos tanques estava escura, mas em alguns uma pequena faixa de luz fantasmagórica brilhava em pequenos repuxos borbulhantes entre as plantas e a areia. Havia uma passarela metálica leve suspensa do teto, sobre cada fileira de tanques, usada, supunha Bond, para levantar cada tanque e levá-lo até a saída para ser despachado, ou para tirar peixes doentes e deixá-los em quarentena. Ele olhava por uma janela que dava para um mundo e um negócio estranhos. Era esquisito imaginar todas as minhocas, as enguias e os peixes se mexendo silenciosamente à noite, milhares de guelras a suspirar e a multidão de antenas se movendo, apontando e transmitindo seus pequenos sinais de radar para os centros nervosos semiadormecidos.

Depois de quinze minutos de trabalho meticuloso, ouviu-se um ligeiro barulho de rachadura e o painel se soltou, puxado pela bola de massa de vidraceiro presa à sua mão.

Desceu, colocando o painel cuidadosamente no chão, afastado do pneu. Em seguida, enfiou os sapatos dentro da camisa. Com apenas uma das mãos funcionando bem, eles poderiam desempenhar o papel de armas vitais. Escutou. Não havia nenhum barulho, exceto o gemido incessante das bombas. Olhou para cima, para ver se havia algumas nuvens prestes a encobrir a lua, mas o céu estava vazio, exceto pelo seu dossel de estrelas claras e cintilantes. Voltou a subir no pneu e, com uma pequena pressão dos braços, passou pelo largo buraco que abria.

Virou-se e agarrou a moldura metálica acima de sua cabeça, colocou todo seu peso nos braços, dobrou e abaixou as pernas de modo que pendessem alguns centímetros sobre as prateleiras cheias de conchas. Abaixou o corpo até sentir, com as pontas dos pés calçados com meias, o dorso das conchas, separando-as delicadamente com os dedos do pé até abrir um bom espaço na tábua. Em seguida, baixou todo seu peso, com cuidado, sobre a prateleira, que o suportou. Em um instante já estava no chão, com todos os sentidos despertos para detectar algum outro ruído além do gemido do maquinário.

Mas não havia nenhum. Pegou seus sapatos com biqueiras de aço e os deixou no pedaço de tábua descoberto. Depois avançou sobre o piso de concreto com uma lanterna fina como um lápis na mão.

Estava no setor de peixes de aquário. Quando examinava as etiquetas, distinguiu lampejos de luz colorida vindos dos tanques profundos, e por vezes uma joia viva se materializava e o olhava um instante com olhos esbugalhados, antes que ele seguisse adiante.

Havia inúmeros tipos — Swordtails, Guppies, Platys, Terras, Neons, Cichlids, Labirintos e Peixes do Paraíso, e todas as variedades de peixes vermelhos exóticos. Embaixo, embutidas no chão, cobertas na maior parte por grades de galinheiro, bandejas em cima de bandejas apinhadas e revoltas por minhocas e iscas: minhocas brancas, miniminhocas, camarões, pulgas d'água e grossas minhocas marinhas. Destes tanques ao nível do piso, uma porção de pequenos olhos dirigia-se à lanterna.

Havia o cheiro fétido do mangue no ar e a temperatura estava em torno dos vinte graus. Bond começou a suar ligeiramente e a ansiar pelo ar limpo da noite.

Dirigira-se ao passadiço central até encontrar os peixes venenosos que constituíam um de seus objetivos. Depois que lera sobre eles nos arquivos da chefatura de polícia em Nova York, tomara nota mentalmente de investigar mais este comércio secundário da Ourobours Inc.

Aqui os tanques eram menores e geralmente só havia um espécime em cada um. Os olhos que fitavam Bond preguiçosamente eram frios e encobertos, e às vezes a luz da lanterna revelava uma presa, ou um espeto dorsal que se expunha.

Cada tanque trazia um desenho a giz de uma caveira e ossos, e havia também grandes tabuletas onde estava escrito GRANDE PERIGO e MANTENHA DISTÂNCIA.

Deveria haver pelo menos cem tanques de diversos tamanhos, desde os grandes para conter as raias elétricas e as sinistras violas, até os menores para as enguias, peixes-pedra do Pacífico e o monstruoso peixe-escorpião das Antilhas, cheio de espinhas envenenadas, cada uma com um saco de veneno tão potente quanto o de uma cascavel.

Os olhos de Bond se estreitaram ao perceber que todos os tanques perigosos estavam ocupados até quase a metade de lama ou de areia.

Escolheu um tanque que continha um peixe-escorpião de quinze centímetros. Sabia alguma coisa sobre os hábitos dessa espécie mortífera, especialmente que ela não atacava, mas envenenava por contato.

A parte de cima do tanque estava no nível de sua cintura. Tirou um canivete reforçado que comprara e abriu a lâmina mais comprida. Em seguida, se inclinou sobre o tanque e, com as mangas enroladas, apontou a lâmina deliberadamente para o meio da cabeça áspera, entre as saliências das órbitas oculares. Quando sua mão rompeu a superfície da água, as espinhas brancas se eriçaram perigosamente e as listras manchadas do peixe se transformaram em listras uniformes, marrons como lama. Seus largos peitorais, semelhantes a asas, se ergueram ligeiramente, prontos para a fuga.

Bond espetou rapidamente, corrigindo sua mira de acordo com o ângulo de refração da superfície d'água. Prendeu a cabeça saliente, enquanto a cauda se debatia freneticamente, trazendo o peixe em sua direção e arrastando-o para cima pelo lado de vidro do tanque. Ficou de lado e jogou-o no chão, onde continuou a pular e a se contorcer a despeito de seu crânio destruído.

Inclinou-se sobre o tanque e mergulhou a mão até o fundo, no meio da lama e da areia.

Sim, elas estavam ali. Sua intuição sobre o peixe venenoso fora correta. Seus dedos sentiam as pilhas apertadas de moedas no fundo da lama, como fichas dentro de uma caixa. Estavam em uma bandeja rasa. Dava para sentir as divisões de madeira. Tirou uma moeda, enxaguando-a, junto com a mão, na superfície mais limpa da água. Iluminou-a com a lanterna. Era tão grande quanto uma moeda moderna de cinco xelins, com metade da espessura, e de

ouro. Trazia o escudo d'armas da Espanha e a efígie de Felipe II.

Olhou para o tanque, medindo-o. Deveria haver mil moedas naquele tanque, que nenhum funcionário da alfândega pensaria em remexer. Um valor de dez a vinte mil dólares, guardados por um Cérbero de presa venenosa. Aquilo devia ser o carregamento trazido pelo *Secatur* na sua última viagem, há uma semana. Cem tanques. Digamos, cento e cinquenta mil dólares de ouro por viagem. Em breve viriam os caminhões para pegar os tanques e, em qualquer lugar da estrada, os homens com tenazes revestidos de borracha tiravam os peixes mortíferos e os jogavam no mar, ou os queimavam. Esvaziavam os tanques da lama e da areia, lavavam as moedas e as colocavam em sacolas. Então as sacolas seguiriam para os agentes e as moedas pingariam no mercado, cada uma meticulosamente registrada pela engrenagem de Mr. Big.

Era um esquema em conformidade com a filosofia de Mr. Big. Eficaz, tecnicamente brilhante, quase à prova de riscos.

Bond estava cheio de admiração ao se inclinar e fisgar o peixe-escorpião de lado, no piso. Atirou-o de volta ao tanque. Não havia sentido em divulgar o que ele sabia para o inimigo.

Foi quando se afastou do tanque que todas as luzes do armazém se acenderam de repente e uma voz ríspida, autoritária, disse: “Não se mexa nem um centímetro. Levante as mãos.”

Ao se lançar e rolar sob o tanque, Bond distinguiu de relance a figura esguia do Ladrão, de olhos semifechados, mirando o rifle a cerca de vinte metros de distância, na entrada principal. Lançou-se, rezando para que o Ladrão errasse, mas também rezando para que o tanque baixo, sob o qual procurava abrigo, fosse do tipo coberto. Era. Estava coberto com grade de galinheiro. Algo tentou mordê-lo quando ele resvalou no aramado e deslizou direto até o passadiço ao lado. Assim que mergulhou, o rifle deu um tiro e o tanque do peixe-escorpião acima de sua cabeça se estilhaçou, derramando toda a água.

Bond correu depressa entre os tanques, de volta a seu único meio de fuga. No exato momento em que dobrou uma esquina, mais um tiro, e um tanque de peixe-anjo explodiu como uma bomba ao lado de seu ouvido.

Agora estava em uma extremidade do armazém, e o Ladrão na outra, a cinquenta metros de distância. Não havia nenhuma chance de pular pela janela do outro lado do passadiço central. Ficou por um instante recuperando o fôlego e pensando. Percebeu que as fileiras de tanques só o protegeriam até

os joelhos, e que entre os tanques ele estaria totalmente à vista nos corredores estreitos. De qualquer modo, não podia ficar parado. Foi lembrado deste fato por um tiro que passou entre as suas pernas e bateu em uma pilha de conchas, espalhando pedaços de sua dura casca, que zuniram à sua volta como vespas. Correu para a direita e outro tiro veio endereçado às suas pernas. Atingiu o chão e ricocheteou, batendo em um enorme garrafão de mexilhões, que rachou ao meio e derramou uma centena de moluscos no chão. Bond voltou depressa, a passos largos e rápidos. Sacou a Beretta e atirou duas vezes ao atravessar a passarela central. Viu que o Ladrão pulou para se proteger, enquanto um tanque se estilhaçava acima de sua cabeça.

Bond sorriu ao ouvir um grito abafado pelo ruído de vidro estilhaçado e de água.

Ajoelhou-se de imediato e deu dois tiros nas pernas do Ladrão, mas acertar um alvo a cinquenta metros de distância era exigir demais de sua pistola de pequeno calibre. Ouviu-se o barulho do estilhaçar de outro tanque, mas o segundo tiro fez um ruído metálico ao bater nos portões de ferro da entrada.

Em seguida, o Ladrão reiniciou o tiroteio. Bond podia apenas se esquivar para lá e para cá atrás dos caixotes e ficar esperando um tiro no joelho. De vez em quando atirava de volta, para forçar o Ladrão a manter distância, mas sabia que a batalha estava perdida. O sujeito parecia ter munição ilimitada. Restavam apenas duas balas na pistola de Bond, e um pente cheio no bolso.

Ao correr daqui para lá, escorregando nos peixes raros que se debatiam freneticamente no concreto, chegou até a pegar conchas pesadas e outros moluscos, arremessando-os no inimigo. Muitas vezes chegavam a impressionar quando batiam em cima de algum tanque, aumentando a algazarra dentro do galpão de ferro corrugado. Mas eram totalmente ineficazes. Pensou em atirar nas lâmpadas, mas havia pelo menos vinte, em duas fileiras.

Bond finalmente resolveu se entregar. Ainda tinha um truque na manga, e uma chance qualquer na batalha era melhor do que ficar exausto na extremidade errada daquele tiro ao alvo barato.

Ao passar por uma fileira de tanques, dos quais o mais próximo estava quebrado, empurrou-o no chão. Ainda estava meio cheio de raros peixes de briga siameses, e Bond ficou satisfeito com o baque quando os restos do tanque caro se estilhaçaram no chão. Abriu-se um bom espaço na superfície da armação, e depois de dar duas corridas rápidas para pegar seus sapatos,

correu de volta à mesa e pulou nela.

Sem que o Ladrão tivesse um alvo para atingir, fez-se um momento de silêncio, exceto pelo uivo das bombas, o ruído da água vazando dos tanques e dos peixes se debatendo ao morrer. Bond calçou os sapatos e amarrou-os com força.

“Ei, inglês”, chamou o Ladrão, de modo paciente. “Sai logo ou vou começar a usar granadas. Estava esperando você e tenho munição à beça.”

“Eu me rendo”, gritou Bond, com as mãos em concha. “Mas só porque você estourou um dos meus tornozelos.”

“Não vou atirar”, gritou o Ladrão. “Larga tua arma no chão e vem pela passagem central com as mãos pra cima. Teremos uma conversa tranquila.”

“Estou vendo que não tenho alternativa”, disse Bond, dando um toque de desespero a sua voz. Deixou cair sua Beretta com um baque metálico no chão de cimento. Tirou a moeda de ouro do bolso e apertou-a na mão esquerda, envolta por ataduras.

Bond deu um gemido ao pousar os pés no chão. Arrastava a perna esquerda, mancando bastante ao descer o passadiço central, com as mãos levantadas ao nível dos ombros. Parou no meio do corredor.

O Ladrão se aproximou lentamente, meio agachado, com o rifle apontado para a barriga do inglês. Bond gostou de ver que a camisa dele estava ensopada e que ele tinha um corte em cima do olho esquerdo.

O Ladrão veio andando bem à esquerda do passadiço. Quando chegou a cerca de dez metros, Bond parou, com um pé calçado de meia descansando displicentemente em uma pequena obstrução no piso de cimento.

O Ladrão fez um gesto com o rifle. “Mais alto”, rosnou, rispidamente.

Bond gemeu e levantou as mãos mais alguns centímetros, de modo que quase tapavam seu rosto, como uma atitude de defesa.

Entre os dedos, viu que o Ladrão chutava algo com força para o lado, e ouviu um leve barulho metálico, como se ele tivesse puxado um ferrolho. Os olhos de Bond brilharam por trás de suas mãos e seu queixo se contraiu. Sabia agora o que acontecera a Leiter.

O Ladrão se aproximou, e sua figura magra e rija ocultava o lugar onde parara no chão.

“Deus do céu”, disse Bond. “Preciso sentar. Minha perna não me sustenta.”

O Ladrão parou a alguns metros. “Fique de pé enquanto faço umas perguntas, inglês.” Mostrou os dentes manchados de fumo. “Em breve você estará deitado, e para sempre.” O Ladrão ficou estudando-o. As pernas de Bond iam cedendo. Por trás da expressão de derrota, seu cérebro calculava os centímetros.

“Filho da puta intrometido”, disse o Ladrão...

Nesse momento Bond deixou cair a moeda de ouro da sua mão esquerda. Ela bateu no cimento com um barulho metálico e começou a rolar.

Na fração de segundo em que os olhos do Ladrão olharam para baixo, o pé direito de Bond, calçando o sapato com a biqueira de aço, deu um chute no seu alcance máximo, quase arrancando o rifle das mãos do Ladrão. Enquanto este apertava o gatilho e a bala atingia o teto inofensivamente, Bond mergulhou já socando com as duas mãos, direto na barriga do sujeito.

Suas mãos atingiram algo mole, o que provocou um gemido de agonia. Uma descarga de dor percorreu a mão esquerda de Bond, e ele se encolheu quando o rifle bateu nas suas costas. Mas arremessou-se contra o sujeito, indiferente à dor, batendo com as duas mãos, com a cabeça abaixada entre os ombros curvos, obrigando o Ladrão a recuar e a se desequilibrar. Ao sentir o outro perdendo o equilíbrio, Bond se endireitou ligeiramente e chutou de novo com a biqueira de aço. O chute pegou o Ladrão no joelho. Houve um grito de agonia e o rifle caiu por terra, enquanto o Ladrão procurava se salvar. Estava quase caindo, quando o soco ascendente de Bond pegou-o e jogou seu corpo alguns metros mais para trás.

O Ladrão caiu no centro do passadiço, bem ao lado de um ferrolho puxado, que Bond agora distinguiu.

Quando o corpo bateu no chão, uma parte do piso se abriu rapidamente sobre um pino central, e ele quase sumiu pela abertura escura do largo alçapão no concreto.

Ao sentir o piso ceder sob o seu peso, o Ladrão deu um grito agudo de pavor e suas mãos lutaram para se segurar. Agarraram a borda do piso no momento em que todo seu corpo escorregava para dentro do abismo e o painel de dois metros de concreto armado girava suavemente até ficar ereto sobre seu pino, tendo uma bocarra negra aberta de cada lado.

Bond se esforçava para respirar. Pôs as mãos nos quadris e recuperou algum fôlego. Em seguida, andou até a beirada do buraco à direita e olhou para baixo.

O rosto apavorado do Ladrão, com os lábios repuxados em um esgar terrível e os olhos arregalados, estava voltado para ele proferindo um atropelo de palavras.

Ao olhar para além dele, Bond não conseguia distinguir nada, mas ouvia o chapinhar da água contra as fundações do prédio e percebia uma leve luminescência do lado do mar. Bond adivinhou que deveria haver um acesso ao mar através de algum aramado ou barras de ferro cerradas.

À medida que a voz do Ladrão se reduzia a uma lamúria, Bond conseguiu ouvir algo se mexendo lá embaixo, provavelmente acordado pela luz. Um tubarão-tigre ou um cabeça de martelo, imaginou, com suas reações rápidas.

“Me puxa, amigo. Me dá uma chance. Me puxa. Não vou conseguir me segurar por muito mais tempo. Faço qualquer coisa que quiser. Conto qualquer coisa.” A voz do Ladrão era um sussurro rouco em forma de súplica.

“O que aconteceu com Solitaire?”, Bond fitou os olhos aterrorizados do outro.

“Foi Big Man. Me mandou arranjar um sequestro. Dois caras de Tampa. Pergunte pelo Butch e pelo Perpétuo. Uma sinuca atrás do ‘Oasis’. Ela não sofreu nada de mau. Me deixe sair, camarada.”

“E o americano, Leiter?”

O rosto agoniado suplicava. “Foi culpa dele. Veio falar comigo cedo de manhã. Disse que o lugar estava pegando fogo. Vira o incêndio ao passar de carro. Me rendeu e me trouxe até aqui. Queria fazer uma busca no local. Simplesmente caiu no alçapão. Um acidente. Juro que foi culpa dele. A gente o tirou antes que se acabasse. Vai ficar bem.”

Bond olhou friamente para os dedos brancos que se agarravam desesperadamente na beirada afiada de concreto. Sabia que o Ladrão devia ter puxado o ferrolho e manobrado para que Leiter caísse na armadilha. Podia ouvir a risada de triunfo dele quando o chão se abriu. Podia imaginar o sorriso cruel ao rabiscar o bilhete que ele enfiou nas ataduras, depois de terem pescado o corpo meio devorado.

Uma raiva cega dominou-o.

Deu dois chutes decididos.

Um breve grito veio das profundezas. Ouviu-se um som de algo caindo na água e depois um grande estardalhaço.

Bond caminhou até o lado do alçapão e empurrou o retângulo ereto de concreto. Girou-o com facilidade sobre o eixo central.

Pouco antes de suas bordas taparem o vão escuro embaixo, Bond ouviu um terrível grunhido aspirado, como se um grande porco estivesse enchendo a boca. Sabia que era o grunhido que um tubarão faz quando seu focinho medonho e achatado sai da água e sua boca em forma de foice abocanha alguma carcaça flutuante. Bond estremeceu e chutou o ferrolho, fechando-o com o pé.

Bond pegou a moeda de ouro do chão e apanhou a Beretta. Foi até a entrada principal e contemplou por um instante os destroços do campo de batalha.

Refletiu que nada demonstrava que o segredo do tesouro havia sido descoberto. Um tiro destroçara a parte de cima do tanque do peixe-escorpião sob o qual Bond mergulhara. Quando os outros chegassem de manhã, não ficariam espantados ao descobrir o peixe morto dentro do tanque. Pegariam os restos do Ladrão do poço dos tubarões e relatariam a Mr. Big que ele levava o pior em um tiroteio, e que havia um prejuízo de X mil dólares que precisava ser consertado antes que o *Secatur* pudesse trazer o próximo carregamento. Depois achariam algumas cápsulas da arma de Bond e logo adivinhariam que havia sido um serviço seu.

Bond afastou inflexivelmente da cabeça a cena horrorosa sob o piso do armazém. Desligou a luz e saiu pela entrada principal.

Havia sido uma pequena desforra pelo que fizeram a Solitaire e a Leiter.

16.

O LADO JAMAICANO

Eram duas horas da madrugada. Bond tirou o carro de junto da amurada e atravessou a cidade até pegar a 4th Street, a rodovia para Tampa.

Seguiu despreocupado pelas quatro pistas cimentadas da rodovia, atravessando o infindável corredor polonês de motéis, campings e lojas de beira de estrada, que vendiam mobília de praia e gnomos de concreto.

Parou no Gulf Winds Bar and Snacks e pediu um Old Grandad duplo com gelo. Enquanto o barman o servia, foi ao banheiro se limpar. As ataduras na mão esquerda estavam cobertas de sujeira e a mão latejava dolorosamente. A tala quebrara na barriga do Ladrão. Não havia nada que ele pudesse fazer. Os olhos estavam vermelhos de tensão e falta de sono. Foi até o bar, bebeu o Bourbon e pediu outro. O barman parecia um desses universitários que custeavam as próprias férias trabalhando duro. Estava a fim de conversar, mas em Bond não restara nenhuma vontade de falar. Ficou sentado, olhando o copo, pensando em Leiter e no Ladrão, e ouvindo o grunhido repugnante do tubarão devorando a presa.

Pagou, saiu e atravessou de novo a Gandy Bridge, com o ar fresco da baía lhe batendo no rosto. No final da ponte, virou à esquerda em direção ao aeroporto e parou no primeiro motel que parecia aberto.

O casal de proprietários de meia-idade ouvia um programa cubano de rumbas na madrugada, com uma garrafa de Rye entre eles. Bond contou uma história sobre um pneu furado entre Sarasota e Silver Springs. Não estavam interessados. Queriam apenas os seus dez dólares. Bond levou o carro até o quarto 5, o sujeito abriu a porta e acendeu as luzes. Havia uma cama de casal, um banheiro com chuveiro e duas cadeiras. O branco e o azul davam o tom nas paredes. Parecia limpo e Bond colocou a sacola no chão com um sentimento de gratidão, ao se despedir do dia. Despiu-se, jogou as roupas sem dobrar em uma cadeira. Em seguida tomou uma rápida chuveirada, escovou os dentes, gargarejou com um dentifrício forte e entrou na cama.

Mergulhou logo em um sono tranquilo. Era a primeira noite, desde que

chegara à América, em que não se sentia ameaçado por uma nova batalha contra o destino na manhã seguinte.

Acordou ao meio-dia e caminhou pela estrada até uma cafeteria, onde o cozinheiro lhe preparou no balcão um delicioso sanduíche de três andares, que ele comeu enquanto tomava café. Em seguida, voltou ao quarto e escreveu um relatório minucioso ao FBI em Tampa. Omitiu todas as referências ao ouro nos tanques de peixes venenosos, com medo de que Big Man encerrasse os negócios na Jamaica. Eles ainda precisavam ser investigados. Bond sabia que os danos que ele provocara na máquina de Big Man na América não mudavam nada o objetivo principal de sua missão — a descoberta da fonte do ouro, sua captura e a destruição, se possível, do próprio Mr. Big.

Foi de carro até o aeroporto e pegou o quadrimotor prateado, faltando apenas poucos minutos para a partida. Deixou o carro de Leiter no estacionamento, conforme dissera no seu relatório ao FBI. Pensou que fora algo desnecessário, quando avistou um sujeito vestindo uma capa esdrúxula, à toa em uma loja de lembranças. As capas de chuva pareciam ser praticamente o uniforme do FBI. Bond estava certo de que queriam ter certeza de que ele pegaria o avião. Ficariam satisfeitos de vê-lo pelas costas. Por onde passara na América, deixara um rastro de cadáveres. Antes de embarcar no avião, ligou para o hospital em St. Petersburg. Arrependeu-se. Leiter ainda estava inconsciente e não tinham prognósticos. Sim, ligariam de volta quando tivessem alguma notícia definitiva.

Eram cinco da tarde quando o avião circulou sobre Tampa Bay, rumo ao leste. O sol estava baixo no horizonte. Um grande jato vindo de Pensacola passou ventando, bem a bombordo, deixando quatro rastros de vapor pairando quase imóveis no ar parado. Em breve o voo de reconhecimento terminaria e ele voltaria para pousar na costa do Golfo, cheia de idosos com camisetas estampadas. Bond se alegrava de estar a caminho das doces encostas verdes do litoral da Jamaica, deixando para trás o grande e rijo continente de *Eldollarado*.

O avião avançava, atravessando a cintura da Flórida, os hectares de floresta e de mangue sem nenhum sinal de habitantes humanos, com suas luzes da asa piscando, verdes e vermelhas, na escuridão que chegava. Em breve sobrevoavam Miami e as monstruosas arapucas para otários da costa oriental, cujas artérias brilhavam, entupidas de néon. Longe, a bombordo, a rodovia estadual nº 1 sumia subindo o litoral, uma fita dourada de motéis, postos de gasolina e barracas de suco de frutas, passando por Palm Beach,

Daytona e Jacksonville, a quatrocentos e cinquenta quilômetros. Bond pensou no café da manhã que tomara em Jacksonville, por volta de três dias antes, e em tudo o que acontecera depois. Dentro em breve, após uma curta parada em Nassau, sobrevoaria Cuba, talvez sobre o esconderijo em que Mr. Big ocultara Solitaire. Ela ouviria o barulho do avião e talvez sua intuição a fizesse olhar para cima e sentir, por um instante, que ele estava próximo.

Bond ficou pensando se jamais se encontrariam de novo para acabar o que haviam começado. Mas isso teria de vir mais tarde, quando seu trabalho estivesse terminado — o prêmio de um itinerário perigoso que começara três semanas antes, em meio ao nevoeiro de Londres.

Depois de um coquetel e um jantar cedo, chegaram a Nassau e passaram meia hora na ilha mais rica do mundo, aquela faixa arenosa onde milhões e milhões de libras esterlinas são enterradas com grande susto nas mesas de canastra, e onde bangalôs, cercados de uma parede fina de pinheiros e casuarinas, trocam de mãos por cinquenta mil libras.

Deixaram para trás a escala rápida na ilha de platina, e em breve sobrevoavam as madrepérolas cintilantes das luzes de Havana, tão diferentes, em seus modestos tons pastel, das berrantes cores primárias das cidades americanas à noite.

Voavam a cinco mil metros quando, logo depois de passar por Cuba, encontraram uma daquelas tempestades tropicais que de repente fazem com que as aeronaves se transformem, de confortáveis salas de estar, em armadilhas mortíferas sacolejantes. O grande avião cambaleou e deu um mergulho, com as hélices ora roncando no vácuo, ora mordendo com força os paredões compactos de ar. O cilindro esguio de metal estremecia e balançava. A louça se espatifava na copa, e a chuva forte martelava as vidraças.

Bond agarrou os braços da poltrona, provocando dor na mão esquerda, praguejando baixinho consigo mesmo.

Olhou para as prateleiras das revistas e pensou: não serão de muita utilidade quando o aço acusar fadiga, a cinco mil metros de altitude, nem a água de colônia no banheiro, as refeições personalizadas, o barbeador gratuito, a “orquídea para sua senhora” agora trêmula na geladeira. Muito menos os cintos de segurança e os coletes salva-vidas, com o apito que realmente apita, segundo a demonstração da aeromoça, nem a luz de resgate engraçadinha que emite um brilho vermelho.

Não. Quando as tensões se tornam excessivas no metal fatigado, quando o mecânico de manutenção que testa o equipamento de descongelamento está

apaixonado e faz mal o serviço, lá em Londres, Idlewild, Gander, Montreal; quando essas ou muitas outras coisas acontecem, então a pequena sala aquecida, com hélices na frente, cai como uma pedra do céu, na terra ou no mar, mais pesada que o ar, falível, imprestável. E as quarenta pessoas mais pesadas que o ar, frágeis dentro da fragilidade do avião, desamparadas dentro do desamparo maior do avião, despencam com ele, abrindo pequenos buracos na terra, ou espirrando água no mar. De qualquer modo, é o destino, então por que se preocupar? As pessoas estão conectadas aos dedos descuidados do mecânico de manutenção em Nassau, do mesmo modo que estão conectadas ao homenzinho no sedã da família, que confunde o sinal verde com o vermelho e bate de frente, pela primeira e última vez, na pessoa que dirigia tranquilamente para casa depois de um programa clandestino. Não se pode fazer nada. Começamos a morrer desde o dia em que nascemos. A vida inteira é um jogo de cartas com a morte. Por isso tenha calma. Acenda um cigarro e seja grato por ainda estar vivo, enquanto traga a fumaça profundamente nos seus pulmões. Nosso destino já permitiu que percorrêssemos um longo caminho desde que abandonamos o útero da mãe e choramingamos ao contato com o ar frio do mundo. Talvez ele até permita que cheguemos à Jamaica esta noite. Não está escutando as vozes animadas da torre de controle que passaram o dia falando, tranquilas: “Pode pousar, BOAC. Pode pousar, Panam. Pode pousar, KLM”? Não as escuta também nos chamando: “Pode pousar, Transcarib. Pode pousar, Transcarib”? Não perca a fé no destino. Lembre aquele momento terrível em que enfrentou a morte diante da arma do Ladrão, na noite passada. Ainda está vivo, não está? Pronto, já não corremos mais perigo. Isso foi só para lembrar que ser rápido no gatilho não quer dizer que você seja realmente forte. Não se esqueça. Este pouso feliz no Aeroporto Palisadoes é cortesia de seu destino. Melhor agradecer a ele.

Bond desatou o cinto de segurança e limpou o suor do rosto.

Ao diabo com tudo isso, pensou, ao desembarcar da aeronave enorme e resistente.

Strangways, o chefe do serviço secreto do Caribe, veio encontrá-lo no aeroporto, e assim ele passou depressa pela alfândega, imigração e fiscalização financeira.

Eram quase onze horas de uma noite quente, tranquila. Ouvia-se o som agudo dos grilos nas fileiras de cactos de ambos os lados da estrada do aeroporto, e Bond absorvia com gratidão os ruídos e os cheiros tropicais, enquanto a caminhonete militar atravessava a periferia de Kingston, em direção aos contrafortes cintilantes e enluarados das Montanhas Azuis.

Conversaram em monossílabos até se instalarem na varanda aconchegante da bela casa branca de Strangways, em Junction Road, abaixo de Stony Hill.

Strangways serviu um uísque com soda reforçado para os dois e, em seguida, fez um relato conciso de todo o lado jamaicano do problema.

Era um sujeito esguio e bem-humorado de mais ou menos trinta e cinco anos, ex-tenente e comandante da Seção Especial da Reserva Voluntária da Marinha Real. Tinha uma venda negra sobre um olho e o tipo de beleza aquilina associada à ponte de comando dos destróieres. Mas debaixo do bronzeado havia um rosto marcado, e Bond percebeu, pelos gestos rápidos e frases entrecortadas, seu ânimo nervoso e tenso. Era certamente eficiente, tinha senso de humor e não demonstrava nenhum sinal de ciúme diante de alguém que viera da matriz para se meter em seu território. Bond sentiu que se dariam bem, antecipando com prazer essa parceria.

Eis a história que Strangways tinha para contar.

Sempre circularam boatos sobre a presença de um tesouro na ilha da Surpresa, e tudo que se sabia sobre Morgan, o Sanguinário, confirmava essa suspeita.

A pequena ilha ficava no centro exato da baía dos Tubarões, um pequeno porto no final da Junction Road, que corre pela cintura fina da Jamaica, de Kingston à costa norte.

O grande bucaneiro fizera da baía dos Tubarões seu quartel-general. Gostava de ter toda a largura da ilha de permeio entre ele e o governador em Port Royal, de modo que pudesse sair e entrar nas águas jamaicanas em total segredo. O governador também gostava desse arranjo. A Coroa queria que ele fechasse os olhos à pirataria de Morgan até que os espanhóis fossem expulsos do Caribe. Quando isso ocorreu, Morgan foi recompensado com um título de nobreza e o posto de governador da Jamaica. Até então, suas ações tinham de ser repudiadas para evitar uma guerra contra a Espanha, na Europa.

No entanto, durante o longo período antes que a raposa recebesse a chave do galinheiro, Morgan utilizou a baía dos Tubarões como porto de partida para suas investidas. Construiu três casas na propriedade vizinha, denominada Llanrumney, em homenagem ao seu local de nascimento no País de Gales. Essas casas se chamavam “Casa de Morgan”, “Casa do Médico” e “Casa da Dama”. Ainda hoje se descobrem moedas e fivelas em suas ruínas.

O ancoradouro de seus navios sempre foi a baía dos Tubarões, e os reparos nas embarcações eram feitos, a sotavento, na ilha da Surpresa, um

pedaço de coral e calcário acidentado que surge do centro da baía, encimado por um platô cheio de mato de cerca de meio hectare.

Quando partiu para sempre da Jamaica, em 1683, foi como preso, para ser julgado por seus pares por menosprezo à Coroa. Seu tesouro foi abandonado em algum lugar na Jamaica e ele morreu na miséria, sem revelar seu paradeiro. Deve ter sido um vasto butim, fruto de incontáveis investidas contra Hispaniola, da captura de inúmeros navios que levavam tesouros para La Plata, do saque do Panamá e da pilhagem de Maracaibo. Mas sumiu sem deixar vestígios.

Sempre se pensou que o segredo jazia em algum lugar da ilha da Surpresa, mas duzentos anos de mergulhos e de escavações da parte dos caçadores de tesouros não revelaram nada. Então, disse Strangways, há apenas seis meses, duas coisas aconteceram em poucas semanas. Um jovem pescador desapareceu do povoado da baía dos Tubarões e nunca mais se soube dele, e um sindicato anônimo de Nova York adquiriu a ilha por mil libras do atual proprietário de Llanrumney, agora uma próspera propriedade de cultivo de banana e de criação de gado.

Poucas semanas depois da venda, o iate *Secatur* chegara à baía dos Tubarões e fundeara no antigo ponto de ancoragem de Morgan, a sotavento da ilha. Veio com uma tripulação exclusivamente negra. Puseram-se a trabalhar, cavando uma escada na face do rochedo, construindo no topo uma série de cabanas baixas de taipa, ao estilo jamaicano.

Pareciam estar perfeitamente aprovisionados e só compravam peixe fresco e água dos pescadores da baía.

Era um pessoal ordeiro e taciturno, que não dava trabalho. Explicaram à alfândega da vizinha Santa Maria, que os havia liberado, que estavam ali para pescar peixes tropicais, especialmente as variedades venenosas, e coletar conchas para a Ourobours Inc, de St. Petersburg. Depois que se estabeleceram, compraram grandes quantidades deles dos pescadores da baía dos Tubarões, Port Maria e Oracabessa.

Durante uma semana realizaram explosões na ilha, dizendo que era para a escavação de um grande tanque de peixes.

O *Secatur* começou a fazer uma rota quinzenal para o Golfo do México, e observadores com binóculos confirmaram que, antes de zarpar, sempre embarcavam tanques portáteis de peixe. Meia dúzia de homens era deixada para trás. Quaisquer canoas que se aproximassem da ilha recebiam ameaças de um guarda, na base da escadaria no rochedo, que ficava o dia inteiro

pescando em um molhe estreito onde o *Secatur* atracava, preso a duas âncoras no mar, bem abrigado dos ventos nordeste.

Jamais alguém conseguiu desembarcar na ilha de dia e, depois de duas tentativas trágicas, ninguém voltou a tentar um desembarque noturno.

A primeira tentativa foi a de um pescador local, instigado pelos boatos de um tesouro enterrado que nenhuma conversa sobre peixes tropicais podia abafar. Partiu a nado uma noite e seu corpo fora devolvido pelo mar, por cima do recife, no dia seguinte. Os tubarões e as barracudas só deixaram o torso e um pedaço da coxa.

Mais ou menos na hora em que ele deveria chegar à ilha, toda a aldeia da baía dos Tubarões foi acordada pelo batuque mais terrível. Parecia vir do interior da ilha. Reconheceram-no como um batuque do vodu. Começou tranquilo e foi em um crescendo trovejante. Depois baixou novamente e parou. Durou cerca de cinco minutos.

Desde aquele momento a ilha se tornou *ju-ju*, ou *obeah*, como se diz na Jamaica, e, mesmo à luz do dia, as canoas ficam a uma distância segura.

A essa altura, Strangways teve seu interesse despertado e fez um relatório completo a Londres. Desde 1950, a Jamaica se tornara um alvo estratégico importante, graças à exploração, pela Reynolds Metal e pela Kaiser Corporation, de enormes depósitos de bauxita encontrados na ilha. Na opinião de Strangways, as atividades na ilha da Surpresa bem poderiam estar ligadas à construção de uma base de submarinos de um só tripulante, prevendo uma situação de guerra, especialmente porque a baía dos Tubarões estava no âmbito da rota dos navios da Reynolds até o novo porto de embarque de bauxita de Ocho Ríos, alguns quilômetros costa abaixo.

Londres investigou, junto com Washington, com base no relatório, e veio à tona a informação de que o sindicato que comprara a ilha era inteiramente de propriedade de Mr. Big.

Isso há três meses. Strangways recebeu ordens de entrar na ilha de qualquer maneira e descobrir o que estava acontecendo. Montou uma operação e tanto. Alugou uma propriedade no braço ocidental da baía dos Tubarões, chamada Beau Desert, onde existem as ruínas de um dos famosos casarões jamaicanos do começo do século dezenove, e também uma casa de praia moderna bem em frente ao ancoradouro do *Secatur* na ilha da Surpresa.

Trouxe dois bons nadadores da base naval na Bermuda e organizou uma observação permanente da ilha através de binóculos diurnos e noturnos. Nada foi visto que parecesse suspeito e, em uma noite calma e escura, ele mandou

os dois nadadores com ordens de fazer uma vistoria submarina das fundações da ilha.

Strangways contou o pavor que sentiu quando, uma hora depois de partirem a nado para atravessar os trezentos metros de mar, começou um terrível batuque em algum lugar dentro dos penhascos da ilha.

Naquela noite os dois não voltaram.

No dia seguinte, ambos apareceram na praia, em lugares diferentes da baía. Ou melhor, o que sobrou de seus corpos devorados pelos tubarões e barracudas.

Nesta altura da história de Strangways, Bond interrompeu-o.

“Um minuto só”, disse, “que história é essa de tubarões e barracudas? Geralmente eles não são agressivos nestas águas. Não existem muitos na Jamaica e raramente se alimentam de noite. Aliás, não creio que nenhum deles ataque seres humanos, a não ser que haja sangue na água. Podem dar uma mordida, uma vez ou outra, em algum pé branco, por curiosidade. Já houve notícias anteriores de comportamento assim na Jamaica?”

“Nunca houve outro caso, desde que uma garota teve o pé devorado em Kingston Harbour, em 1942”, disse Strangways. “Ela estava sendo rebocada por uma lancha, batendo os pés. Seus pés brancos devem ter parecido especialmente apetitosos. E, além disso, estavam viajando em uma velocidade que convidava ao ataque. Todo mundo concorda com sua teoria. E meus homens tinham arpões e facas. Achei que fizera de tudo para protegê-los. Foi algo medonho. Imagine só como me senti. Desde então não fizemos mais nada, exceto tentar legalizar o acesso à ilha através da Secretaria das Colônias e de Washington. Mas o proprietário é cidadão americano. Então o processo é penosamente lento, sobretudo porque não há nada contra essa gente. Parecem dispor de uma boa proteção em Washington e de alguns advogados muito bons em direito internacional. Estamos absolutamente emperrados. Londres me disse para esperar até que você viesse.” Strangways deu um gole no uísque e olhou para Bond com expectativa.

“Quais são os movimentos do *Secatur*?”, perguntou Bond.

“Ainda está em Cuba. Deve zarpar dentro de uma semana, de acordo com a CIA.”

“Quantas viagens fez?”

“Cerca de vinte.”

Bond multiplicou cento e cinquenta mil dólares por vinte. Se seus cálculos estivessem certos, Mr. Big já levaria um milhão de libras em ouro da ilha.

“Fiz alguns arranjos provisórios para você”, disse Strangways. “Tem a casa em Beau Desert. Há um carro, Sunbeam Talbot, sedã. Pneus novos. Corre bem. Ideal para essas estradas. Arranjei um sujeito ótimo para ser seu faz-tudo. Um ilhéu das ilhas Cayman, chamado Quarrel. O melhor pescador e nadador do Caribe. Muito prestativo. Grande sujeito. E peguei emprestada a casa de repouso da West Indian Citrus Company na Baía Manatee. Fica na outra extremidade da ilha. Você podia descansar lá uma semana e se exercitar um pouco até a chegada do *Secatur*. Precisarás estar em forma se quiser chegar à ilha da Surpresa, e acredito francamente que só isso nos dará a resposta. Tem mais alguma coisa que eu possa fazer? Estarei por aí, claro, mas preciso ficar em Kingston para manter a comunicação com Londres e Washington. Eles vão querer saber tudo que fizemos. Há mais alguma coisa que você gostaria que eu providenciasse?”

Bond estivera se decidindo.

“Sim”, respondeu. “Pode pedir a Londres que consiga junto ao Almirantado uma de suas roupas de mergulho, completa, com os cilindros de ar comprimido. E muitos sobressalentes. E um bom par de arpões. Os franceses, ‘Champion’, são os melhores. Uma boa lanterna subaquática. Uma faca de guerra dos comandos. Toda a informação que puderem arranjar no Museu de História Natural sobre tubarões e barracudas. E um pouco daquele repelente de tubarões que os americanos usaram no Pacífico. Peça à BOAC para trazer tudo pelo seu serviço direto.”

Bond fez uma pausa. “Ah, sim”, disse. “E uma daquelas coisas que nossos sabotadores costumavam usar contra os navios durante a guerra. Uma mina naval, com diversos detonadores.”

17.

O VENTO PAPA-DEFUNTO

Mamão com uma rodela de limão, um prato cheio de bananas avermelhadas, caimitos roxos, ovos mexidos com bacon, café Blue Mountain — o mais delicioso do mundo —, geleia de laranja jamaicana, quase preta, e geleia de goiaba.

Enquanto Bond, trajando shorts e sandálias, tomava café na varanda, contemplando o panorama ensolarado de Kingston e Port Royal, pensou que tinha sorte pela existência de momentos tão magníficos a compensar o perigo e o ambiente sombrio de sua profissão.

Bond conhecia bem a Jamaica. Estivera no país durante uma longa missão logo após a guerra, quando o quartel-general comunista em Cuba procurava infiltrar os sindicatos jamaicanos. Tinha sido um serviço malresolvido e inconcluso, mas ele aprendera a amar a grande ilha verde e seu povo alegre e leal. Agora estava contente por ter retornado e pela semana inteira de folga antes de recomeçar o trabalho duro.

Depois do café da manhã, Strangways surgiu na varanda com um sujeito alto de pele morena, trajando uma camisa azul desbotada e velhas calças de sarja marrons.

Era Quarrel, o ilhéu das ilhas Cayman, com quem Bond logo simpatizou. Tinha sangue dos soldados de Cromwell e de bucaneiros. Seu rosto era forte e anguloso, com uma boca quase severa e olhos cinzentos. Apenas o nariz achatado e as palmas das mãos descoradas eram negroides.

Bond apertou sua mão.

“Bom dia, capitão”, falou Quarrel. Vindo da raça de pescadores mais famosa do mundo, esse era o tratamento mais honroso que ele podia merecer. Mas não havia nenhum desejo de agradar, ou humildade, na sua voz. Falava como marujo, de maneira direta e franca.

Esse momento definiu o relacionamento deles. Parecia a relação entre um senhor de terras escocês e seu caçador-chefe; o reconhecimento subentendido

da autoridade, sem espaço para qualquer servilismo.

Depois de discutirem seus planos, Bond pegou o volante do pequeno carro que Quarrel trouxera de Kingston e tomaram a Junction Road, deixando Strangways ocupado com os pedidos de Bond.

Partiram antes das nove e ainda estava fresco quando atravessaram as montanhas que se estendem pelo dorso da Jamaica como a parte dentada da couraça do crocodilo. A estrada descia serpenteando em direção às planícies do norte, através de um dos cenários mais bonitos do mundo, em que a vegetação tropical se modificava com a mudança de altitude. Os flancos verdes das serras, emplumados de bambus intercalados com o verde escuro e brilhoso da fruta-pão e a súbita explosão colorida do flamboyant, cediam lugar, mais para baixo, à floresta de ébano, mogno, hibiscos e pau-campeche. Quando chegaram às várzeas do vale de Agualta, o mar verde dos bananais e canaviais se espalhava até onde a orla afastada dos bosques de palmeiras brotava cintilante ao longo da costa norte.

Quarrel foi boa companhia no passeio e um guia maravilhoso. Falou sobre as aranhas que faziam suas casas na terra, encimadas por pequenos alçapões perfeitos, ao passarem pelos famosos jardins de palmeiras de Castleton. Contou que assistira a uma briga entre uma centopeia gigante e um escorpião e explicou a diferença entre o mamão-macho e o mamão-fêmea. Descreveu os venenos da mata e as propriedades medicinais das ervas tropicais, a pressão exercida pela noz para romper o coco, o comprimento da língua do beija-flor, a maneira como os crocodilos carregam os filhotes na boca, ao comprido, como sardinhas em lata.

Falava em termos precisos, mas sem conhecimento técnico, empregando o linguajar jamaicano em que as plantas são humanizadas, “se esforçam”, “desanimam”, “mariposas” são “morcegos” e “amar” é sempre usado no lugar de “gostar”. Enquanto falava, levantava a mão em um gesto de saudação para as pessoas na estrada, que também gesticulavam e gritavam seu nome.

“Você parece conhecer gente à beça”, comentou Bond, quando o motorista de um ônibus apinhado, com a palavra ROMANCE escrita em grandes letras em cima do para-brisa, saudou-o com dois toques de sua buzina de ar comprimido.

“Faz três meses que ando observando a ilha da Surpresa, capitão”, disse Quarrel, “e passando por esta estrada duas vezes por semana. Todo mundo fica logo conhecido na Jamaica. O pessoal tem vista boa.”

Às dez e meia já tinham passado Port Maria e enveredado por uma

pequena estrada vicinal que levava à baía dos Tubarões. Ao fazer uma curva, se depararam com ela embaixo, e Bond parou o carro e saíram.

A baía tinha a forma de um crescente e talvez uns mil e duzentos metros de largura entre um pontal e outro. Sua superfície azul estava encrespada pela leve brisa que soprava do nordeste, vizinha dos ventos alísios que nasciam a oitocentos quilômetros, no Golfo do México, e de lá partiam para sua longa viagem em volta do mundo.

A um quilômetro e meio de onde estavam, uma longa arrebentação sinalizava o recife fora da baía e o estreito de águas calmas que era a única entrada para o ancoradouro. No meio do crescente, a ilha da Surpresa assomava com seus trinta e poucos metros acima do mar, orlada no seu lado leste pela espuma das pequenas ondas que quebravam, e por águas calmas a sotavento.

Era quase redonda, parecendo um bolo alto e cinzento encimado por uma camada verde de açúcar glacê, tudo sobre um prato de porcelana azul.

Haviam parado a cerca de trinta metros do pequeno amontoado de cabanas de pescadores, atrás da praia orlada de coqueiros, e estavam no mesmo nível que o topo plano e verde da ilha, a quatrocentos metros de distância. Quarrel mostrou os telhados de palha das cabanas de taipa no meio das árvores, no centro da ilha. Bond examinou-as através dos binóculos de Quarrel. Não havia nenhum sinal de vida, exceto por um magro fiapo de fumaça levado pela brisa.

Abaixo deles, a água da baía era verde-clara perto da areia branca. Em seguida, se aprofundava e ficava azul-escura antes do marrom intercalado da borda submersa de um recife interno, que formava um largo semicírculo a cem metros da ilha. Depois tornava-se novamente azul, com manchas de azul mais claro e verde-mar. Quarrel informou que a profundidade do ancoradouro do *Secatur* era de aproximadamente dez metros.

À esquerda, no meio do braço ocidental da baía, escondida entre as árvores e atrás de uma minúscula praia de areia branca, ficava sua base de operações, Beau Desert. Quarrel descreveu a disposição da casa e Bond permaneceu dez minutos examinando os trezentos metros de distância entre ela e o ancoradouro do *Secatur*, junto à ilha.

Ao todo, Bond passou uma hora fazendo o reconhecimento do local e depois, sem se aproximar da casa ou do povoado, viraram o carro e voltaram para a estrada principal ao longo da costa.

Seguiram de carro através do belo e pequeno porto de embarque de

bananas de Oracabessa e de Ocho Ríos, com sua nova e enorme usina de extração de bauxita, seguindo a costa norte até a baía de Montego, a duas horas de distância. Era fevereiro, no auge da estação. A pequena aldeia e os grandes hotéis esparsos estavam mergulhados na corrida de ouro de quatro meses que os sustentava pelo resto do ano. Pararam em uma pousada do outro lado da ampla baía, onde almoçaram, para, em seguida, prosseguirem no calor da tarde até a ponta ocidental da ilha, depois de mais duas horas de viagem.

Ali, graças à presença dos enormes mangues costeiros, nada acontecera desde que Colombo usara a baía de Manatee como um ancoradouro ocasional. Os pescadores jamaicanos haviam tomado o local dos índios Arawak, mas, exceto isso, tinha-se a impressão de que o tempo havia parado.

Bond achou-a a praia mais bonita que já havia visto, oito quilômetros de areia branca descendo suavemente até as ondas e, atrás, a marcha desordenada, porém graciosa, das palmeiras rumo ao horizonte. Debaixo delas, as canoas cinza descansavam fora da água, ao lado de monturos rosados de conchas descartadas. Do meio do palmeiral subia a fumaça das palhoças dos pescadores, na sombra entre o mangue e o mar.

Em uma clareira entre as palhoças, construída sobre estacas em um gramado malcuidado de grama das Bahamas, ficava a casa de fim de semana dos trabalhadores da West Indian Citrus Company. Fora construída sobre estacas para evitar os cupins e era cuidadosamente telada contra mosquitos e borrachudos. Bond saiu da estrada irregular e estacionou sob a casa. Enquanto Quarrel escolhia e arrumava dois quartos, Bond enrolou uma toalha na cintura e caminhou entre as palmeiras até o mar, a vinte metros de distância.

Nadou e boiou preguiçosamente durante uma hora na água quente em que flutuava sem dificuldade, pensando na ilha da Surpresa e em seu segredo, fixando na mente aqueles trezentos metros, pensando nos tubarões e barracudas e demais perigos do mar, essa grande biblioteca cheia de livros que ainda não conseguimos ler.

Ao caminhar de volta para o pequeno chalé de madeira, Bond levou suas primeiras picadas de mosquito pólvora. Quarrel deu uma risada ao ver as mordidas empoladas nas suas costas, que em breve coçariam como o diabo.

“Não se pode fazer nada para nos livrar deles, capitão”, observou. “Mas posso parar essa coceira. Melhor tomar uma chuvairada, primeiro, para tirar o sal. Eles só mordem mesmo durante uma hora, ao entardecer, e gostam de sal no jantar.”

Quando Bond saiu do chuveiro, Quarrel apareceu com uma velha garrafa

de remédio e passou um líquido marrom, que cheirava a creolina, nas mordidas.

“A gente tem mais mosquitos pólvora e borrachudos nas ilhas Cayman do que em qualquer outro lugar do mundo”, falou, “mas não nos incomodam desde que tenhamos este remédio”.

Os dez minutos de crepúsculo tropical trouxeram sua breve melancolia. Depois as estrelas e a lua em quarto crescente começaram a brilhar, e o mar se reduziu a um sussurro. Houve uma curta calmaria entre os dois grandes ventos da Jamaica e, em seguida, as palmeiras voltaram a murmurar.

Quarrel fez um gesto da cabeça em direção à janela.

“O vento *Papa-Defunto*”, comentou.

“Como assim?”, perguntou Bond, espantado.

“Vento terral, como dizem os marinheiros”, acrescentou Quarrel. “O Papa-Defunto sopra, expulsando o ar ruim da ilha durante a noite, das seis às seis da manhã. Em seguida, o ‘vento Médico’ chega, soprando o ar fresco do mar para a ilha. Pelo menos é assim que os chamamos na Jamaica.”

Quarrel olhou perplexo para Bond.

“Acho que Papa-Defunto e você têm praticamente a mesma tarefa, capitão”, comentou, meio brincando.

Bond deu uma breve risada. “Ainda bem que não preciso respeitar o mesmo horário”, respondeu.

Lá fora os grilos e as pererecas começaram a cicizar e coaxar, e as grandes mariposas forçavam as telas das janelas, onde se agarravam, olhando, em um êxtase agoniado, para as duas lamparinas a óleo penduradas em duas travessas dentro de casa.

Uma vez ou outra dois pescadores, ou um grupo de garotas aos risinhos, iam andando até a praia a caminho do único e pequeno bar na ponta da baía. Ninguém andava sozinho, com medo dos lobisomens sob as árvores, ou do garrote rolador, animal terrível que vinha de encontro às pessoas rolando pelo chão, com as pernas presas por correntes e botando fogo pelas ventas.

Enquanto Quarrel preparava uma refeição suculenta de peixe, ovos e legumes que haveria de se tornar a dieta regular de ambos, Bond sentou-se sob a luz e debruçou-se sobre os livros que Strangways pegara emprestado do Instituto Jamaicano. Livros sobre o mar tropical e seus habitantes, por Beebe e Allyn, e outros, sobre caça submarina, de Cousteau e Hass. Quando partisse

para atravessar aqueles trezentos metros de mar, estava determinado a fazê-lo com todo o conhecimento possível, sem confiar no acaso. Conhecia a capacidade de Mr. Big e apostava que as defesas da ilha da Surpresa seriam tecnicamente brilhantes. Achou que não se resumiriam a explosivos e armas. Mr. Big precisava trabalhar sem ser incomodado pela polícia. Precisava permanecer fora do alcance da lei. Bond supunha que as forças do mar haviam sido, de certo modo, domesticadas para fazer o trabalho de Mr. Big, e era sobre essas que Bond se concentrava: o assassinato por meio de tubarões e barracudas, talvez polvos e jamantas.

Os fatos expostos pelos naturalistas eram medonhos e horripilantes, mas as experiências de Cousteau no Mediterrâneo e de Hass, no mar Vermelho, eram mais animadoras.

Naquela noite Bond teve muitos sonhos de encontros aterrorizantes com polvos gigantes e raias-lixas, tubarões cabeça de martelo e barracudas de dentes serrilhados, de modo que gemeu e souou durante o sono.

No dia seguinte começou a se exercitar, sob o olhar crítico de Quarrel. Toda manhã nadava mil e seiscentos metros na praia antes do café da manhã e corria pela areia firme até o chalé. Lá pelas nove partiam em uma canoa, cuja única vela triangular os transportava rápido até a baía Sangrenta e Orange Bay, onde a areia termina em penhascos e pequenas cavernas, e o recife se aproxima da costa.

Ali deixavam a canoa na praia e Quarrel o levava, com fisgas, máscaras e um velho arpão submarino, em expedições de tirar o fôlego, no tipo de mar que ele encontraria na baía dos Tubarões.

Pescavam em silêncio, separados por poucos metros, com Quarrel se movendo com facilidade em um elemento no qual quase se sentia em casa.

Não demorou para que Bond aprendesse a não lutar contra o mar, e sim ceder e aproveitar as correntes e os rodamosinhos, usando táticas de judô dentro d'água.

No primeiro dia chegou em casa cortado e envenenado pelo coral e com uma dúzia de espinhos de ouriço espetados em seu flanco. Quarrel sorriu e tratou as feridas com mertiolato e Milton. Depois, como fazia toda noite, massageou Bond por meia hora com óleo de coco, enquanto ia falando em voz baixa sobre os peixes que haviam encontrado naquele dia, explicando os hábitos dos carnívoros e não carnívoros, a camuflagem dos peixes e seu modo de mudar de cor através da corrente sanguínea.

Ele também jamais ouvira falar de peixe algum que atacasse o homem, a

não ser em desespero ou porque havia sangue na água. Explicou que os peixes raramente passam fome nas águas tropicais e que a maioria de suas armas é defensiva, e não ofensiva. A única exceção, admitia, era a barracuda. “Peixes maus”, conforme dizia, que não conheciam o medo, já que não possuíam outro inimigo que não a doença, capazes de atingir oitenta quilômetros por hora em distâncias curtas, e donos dos dentes mais perigosos do que os de qualquer outro peixe de mar.

Um dia alvejaram uma de dez quilos que nadava em volta deles, sumindo na distância cinzenta e depois reaparecendo, silenciosa, imóvel, quase em cima da água, com seus olhos zangados de tigre fitando-os de muito perto, de modo que podiam ver o lento funcionamento de suas guelras e os dentes brilhando, como as presas de um lobo, ao longo da queixada cruel e prognata.

Quarrel finalmente pegou o arpão de Bond e alvejou-a gravemente, atravessando sua barriga aerodinâmica. Ela veio diretamente em cima deles, com as mandíbulas escancaradas, como uma cascavel pronta para o bote. Bond deu uma fígada desajeitada quando ela investia contra Quarrel. Errou, mas o arpão entrou pelas suas mandíbulas. Elas se fecharam imediatamente sobre o espeto de aço, e quando o peixe arrancou a fígada da mão de Bond, Quarrel apunhalou-a com a faca e ela enlouqueceu, correndo dentro d’água com as entranhas à mostra, a fígada presa entre os dentes e o arpão pendente do corpo. Quarrel mal podia segurar a linha enquanto o peixe procurava retirar a ponta que lhe atravessava a barriga. Mas seguiu-o nadando em direção a um recife submerso, no qual subiu, puxando lentamente o peixe.

Depois que Quarrel cortou as guelras e retirou a fígada de suas mandíbulas, encontraram as marcas profundas dos dentes no aço.

Levaram o peixe para a praia, Quarrel cortou sua cabeça e abriu a bocarra com um pedaço de pau. A mandíbula superior se erguia quase em ângulo reto em relação à inferior, revelando fantásticas fileiras de dentes, tão abundantes que se sobrepunham como telhas no telhado. Até mesmo a língua tinha várias fileiras de pequenos dentes afiados e curvos e, na frente, duas presas enormes, que se projetavam para a frente como as de uma serpente.

Embora só pesasse pouco mais que cinco quilos, passava de um metro e trinta centímetros, uma bala niquelada só de músculo e tecido firme.

“Não vamos matar mais barracudas”, comentou Quarrel. “Mas se não fosse por você eu teria que passar um mês no hospital e talvez perder meu rosto. Foi uma tolice minha. Se a gente tivesse nadado em sua direção, ela teria fugido. Sempre fazem isso. São covardes como todos os peixes. Não se

preocupe com esses aqui”, apontou para os dentes, “jamais tornará a vê-los”.

“Espero que não”, desabafou Bond. “Não tenho rosto sobressalente.”

No fim de uma semana Bond estava bronzeado e rijo. Cortara os cigarros para dez por dia e não tomara sequer um drinque. Consequia nadar três quilômetros sem cansar, a mão estava completamente sarada e ele havia eliminado todas as sequelas da vida urbana.

Quarrel se alegrou. “Você está pronto para a ilha da Surpresa, capitão”, disse, “e eu não gostaria de ser o peixe que tentasse devorá-lo”.

Ao entardecer do oitavo dia, voltaram para a casa de descanso e encontraram Strangways à espera deles.

“Tenho boas notícias para lhe dar”, disse. “Seu amigo Felix Leiter vai ficar bom. Apesar de tudo, não morrerá. Precisaram amputar o resto de um braço e de uma perna. Os cirurgiões plásticos começaram agora a reconstruir o rosto. Ligaram para mim ontem de St. Petersburg. Parece que ele insistiu em lhe mandar um recado. Foi a primeira coisa que lhe veio à cabeça quando voltou a si. Disse que sente muito não poder estar aqui e para você não molhar os pés — ou pelo menos não molhá-los tanto como ele.”

O coração de Bond ficou apertado. Olhou pela janela. “Diga a ele para se restabelecer logo”, disse abruptamente. “E também que sinto a sua falta.” Voltou os olhos para a sala. “E quanto ao equipamento? Tudo bem?”

“Está tudo aqui”, respondeu Strangways, “e o *Secatur* zarpa amanhã para a ilha da Surpresa. Depois de passar pela alfândega em Port Maria, devem lançar âncora antes do anoitecer. Mr. Big está a bordo — é só a segunda vez que veio aqui. Ah, e trouxe uma mulher. Uma garota chamada Solitaire, de acordo com a CIA. Sabe alguma coisa sobre ela?”

“Não muito”, respondeu Bond. “Mas gostaria de tirá-la dele. Ela não pertence ao seu time.”

“Uma espécie de donzela em apuros”, disse o romântico Strangways. “Pois é. De acordo com a CIA, ela é uma graça.”

Mas Bond fora para a varanda e olhava as estrelas. Jamais tivera de brigar por um cacife tão alto na vida. O segredo do tesouro, a derrota de um grande criminoso, o esmagamento de um círculo de espionagem comunista e a destruição de um tentáculo da SMERSH, a cruel engrenagem que constituía seu próprio alvo particular. E agora Solitaire, a maior das recompensas pessoais.

As estrelas piscavam no seu Morse cifrado e ele não possuía chave alguma para decifrar o seu código.

18.

BEAU DESERT

Strangways voltou sozinho depois do jantar e Bond decidiu que eles partiriam ao amanhecer. O inglês deixou uma nova pilha de livros e panfletos sobre tubarões e barracudas, que Bond estudou com grande atenção.

Pouco acrescentou ao conhecimento prático que aprendera com Quarrel. Os autores eram todos cientistas e grande parte dos dados era sobre ataques ocorridos nas praias do Pacífico, onde qualquer corpo que brilhasse na arrebentação pesada excitaria a curiosidade dos peixes.

Mas parecia haver uma concordância geral que o perigo para os mergulhadores submarinos com aqualungs era muito menor do que para os nadadores de superfície. Estes podiam ser atacados por qualquer representante da família dos tubarões, especialmente quando o tubarão era estimulado e excitado pela presença de sangue no mar, pelo cheiro da vítima ou pela vibração sensorial causada por alguém ferido na água. Mas às vezes podiam ser espantados, segundo a literatura, por barulhos altos dentro d'água — até mesmo por gritos sob a superfície, e muitas vezes fugiam quando perseguidos pelo nadador.

A fórmula mais bem-sucedida de repelente de tubarões era, segundo os testes dos laboratórios de pesquisa naval da marinha americana, uma combinação de acetato de cobre e um corante preto chamado nigrosina, que vinha sendo adicionada, sob a forma de pelotas, aos coletes salva-vidas de todas as forças armadas dos Estados Unidos.

Bond chamou Quarrel. O ilhéu de Cayman não acreditara, até que Bond lesse para ele o que o Departamento Naval tinha a dizer sobre suas pesquisas, no final da guerra, sobre os bandos de tubarões estimulados por uma situação descrita como “condições exacerbadas de comportamento grupal”: “... os tubarões eram atraídos para a popa do barco de pesca de camarões, com refugio de peixes”, leu Bond. “Os tubarões apareceram sob a forma de um cardume exasperado, espadanante. Preparamos uma tina com peixes frescos, e outra com peixes misturados ao pó repelente. Aproximamo-nos do cardume e o fotógrafo começou a rodar a câmera. Despejei os peixes frescos por trinta

segundos, repetindo três vezes esse procedimento. Da primeira vez os tubarões demonstraram grande ferocidade ao se alimentar dos peixes frescos bem na popa do barco. Mas ficaram devorando-os só durante cinco segundos depois que o pó repelente foi jogado ao mar. Uns poucos voltaram depois que jogamos peixe fresco imediatamente após o repelente. Em uma segunda tentativa, trinta minutos depois, um cardume feroz se alimentou durante os trinta segundos em que lhe fornecemos peixe fresco, mas se afastou assim que o repelente foi jogado na água. Na terceira tentativa, só conseguimos atrair os tubarões até uma distância de vinte metros da popa do barco.”

“O que acha disso?”, perguntou Bond.

“É melhor arranjar um pouco desse negócio”, respondeu Quarrel a contragosto, mas impressionado.

Bond estava disposto a concordar. Washington havia mandado mensagem de que as bolas do material estavam a caminho. Mas ainda não tinham chegado e não eram esperadas antes de quarenta e oito horas. Se o repelente não chegasse, não seria problema para Bond. Não imaginava encontrar condições tão perigosas no seu percurso submarino até a ilha.

Antes de ir para a cama, chegara à conclusão de que nada o atacaria se não houvesse sangue na água, ou se ele não parecesse amedrontado diante da ameaça de algum peixe. Quanto aos polvos, peixes-escorpião e moreias, simplesmente precisava tomar cuidado onde punha os pés. Para ele, os espinhos de sete centímetros do ouriço eram o maior perigo para as atividades submarinas nos trópicos, mas a dor que causavam não bastaria para interferir em seus planos.

Partiram antes das seis da manhã e chegaram a Beau Desert às dez e meia.

A propriedade era uma bela plantação antiga de cerca de quatrocentos hectares, com as ruínas da bela casa grande dominando a baía. Era dedicada ao cultivo de pimentões e cítricos, e cercada de madeiras de lei e palmeiras, e sua história remontava à época de Cromwell. O nome romântico estava em moda no século dezoito, quando as propriedades jamaicanas se chamavam Bellair, Bellevue, Boscobel, Harmony, Nymphenburg, ou eram batizadas de Panorama, Satisfação, Repouso.

Uma trilha entre as árvores, que não era visível da ilha na baía, levava à pequena casa de praia. Depois dos piqueniques semanais na baía de Manatee, os banheiros e a mobília confortável de bambu pareciam um luxo, e os tapetes de cores vivas pareciam de veludo sob os pés calejados de Bond.

Pelas rótulas das janelas Bond contemplou o pequeno jardim flamejante de hibiscos, buganvílias e roseiras, que acabava no minúsculo crescente de areia branca, meio tapado pelos troncos das palmeiras. Sentou-se no braço de uma poltrona e deixou que seu olhar passeasse, palmo a palmo, pelos diferentes azuis e marrons do mar e dos recifes, até morrer na base da ilha. A metade superior estava obscurecida pelos leques das plumas das palmeiras em primeiro plano, mas o pedaço de penhasco vertical dentro de seu campo de visão parecia cinzento e formidável na meia sombra projetada pelo sol forte.

Quarrel preparou o almoço em um fogareiro a álcool, de modo que nenhuma fumaça os denunciasse, e de tarde Bond fez uma sesta e depois examinou o equipamento enviado de Londres e trazido de Kingston por Strangways. Experimentou a roupa de mergulho de borracha fina que o cobria, desde a máscara apertada na cabeça com o óculo de vidro temperado, até as longas nadadeiras em seus pés. Tudo cabia como uma luva, e Bond louvou a eficiência do setor “Q” de M.

Testaram os cilindros duplos de mil litros de ar natural comprimido a duzentas atmosferas, e Bond achou fácil o funcionamento das válvulas de distribuição de ar e de reserva, à prova de acidentes. Na profundidade em que agiria, aquele volume dava para durar quase duas horas.

Havia uma nova espingarda submarina potente, marca Champion, e uma faca projetada pela Wilkinson para os comandos durante a guerra. Finalmente, em uma caixa coberta de avisos de perigo, estava a pesada mina naval, um cone de fundo achatado, repleto de explosivos, montado sobre uma base cheia de largas saliências de cobre, tão imantadas que a mina grudava como um marisco em qualquer casco metálico. Havia uma dúzia de detonadores de metal e de vidro, parecidos com lápis, com temporizadores que iam de dez minutos até oito horas, e um meticuloso livrinho de instruções, tão simples quanto o próprio equipamento. Havia até uma caixa de cápsulas de benzedrina para dar resistência e aguçar a percepção de Bond durante a tarefa, e várias lanternas submarinas, inclusive uma que projetava apenas um feixe da largura de um lápis.

Bond e Quarrel testaram tudo, acoplamentos, contatos, até se darem por satisfeitos e concluírem que não restava mais nada a ser feito. Em seguida, Bond desceu até o meio das árvores e observou as águas da baía, calculando as profundidades, traçando rotas para percorrer a passagem pelo recife e prevendo a trajetória da lua, que seria sua única referência no decorrer da tortuosa travessia.

Às cinco horas chegou Strangways com notícias do *Secatur*.

“Passaram por Port Maria”, informou. “Chegarão aqui dentro de dez minutos, no máximo. Mr. Big tem um passaporte com o nome de Gallia e a garota com o nome de Latrelle. Ela está na sua cabine, mareada, segundo o capitão negro do *Secatur*. É possível. Há uma porção de tanques de peixe a bordo. Mais de cem. Exceto isso, nada que levantasse suspeita, e foram liberados. Eu queria ir a bordo como parte da turma da alfândega, mas achei melhor deixar que o espetáculo se desenrolasse de modo absolutamente normal. Mr. Big permaneceu na sua cabine. Estava lendo quando foram verificar seus documentos. Como está o equipamento?”

“Perfeito”, respondeu Bond. “Acho que agiremos amanhã à noite. Espero que haja um pouco de vento. Se descobrirem as bolhas de ar, estaremos em apuros.”

Quarrel entrou, avisando: “O iate está passando pelo recife agora, capitão.”

Foram até a máxima distância que podiam arriscar ir, na praia, e assestaram os seus binóculos na direção do barco.

Era uma bela embarcação, negra, com uma superestrutura cinza, setenta pés de comprimento e construída em função da velocidade — de pelo menos vinte nós, imaginou Bond. Conhecia sua história. Havia sido construída para um milionário em 1947, era movida por dois motores a diesel da General Motors, tinha casco de aço e todas as geringonças de comunicação de último tipo, inclusive telefone do barco para a terra e um navegador Decca. Trazia hasteados um pavilhão vermelho nos vaus dos joanetes e a bandeira americana à popa, e progredia a três nós através da abertura de sete metros no recife.

Virou abruptamente, depois de romper a passagem, e rumou para a parte da ilha a bombordo. Ao mesmo tempo, três negros em calças brancas de brim desceram correndo a escada íngreme até o molhe estreito e se posicionaram para amarrar as guias. Foram necessárias poucas manobras para prendê-las, diante dos observadores em terra firme, e as duas âncoras foram arriadas ruidosamente, entre as pedras e o coral na areia do fundo, junto à base da ilha. O barco estava bem protegido, até mesmo do vento norte. Bond calculou uma profundidade de sete metros sob a sua quilha.

Enquanto observavam, a enorme figura de Mr. Big surgiu no convés. Desembarcou no molhe e começou a subir lentamente a escadaria a prumo. Parou várias vezes, e Bond pensou na dificuldade que seu coração avariado teria para bombear o sangue naquele corpanzil preto acinzentado.

Seguiam-no dois tripulantes negros carregando uma maca leve, levando um corpo humano amarrado. Pelos binóculos, Bond reconheceu os cabelos negros de Solitaire. Ficou perplexo e preocupado, sentiu um aperto no coração diante daquela proximidade. Rezou para que a maca fosse apenas uma precaução para evitar que Solitaire fosse reconhecida da costa.

Em seguida, formou-se uma fila de doze homens na escadaria e os tanques de peixe foram sendo passados de um para outro. Quarrel contou cento e vinte.

Depois, alguns gêneros foram levados para cima da mesma maneira.

“Não está trazendo muita coisa desta vez”, comentou Strangways, depois da operação terminada. “Somente uma dúzia de caixotes. Geralmente são cinquenta. Não deve ficar muito tempo.”

Mal acabara de falar quando um tanque de peixe, que seus binóculos mostravam estar meio cheio de água e areia, desceu cuidadosamente de volta ao barco, por meio daquela escada feita de mãos. Em seguida outro, e mais outro, a intervalos de cinco minutos.

“Meu Deus”, exclamou Strangways. “Já estão carregando o barco. O que significa que deverão zarpar pela manhã. Será que resolveram liquidar as operações na ilha e este será seu último carregamento?”

Bond observou com cuidado e depois subiram em silêncio através do arvoredor, deixando Quarrel atrás para se manter a par dos acontecimentos.

Sentaram-se na sala, e enquanto Strangways preparava um uísque com soda para ele mesmo, Bond olhava pela janela e organizava seus pensamentos.

Eram seis horas e os vagalumes começaram a aparecer na penumbra. A lua, de um amarelo pálido, já ia alta no lado do oriente, e o dia morria rápido às suas costas. Uma brisa ligeira encrespava a baía e pequenas ondas quebravam na praia branca no final do gramado. Pequenas nuvens rosa e alaranjadas, ao poente, vagavam nas alturas, e as folhas das palmeiras se esbarravam de mansinho no vento fresco do Papa-Defunto.

“Vento Papa-Defunto”, pensou Bond, sorrindo de esguelha. Tal como teria de ser esta noite. Era a única chance, e as condições quase perfeitas. Só o repelente de tubarões é que não chegaria a tempo. Mas isso era apenas um requinte. Não poderia ser um pretexto. Era para isto que ele viajara três mil quilômetros e matara cinco. No entanto, sentiu um calafrio ao prever a aventura submarina angustiante, que ele já havia transferido em sua mente

para o dia seguinte. De repente sentiu ódio e medo do mar e de tudo que lhe dizia respeito. Dos milhões de pequenas antenas que se mexeriam e o seguiriam quando ele passasse de noite, dos olhos que acordariam para espíá-lo, das batidas de coração que falhariam por um centésimo de segundo para continuar batendo silenciosamente, das gavinhas gelatinosas que se estenderiam em sua direção, tão cegas na luz quanto no escuro.

Iria passar no meio de milhares de segredos. No espaço de trezentos metros, sozinho e com frio, transporia às cegas uma floresta misteriosa em direção a uma cidadela mortífera, cujos guardas já haviam matado três homens. Ele, Bond, depois de uma semana ensolarada de canoagem com sua babá ao lado, ia esta noite, dentro de poucas horas, caminhar sozinho sob aquele lençol escuro de água. Era uma maluquice, algo impensável. Seu corpo se encolheu e ele cravou os dedos nas palmas da mão molhadas.

Houve uma batida na porta e Quarrel entrou. Bond se alegrou de poder levantar da cadeira, se afastar da janela e se aproximar do lugar onde Strangways apreciava seu drinque, debaixo de um abajur.

“Estão trabalhando à luz de lampiões agora, capitão. Um tanque ainda a cada cinco minutos. Calculo que terão dez horas de trabalho. Acabarão mais ou menos às cinco da manhã. Não zarparão antes das seis. É perigoso demais tentar passar pelo canal sem luz suficiente.”

Os olhos cinzentos e amistosos de Quarrel, naquele esplêndido rosto cor de mogno, fitavam Bond, aguardando ordens.

“Começarei às dez em ponto”, Bond se surpreendeu com as próprias palavras. “Das pedras à esquerda da praia. Pode nos fazer um jantar e depois levar o equipamento até o gramado? As condições estão perfeitas. Chegarei lá dentro de meia hora.” Contou nos dedos. “Dê-me os detonadores de cinco e de oito horas. E o de quinze minutos, como reserva, caso algo saia errado. Está certo?”

“Sim senhor, capitão”, respondeu Quarrel. “Pode deixar comigo.”

E saiu.

Bond olhou para a garrafa de uísque e, em seguida, se decidiu, servindo-se de meio copo em cima de três cubos de gelo. Tirou a caixa de benzedrina do bolso e botou um tablete entre os dentes.

“À sorte”, disse a Strangways, tomando um grande gole. Sentou-se apreciando o gosto áspero de seu primeiro drinque em mais de uma semana. “Agora”, perguntou, “diga exatamente o que eles fazem quando estão prontos

para zarpar. Levam quanto tempo para se afastar da ilha e passar pelo recife? Se esta for a última vez, não se esqueça de que estarão levando seis homens adicionais e algumas provisões. Vamos tentar prever isso o mais exatamente possível.”

Um momento depois Bond já mergulhara em um mar de detalhes práticos, e a sombra do medo recuara até as zonas de escuridão debaixo das palmeiras.

Exatamente às dez horas, sem sentir nada além da excitação e da expectativa, a figura preta e lúida como um morcego pulou das pedras dentro de três metros de água, sumindo debaixo do mar.

“Vá com segurança”, disse Quarrel, dirigindo-se ao ponto em que Bond desaparecera. Persignou-se. Em seguida, ele e Strangways voltaram para casa, por entre as sombras, para dormir em turnos, sobressaltados, aguardando, temerosos, o desenrolar dos acontecimentos.

19.

O VALE DAS SOMBRAS

Bond foi levado direto ao fundo pelo peso da mina naval que prendera a seu peito através de fitas, e pelo cinto de chumbo, usado para corrigir a flutuabilidade dos cilindros.

Sem hesitar um instante, cobriu imediatamente os primeiros cinquenta metros de areia do fundo em um rápido *crawl*, com o rosto pouco acima do leito. As longas nadadeiras quase teriam dobrado sua velocidade normal, não fosse o estorvo do peso que carregava e da leve espingarda de arpão na mão esquerda. Mas avançava depressa e em menos de um minuto parou para descansar na sombra de um grande maciço de coral.

Parou e estudou suas sensações.

Estava aquecido na roupa de mergulho, sentindo mais calor do que se estivesse nadando ao sol. Achou que seus movimentos lhe vinham com facilidade e a respiração era perfeitamente simples, desde que fosse regular e descontraída. Contemplou as bolhas denunciadoras subindo rente ao coral em um repuxo de pérolas prateadas e rezou para que as pequenas ondas as encobrissem.

No espaço desimpedido, sua visibilidade era perfeita. A luz era leitosa e macia, mas não suficientemente forte para dissolver as sombras encarneiradas das ondas na superfície, que enxadrezavam a areia do fundo. Agora, junto ao recife, não havia reflexos no leito do mar, e as sombras sob as pedras eram negras e impenetráveis.

Arriscou uma olhada rápida com a lanterna fina, e imediatamente a paisagem oculta da massa marrom dos arbustos de coral ganhou vida. Anêmonas de miolo carmesim acenavam para ele com seus tentáculos de veludo, uma colônia de ouriços eriçou seus espinhos de aço de Toledo, subitamente assustada, e uma centopeia do mar peluda estacou sua centena de passos, inquirindo-o com sua cabeça cega. Na areia da base da árvore de coral, um peixe-sapo recolheu delicadamente sua horrível cabeça verrugosa de volta à loca, e uma porção de vermes do mar, parecidos com flores,

desapareceu em seus tubos gelatinosos. Um cardume de peixes-borboleta e peixes-anjo, coloridos como joias, flertava na luz. Bond distinguiu a forma chata e espiralada de uma estrela-do-mar de grandes pontas.

Bond enfiou a lanterna de volta no cinto.

Acima dele a superfície do mar era uma colcha de mercúrio. Ouvia-se um crepitar baixinho, como gordura fritando na frigideira. Adiante, o luar mergulhava no vale irregular e profundo, cujas encostas afundavam, se afastando da rota que ele devia seguir. Abandonou sua aconchegante árvore de coral e avançou lentamente. Agora não mais com a mesma facilidade. A luz era fraca e enganosa, e a floresta petrificada do recife de coral cheia de becos sem saída e caminhos tentadores, porém ilusórios.

Às vezes era obrigado a subir quase à superfície para transpor o emaranhado de algum arbusto de coral, e quando isso acontecia, aproveitava para verificar sua posição pela lua que brilhava como uma pálida descarga de foguete, no final do caminho que abria na água. Às vezes a cintura de ampulheta de um rochedo de coral lhe fornecia abrigo, e ele podia descansar por alguns instantes, sabendo que as pequenas borbulhas do respirador ficariam escondidas pela saliência acima da superfície. Então concentrava seu olhar nos rabiscos fosforescentes da minúscula vida noturna submarina e distinguia colônias e populações inteiras às voltas com suas atividades microscópicas.

Não havia peixes grandes nas imediações, mas muitas lagostas fora de suas locas, parecendo bichos enormes e pré-históricos, graças ao efeito de ampliação da água. Seus olhos saltados e vermelhos o fitavam, e suas longas antenas de trinta centímetros pediam-lhe uma senha. Em alguns momentos recuavam nervosamente para seus abrigos, levantando areia com suas caudas potentes, agachadas nas pontas de seus oito pés peludos, à espera de o perigo passar. Certa vez os grandes filamentos de uma caravela passaram flutuando lentamente. Quase tocaram sua cabeça a partir da superfície, cinco metros acima, e ele lembrou a queimadura causada pelo contato com uma delas, que ardera por três dias durante a temporada em Manatee Bay. Se atingisse alguém na altura do coração, poderia ser mortal. Ele viu inúmeras moreias verdes e pintadas, estas últimas se movendo como grandes serpentes pretas e amarelas ao longo da areia do fundo, as verdes mostrando os dentes de dentro de algum buraco na pedra, e vários baiacus, como corujas castanhas, com seus enormes e plácidos olhos verdes. Espetou um deles com a extremidade de sua arma e ele inchou até ficar do tamanho de uma bola de futebol, tornando-se uma massa de perigosos espinhos brancos. Largas gorgônias balançavam,

fazendo gestos convidativos nos rodamoinhos, refletindo o luar nos vales cinzentos, acenando fantasmagóricas, como restos das mortalhas de homens sepultados no mar. Muitas vezes Bond distinguia nas sombras movimentos pesados e misteriosos, águas revoltas e o súbito brilho de olhos grandes, que imediatamente se extinguíam. Então, virava-se, destravando o arpão, olhando fixamente o escuro. Mas não atirou em nada e nada o atacou enquanto subia e deslizava pelo recife.

Levou quinze minutos para percorrer cem metros do coral. Depois disso descansou em um pedaço redondo de coral esponjoso, abrigado por um último pedaço de recife. Alegrou-se por só ter de enfrentar uns cem metros de água cinza-claro. Ainda se sentia descansado, conservando a elação e a clareza de espírito provocadas pela benzedrina, mas o labirinto de perigos que enfrentara para atravessar o recife o tinha cansado e causado uma preocupação constante, além do temor de rasgar a roupa de borracha. Agora a floresta de corais afiados como navalhas já havia sido ultrapassada, para ceder lugar aos tubarões e às barracudas, ou talvez à súbita banana de dinamite jogada no meio da sua pequena flor de borbulhas na superfície.

Foi enquanto calculava os perigos ainda por enfrentar que o polvo agarrou-o. Em volta dos dois tornozelos.

Estava sentado com os pés na areia, quando de repente foram presos na base do cogumelo redondo de coral sobre o qual descansava. Quando compreendeu o que tinha acontecido, um tentáculo começou a serpentear pela sua perna acima, e outro, roxo na luz fraca, desceu pela nadadeira esquerda.

Teve um sobressalto de terror e repugnância, levantando-se de imediato, esfregando os pés, esforçando-se por se libertar. Mas não houve afrouxamento de um centímetro sequer, e os movimentos de Bond deram ao polvo a oportunidade de apertar e puxar os calcanhares mais ainda sob a saliência da pedra redonda. A força do bicho era prodigiosa, e Bond sentiu que perdia rapidamente o equilíbrio. Percebeu que num instante seria jogado no chão e aí, atrapalhado pela mina em seu peito e o cilindro nas costas, talvez fosse quase impossível atacar o polvo.

Bond tirou a faca do cinto e espetou entre suas pernas. Mas a saliência da rocha o atrapalhou, e ele ficou apavorado de cortar sua roupa de mergulho. De repente foi derrubado, caindo deitado na areia. De imediato seus pés começaram a ser puxados para dentro de uma larga fenda lateral debaixo da pedra. Esgaravatou a areia e tentou se dobrar para poder ter acesso à faca. Porém, a grande protuberância da mina em seu peito impediu-o de fazê-lo. À beira do pânico, lembrou-se do arpão. Antes não lhe dera importância,

achando que era uma arma inútil naquela pequena distância, mas agora era a sua única chance. Permanecia na areia onde o deixara. Pegou-o e destravou-o. A mina impediu-o de fazer mira. Escorregou o cano ao longo das pernas e cutucou cada pé com a ponta do arpão para descobrir a distância entre eles. Um tentáculo agarrou imediatamente a ponta de aço e começou a puxar. A arma escorregou entre seus pés aprisionados e ele apertou o gatilho às cegas.

Uma grande nuvem de tinta viscosa e pegajosa saiu em rolos da fenda, em direção a seu rosto. Mas uma perna estava livre, em seguida a outra, e ele se aprumou e pegou o cabo do arpão de um metro, no local em que já ia desaparecendo sob a rocha. Puxou e forcejou até que, com um esgarçar de tecidos, conseguiu tirar a arma de dentro da névoa negra que envolvia o buraco. Ofegante, levantou-se e se afastou da rocha, com suor escorrendo pelo rosto, sob a máscara. Acima dele, a fieira prateada de bolhas subiu direto à superfície, e ele praguejou contra aquele animal barrigudo, ferido em seu abrigo.

Mas não podia perder tempo se preocupando com ele. Recarregou a arma e partiu com a lua sobre o seu ombro direito.

Agora avançava bem através da água cinzenta e enevoadada, concentrando-se em manter o rosto apenas alguns centímetros acima da areia, com a cabeça bastante baixa para reduzir o atrito de seu corpo com a água. A certa altura, viu, de relance, uma raia-lixá do tamanho de uma mesa de pingue-pongue se desviar habilmente de seu caminho, batendo as asas pontudas e manchadas, como um pássaro, e arrastando atrás de si sua cauda farpada. Não lhe deu atenção, lembrando-se do que Quarrel dissera: que as raias jamais atacam a não ser em autodefesa. Calculou que ela provavelmente viera dos recifes externos para botar seus ovos — ou “bolsas de sereias”, como chamavam os pescadores, porque têm a forma de um travesseiro com dois fios pretos e rígidos em cada canto — no fundo abrigado de areia.

Muitos vultos de peixes grandes nadavam preguiçosamente sobre a areia enluarada, alguns do seu tamanho. Quando um deles seguiu Bond por pelo menos um minuto, ele levantou os olhos, distinguindo a barriga branca de um tubarão cinco metros acima dele, como um zepelim afunilado verde e azul. Seu nariz arredondado estava mergulhado com curiosidade na coluna de bolhas de ar. O grande rasgo em forma de foice de sua boca parecia uma cicatriz repuxada. Virou de lado e olhou para ele embaixo com um olhar duro e rosado e, em seguida, abanou sua cauda, também em forma de foice, e se afastou devagar dentro do muro de névoa cinzenta.

Bond amedrontou uma família de polvos, pesando de três quilos aos

cento e cinquenta gramas de um filhote, frágil e luminoso à meia-luz, suspensa quase na vertical em um cordão declinante. Eles se endireitaram e fugiram rápido, a propulsão a jato.

Bond descansou por um instante na metade do caminho e então prosseguiu. Agora havia barracudas por ali, grandes, de até nove quilos. Pareciam tão mortíferas quanto as recordações que tinha delas. Planavam acima dele como submarinos prateados, olhando para baixo com seus olhos de tigre zangado. Sentiam curiosidade a seu respeito e a respeito das bolhas, e seguiram-no por cima e em torno dele, como uma alcateia de lobos silenciosos. Quando Bond encontrou o primeiro pedaço de coral, indício de que se aproximava da ilha, havia cerca de vinte delas se movendo em silêncio, vigilantes, saindo e entrando da parede opaca que o envolvia.

A pele de Bond se encolheu debaixo da roupa de borracha, mas ele não podia fazer nada a respeito delas e concentrou-se em sua meta.

De repente havia uma longa forma metálica suspensa acima dele na água. Atrás dela um monte de pedras quebradas que subiam de maneira íngreme.

Era a quilha do *Secatur*, e o coração de Bond deu um pulo no peito.

Consultou seu Rolex. Eram onze e três. Escolheu o detonador de sete horas do punhado que tirou de um bolso lateral com zíper, inserindo-o na cavidade apropriada da mina, apertando-o. Enterrou na areia o restante dos detonadores, de modo que, se fosse capturado, ninguém desconfiaria da existência da mina.

Ao nadar em direção à superfície, carregando a mina entre as mãos, com a base para cima, percebeu um rebuliço na água atrás dele. Uma barracuda passou depressa, com as mandíbulas meio abertas, quase colidindo com ele e com os olhos fixos em algo às suas costas. Mas Bond estava concentrado apenas no meio da quilha do barco, em um ponto pouco mais de um metro acima da superfície.

A mina quase o arrastou pelos últimos metros, pois seus enormes ímãs buscavam o beijo metálico com o casco. Bond precisou lutar contra eles para evitar o barulho do choque. Em seguida, tendo colocado a mina no lugar adequado e agora livre do seu peso, Bond precisou nadar com força para se contrapor à sua nova fluutuabilidade e afundar de novo, afastando-se da superfície.

Foi quando se virou para nadar em direção às duas hélices, a caminho do abrigo das pedras, que conseguiu ver as coisas terríveis que ocorriam às suas costas.

O bando enorme de barracudas parecia ter enlouquecido. Giravam e mordiam como cães histéricos. Três tubarões que haviam se juntado a eles arremetiam pela água com um frenesi pouco menor. A água fervilhava com esses peixes terríveis, e Bond levou um encontrão no rosto, recebendo outros tantos por várias vezes em uma distância de poucos metros. Percebeu que a qualquer momento sua pele de borracha se rasgaria, junto com a carne debaixo dela, e então o bando viria atrás dele.

“Condições exacerbadas de comportamento grupal.” A frase do Departamento Naval pipocou na sua mente. Era exatamente nesta situação que o repelente de tubarões poderia salvá-lo. Na sua ausência, teria talvez alguns minutos a mais de vida.

Em desespero, nadou espalhafatosamente, ao longo da quilha do barco, com o arpão destravado, que agora não passava de um brinquedo diante daquele bando de peixes canibais ensandecidos.

Alcançou as duas grandes hélices de cobre, agarrando-se a uma delas, ofegante, com os lábios formando um esgar de medo e os olhos arregalados, ao se dar conta do frenesi no mar fervilhante a seu redor.

Viu de repente que as bocas dos peixes que arremetiam furiosos estavam meio abertas e que eles mergulhavam e saíam de uma nuvem marrom, que se espalhava desde a superfície. Perto dele, uma barracuda se deteve por um instante, com algo marrom e reluzente nas suas mandíbulas. Engoliu de uma bocada, depois virou e voltou para a confusão.

Ao mesmo tempo, Bond notou que escurecia. Olhou para cima e percebeu, com uma nova compreensão, que a superfície de mercúrio do mar tornara-se vermelha, um horrível carmesim brilhante.

Fiapos dessa substância chegaram flutuando até seu alcance. Puxou-os com a extremidade de sua arma. Segurou-os contra sua máscara.

Não havia mais dúvida.

Alguém lá em cima atirava sangue e vísceras na superfície do mar.

20.

A CAVERNA DE MORGAN, O SANGUINÁRIO

Bond compreendeu de imediato o motivo de todas aquelas barracudas e tubarões estarem rondando a ilha, de como eram mantidos naquele frenesi voraz por esse banquete noturno, por que os três homens, desafiando todas as explicações plausíveis, haviam sido devolvidos à praia, meio devorados pelos peixes.

Mr. Big tinha apenas posto as forças do mar para trabalhar em seu proveito, utilizando-as para sua proteção. Era um invento típico — imaginativo, criativo, tecnicamente à prova de erro e fácil de pôr em prática.

No exato momento em que Bond compreendera isso tudo, algo lhe deu um terrível golpe no ombro e uma barracuda de dez quilos recuou, com carne e borracha preta entre as mandíbulas. Bond não sentiu dor, ao largar a hélice de bronze e nadar desesperadamente até as pedras, só uma náusea terrível na boca do estômago, ao pensar que um pedaço seu se encontrava entre aquelas centenas de dentes afiados como uma navalha. A água começou a vazar entre a borracha aderente e a sua pele. Não demoraria até chegar a seu pescoço e penetrar na máscara.

Já ia desistir e subir disparado pelos sete metros até a tona, quando viu uma larga fissura nas pedras diante dele. Ao lado havia um grande pedregulho tombado de lado e, de algum modo, ele conseguiu se esconder atrás dele. Virou-se, naquele abrigo precário, no momento exato em que a mesma barracuda investia outra vez, com o maxilar superior em ângulo reto em relação ao inferior, a boca escancarada pronta para o bote terrível.

Bond atirou quase às cegas com o arpão. As tiras de borracha dispararam cano abaixo e o arpão dentado pegou o grande peixe no centro da mandíbula superior erguida, atravessando-a e penetrando até a metade do cabo, com a linha ainda livre.

A barracuda estacou a um metro da barriga de Bond. Tentou fechar as mandíbulas e, em seguida, deu uma enorme sacudida na longa cabeça de

réptil. Depois se afastou em disparada, ziguezagueando loucamente, arrancando da mão de Bond o arpão e a linha, que arrastou atrás de si. Bond sabia que, antes de ela percorrer cem metros, os demais peixes a atacariam e a fariam em pedaços.

Deu graças a Deus por essa manobra diversiva. Seu ombro estava agora envolto por uma nuvem de sangue. Os outros peixes sentiriam o cheiro em questão de segundos. Contornou o pedregulho imaginando se arranjaría um meio de se abrigar debaixo do atracadouro, escondendo-se de algum modo acima da superfície da água, até pensar em outro plano.

Então viu a caverna que o pedregulho escondera.

Era de fato quase uma porta na base da ilha. Se Bond não estivesse nadando para salvar sua vida, poderia ter entrado nela andando. Mas, naquelas circunstâncias, mergulhou direto na abertura e só parou quando poucos metros o separavam de sua entrada bruxuleante.

Então ficou de pé na areia macia e acendeu a lanterna. Um tubarão talvez pudesse vir atrás dele, mas no espaço confinado seria quase impossível que o mordesse com sua boca situada muito embaixo. Com certeza não viria precipitadamente, porque até o tubarão tem medo de arriscar a pele entre as pedras, e Bond teria ampla oportunidade de procurar atingir seus olhos com a faca.

Bond iluminou o teto e os lados da caverna com a lanterna. Certamente fora modelada ou acabada pela mão do homem. Bond calculou que deveria ter sido escavada de dentro para fora, a partir de algum lugar no centro da ilha.

“Faltam pelo menos vinte metros para acabar, gente”, Morgan, o Sanguinário, deve ter dito aos feitores de escravos. E então as picaretas devem ter rompido de repente o resto da parede que ainda separava a caverna do mar, e uma confusão de pernas, braços e bocas gritando, sufocadas para sempre pela água, teriam sido arremessadas para trás contra a pedra, juntando-se aos cadáveres das demais testemunhas.

O grande pedregulho na entrada deve ter sido posicionado para vedar a saída para o mar. O pescador da baía dos Tubarões que desapareceu de repente, seis meses atrás, deve tê-la descoberto um dia. Fora afastada de sua posição original por alguma tempestade ou tsunami consecutivo a um tufão. Então descobrira o tesouro e percebera que precisava de ajuda para dispor dele. Um branco o enganaria. Melhor procurar o grande gângster negro no Harlem e fazer o melhor acordo que pudesse. O ouro pertencia aos negros que haviam morrido para escondê-lo. Deveria ser devolvido aos negros.

Ali de pé, balançando na correnteza do túnel, Bond imaginou mais um barril cimentado mergulhando no lodo do rio Harlem.

Foi então que ouviu os tambores.

Lá fora, entre os peixes grandes, ouvira uma leve trovoadas na água, que aumentara quando entrou na caverna. Mas julgara que eram apenas as ondas batendo na base da ilha e, de qualquer modo, tinha outras coisas em mente.

Mas agora podia distinguir um ritmo definido, e o som ribombava e crescia à sua volta, com um rufo abafado, como se o próprio Bond estivesse preso dentro de um vasto atabaque. A água parecia tremular por causa desse barulho. Ele imaginou o duplo objetivo do batuque. Era um grande chamado aos peixes, usado quando havia invasores, para atrair e excitá-los ainda mais. Quarrel lhe contara como os pescadores noturnos costumam bater nos lados da canoa com o remo para acordar e atrair os peixes. Aquilo deveria ser algo parecido. Ao mesmo tempo seria um aviso macabro do vodu para o pessoal da costa, duplamente eficaz quando algum cadáver era devolvido pelo mar no dia seguinte.

Mais um dos requintes de Mr. Big, pensou Bond. O batuque significava que ele fora descoberto. O que pensariam Strangways e Quarrel ao ouvi-lo? Seriam simplesmente obrigados a aguentar firme, sentados. Bond já havia percebido que os tambores eram algum truque e fizera os dois prometer que não iriam interferir, a não ser que o *Secatur* escapasse incólume. Pois isso significaria que todos os planos de Bond haviam fracassado. Ele contara a Strangways onde o ouro estava escondido, e neste caso o barco teria de ser interceptado em alto-mar.

Agora o inimigo fora alertado, mas não sabia quem era o invasor, nem se ele ainda estava vivo. Ele precisava prosseguir, nem que fosse para impedir por todos os meios que Solitaire embarcasse no iate condenado.

Bond consultou o relógio. Era meia-noite e meia. Para ele, poderia ter se passado uma semana desde que iniciara sua incursão pelo mar dos perigos.

Apalpou a Beretta sob a roupa de borracha, pensando se já não estaria avariada pela água que entrara pelo rasgo feito pelos dentes da barracuda.

Então, com o troar dos atabaques se aproximando cada vez mais de um crescendo, avançou na caverna, projetando adiante um pequeno feixe de luz com a lanterna.

Avançara cerca de dez metros quando viu um leve brilho na água à sua frente. Apagou a lanterna e foi se aproximando com cautela. O piso arenoso

da caverna começou a se inclinar para cima, e a cada metro a luz se tornava mais forte. Agora podia ver dezenas de pequenos peixes que brincavam à sua volta e, mais adiante, a água estava cheia deles, atraídos pela luz da caverna. Caranguejos olhavam atentos de pequenas frestas nas pedras e um polvo novinho se achatou contra o teto, tomando a forma de uma estrela fosforescente.

Em seguida, pôde divisar o final da caverna e uma larga piscina brilhante, além, cujo fundo arenoso era branco como o dia. O roncar dos atabaques aumentava. Parou na sombra da entrada e percebeu que a superfície ficava apenas poucos centímetros acima e que havia lâmpadas sobre a piscina.

Bond estava em um dilema. Mais um passo e ficaria em plena vista de qualquer um que estivesse olhando para a piscina. Ao hesitar, argumentando consigo mesmo, ficou horrorizado ao ver uma fina nuvem de sangue de seu ombro se espalhando pela entrada. Esquecera o ferimento no ombro, que agora começara a latejar, e quando moveu o braço sentiu a ferroada de uma dor intensa em toda sua extensão. Havia também o fino jato de bolhas dos cilindros, mas ele esperava que elas fossem flutuando lentamente para arrebentar na beirinha da entrada.

No exato momento em que recuou alguns centímetros, seu futuro já estava selado.

Sobre sua cabeça percebeu apenas uma enorme pancada na água, e depois dois negros, nus a não ser pelas máscaras de mergulho nos rostos, com longas facas seguras como lanças em suas mãos esquerdas, investiram contra ele.

Antes que sua mão pudesse pegar a faca no cinto, já haviam agarrado seus dois braços e o puxavam para a superfície.

Desesperado, Bond teve de deixar que o tirassem à força da piscina e o jogassem na areia lisa. Depois de ser obrigado a se levantar, abriram os zíperes de seu traje de mergulho. Seu capuz foi retirado da cabeça, o coldre de seu ombro, e de repente ele se achou de pé entre os frangalhos da roupa preta de mergulho, como uma serpente trocando a pele, nu, exceto pelo pequeno calção de banho. O sangue escorria do buraco irregular no ombro esquerdo.

Quando tiraram seu capuz, Bond quase ensurdeceu com a batida e o rufar dos atabaques. O barulho penetrava nele e mexia com tudo em volta. O ritmo rápido e sincopado galopava e latejava nas suas veias. Parecia capaz de acordar toda a Jamaica. Bond fez uma careta e seus sentidos procuraram resistir aos golpes daquela tempestade sonora. Em seguida, os guardas o

fizeram se virar e se deparar com uma cena tão grotesca que o som dos atabaques recuou para o fundo e toda sua consciência se concentrou no que via.

No primeiro plano, em uma mesa de jogo com tampo de veludo verde, apinhada de papéis, e sentado em uma cadeira de dobrar, estava Mr. Big, com uma caneta na mão, olhando-o sem curiosidade. Um Mr. Big em um terno castanho-amarelado, bem cortado, de tropical, com camisa branca e gravata de tricô de seda preta. O queixo largo descansava na sua mão esquerda e ele levantou os olhos para Bond como se tivesse sido incomodado, em seu escritório, por alguém de sua equipe pedindo um aumento de salário. Parecia polido, porém levemente entediado.

A alguns passos dele, sinistro e absurdo, o espantalho da efígie do Baron Samedi, ereto sobre uma pedra, observava Bond debaixo de seu chapéu-coco.

Mr. Big tirou a mão do queixo e seus grandes olhos dourados estudaram Bond da cabeça aos pés.

“Bom dia, senhor James Bond”, disse finalmente, projetando a voz inexpressiva contra o barulho já decrescente dos tambores. “A mosca levou mesmo muito tempo para chegar à aranha, ou talvez devesse dizer ‘o lambari à baleia’. Você deixou um belo rastro de bolhas no recife.”

Recostou-se na cadeira e se calou. Os atabaques batiam e rufavam mais baixo.

Então fora a luta contra o polvo que o traíra. A mente de Bond registrou o fato automaticamente, enquanto olhava para além do homem na mesa.

Estava em um salão de pedra grande como uma igreja. Metade do piso era ocupada pela enorme piscina clara e branca pela qual chegara, e que se transformava em verde-mar e depois azul perto do buraco de entrada submarino. Em seguida, havia a faixa estreita de areia em que ele pisava, e o resto do piso era de pedra lisa e plana, marcado por algumas estalagmites cinzentas e brancas.

A alguma distância atrás de Mr. Big uma escadaria íngreme levava a um teto abobadado, do qual pendiam estalactites curtas de calcário. De seus brancos mamilos a água gotejava intermitentemente na piscina, ou sobre as jovens estalagmites que se erguiam do chão, a seu encontro.

Havia uma dúzia de luzes fosforescentes muito claras fixadas alto nas paredes, criando reflexos dourados nos torsos nus de um grupo de negros em pé, à sua esquerda, no piso de pedra, observando Bond de olhos arregalados,

mostrando os dentes em sorrisos cruéis e satisfeitos.

Em volta de seus pés pretos e rosados, entre destroços de madeira quebrada e anéis de ferro enferrujados, tiras mofadas de couro e lona decomposta, havia um mar fulgurante de moedas de ouro — metros, cascatas de moedas redondas de ouro, do qual emergiam as pernas pretas, como se tivessem sido detidas no meio de um passeio entre as chamas.

Ao lado deles, empilhadas fileira após fileira, ficavam bandejas rasas de madeira. Algumas estavam no chão, parcialmente cheias de moedas de ouro, e embaixo da escada, um único negro parara na subida, segurando uma delas repleta de moedas de ouro em quatro fileiras cilíndricas, estendida como se estivesse sendo oferecida à venda.

Mais à esquerda, em um canto do salão, havia dois negros próximos a um caldeirão de ferro arredondado, suspenso acima de três maçaricos sibilantes, até que seu fundo ficasse vermelho incandescente. Seguravam escumadeiras de ferro, lambuzadas de ouro até metade de seus cabos. Ao lado deles havia uma miscelânea de peças de ouro, talheres, objetos de altar, copos, cruzes e uma pilha de lingotes de ouro de diversos tamanhos. Ao longo da parede viam-se, próximas a eles, fileiras de bandejas para esfriar o metal, cujas superfícies segmentadas irradiavam um brilho dourado, e uma bandeja vazia descansava no piso perto do caldeirão, junto com uma longa concha manchada de ouro e o cabo envolto em pano.

Acocorado no chão, não muito distante de Mr. Big, um único negro segurava uma faca em uma das mãos, e uma taça ornamentada de brilhantes na outra. A seu lado, em um prato de lata, uma pilha de joias cintilava, embaçadas, vermelhas, azuis e verdes, sob o brilho das lâmpadas fluorescentes.

Estava quente e abafado no grande salão de pedra e, no entanto, Bond tiritava ao abarcar toda essa esplêndida cena com os olhos. O brilho das lâmpadas violeta esbranquiçadas, o bronzeado tremeluzente dos corpos suados, o brilho forte do ouro, o arco-íris do recipiente com os brilhantes, a água marinha em tom leitoso da piscina. Ele tremia diante da beleza daquilo tudo, diante daquela dança petrificada da grande arca do tesouro de Morgan, o Sanguinário.

Seus olhos voltaram para o quadrado de veludo verde e para a grande face de zumbi, olhando aquele rosto e seus olhos amarelos com respeito, quase com reverência.

“Pare os tambores”, disse Mr. Big, para ninguém em particular. O

batuque se reduzira a um quase sussurro, a um murmúrio cujo acento recaía sobre o ritmo do coração nas veias. Um dos negros deu dois passos, acompanhados de barulhos metálicos entre as moedas, abaixando-se. Um aparelho de som portátil estava no chão, com um potente amplificador ao lado, contra a parede de pedra. Depois de um clique os tambores pararam. O negro fechou a tampa do aparelho e voltou a seu lugar.

“Andem com o trabalho”, ordenou Mr. Big. E de repente todas as figuras começaram a se mover, como se alguém tivesse posto uma moeda em um caça-níquel. Mexeram o caldeirão, pegaram o ouro e o puseram nas caixas, o sujeito procurava retirar a pedraria da taça, e o negro com a bandeja de ouro prosseguiu subindo a escada.

Bond continuava de pé, pingando suor e sangue.

Big Man descansou a caneta e se levantou devagar. Afastou-se da mesa.

“Assuma meu lugar”, ordenou a um dos homens que guardavam Bond, e o sujeito nu rodeou a mesa, sentou na cadeira de Mr. Big e pegou a caneta.

“Traga-o aqui para cima.” Mr. Big foi até os degraus na rocha e começou a subi-los lentamente.

Bond sentiu uma picada do lado. Acabou de despir os restos de sua segunda pele preta e seguiu a figura que subia devagar.

Ninguém levantou os olhos do trabalho. Ninguém descuidava do serviço quando Mr. Big saía. Ninguém seria capaz de enfiar um brilhante ou uma moeda na boca.

O Baron Samedi assumira a chefia.

Apenas seu zumbi deixara a caverna.

21.

“BOA NOITE A AMBOS”

Subiram vagarosamente por cerca de treze metros, passando por uma porta aberta perto do teto, e pararam em um grande patamar na pedra. Ali um único negro, à luz de um lampião de acetileno, arrumava bandejas cheias de moedas de ouro no meio dos tanques de peixe, muitos já se encontrando empilhados contra a parede.

Enquanto esperavam, dois negros desceram a escada, vindos da superfície, pegaram um tanque pronto e voltaram para cima com ele.

Bond achava que eles enchiam os tanques com areia, plantas aquáticas e peixes em algum lugar no alto, e depois os desciam através da corrente humana ao longo da face do rochedo.

Notou que alguns dos tanques à espera tinham lingotes de ouro fixados no centro, e outros, pedrarias espalhadas como cascalho. Então refez os cálculos sobre o tesouro, quadruplicando seu valor até cerca de quatro milhões de libras esterlinas.

Mr. Big ficou um tempo com o olhar no chão de pedra. Respirava fundo, mas de maneira controlada. Em seguida, subiram.

Vinte degraus acima havia outro patamar, menor, com uma porta de saída. Nela havia corrente e cadeado novos. A própria porta era feita de grades de ferro marrons, achatadas, corroídas pela ferrugem.

Mr. Big parou de novo e ficaram lado a lado na pequena plataforma de pedra.

Por um momento Bond pensou em fugir, mas, como se tivesse lido a sua mente, o guarda negro cercou-o contra a parede, longe de Big Man. E Bond sabia que sua maior obrigação era se manter vivo e chegar a Solitaire, e arranjar um jeito de afastá-la do barco condenado pela mina, em que o ácido roía lentamente o cobre do detonador.

Do alto vinha uma forte correnteza pelo vão da escada, e Bond sentiu que seu suor secava. Pôs a mão direita no ferimento do ombro, sem se assustar

com a picada no flanco feita pela faca do guarda. O sangue já secara em crostas e a maior parte do braço doía tremendamente.

Mr. Big falou:

“Este vento, sr. Bond”, apontou para o vão, “é conhecido na Jamaica como ‘vento Papa-Defunto’”.

Bond sacudiu o ombro direito, poupando o fôlego.

Mr. Big virou para a porta de ferro, tirou a chave do bolso e abriu-a. Passou e foi seguido por Bond e seu guarda.

Era um cômodo que consistia em uma estreita passagem, com grilhões enferrujados presos embaixo na parede, a menos de dez metros de intervalo.

Na outra extremidade, onde uma lamparina pendia do teto de pedra, uma figura imóvel estava deitada no chão, embrulhada em um cobertor. Havia mais uma lamparina na porta, em cima de suas cabeças, mas, exceto isso, apenas o cheiro de pedra úmida, torturas antigas e morte.

“Solitaire”, falou Bond, baixinho.

O coração de Bond deu um salto e ele quis se adiantar. Imediatamente uma mão enorme agarrou seu braço.

“Pare aí, seu branco”, vociferou o guarda, torcendo o punho dele entre as espáduas, levantando-o ainda mais, até que Bond deu um chute com o calcanhar esquerdo. Acertou na canela do homem, mas doeu mais em Bond do que no guarda.

Mr. Big se virou. Tinha uma pequena arma quase encoberta pela mão enorme.

“Solte-o”, ordenou em voz baixa. “Se quiser mais um umbigo, senhor Bond, é só dizer. Tenho seis aqui nesta arma.”

Bond passou esbarrando em Big Man. Solitaire se levantara, vindo em sua direção. Quando viu seu rosto, desandou a correr, estendendo as mãos.

“James”, soluçou. “James.”

Ela quase caiu a seus pés. Suas mãos se agarraram.

“Arranje corda”, ordenou Mr. Big no vão da porta.

“Está tudo bem, Solitaire”, disse Bond, sabendo que não estava. “Está tudo bem. Estou aqui agora.”

Ele pegou-a, mantendo-a a distância de seu braço estendido. O braço

esquerdo doeu. Ela estava pálida e desarrumada, com um machucado na testa e olheiras. No seu rosto encardido as lágrimas escorriam deixando marcas na pele lívida. Estava sem maquiagem. Trajava um terninho branco sujo e sandálias. Parecia magra.

“O que esse desgraçado anda fazendo com você?”, perguntou Bond. Apertou-a de repente contra si. Ela se agarrou a ele, com o rosto enterrado em seu pescoço.

Em seguida, se afastou e olhou para a mão dele.

“Você está sangrando”, disse. “O que é?”

Virou-o pela metade e viu o sangue preto no seu ombro e pelo braço abaixo.

“Ah, meu querido, o que foi?”

Começou a chorar de novo, desamparada, desesperada, percebendo subitamente que ambos estavam perdidos.

“Amarre-os”, ordenou Big Man, da porta. “Aqui, debaixo da luz. Preciso dizer-lhes umas coisas.”

O negro estava vindo e Bond se virou. Valeria a pena arriscar? O negro só tinha a corda na mão. Mas Big Man deu um passo para o lado, vigiando-o, segurando a arma displicentemente, meio apontada para o chão.

“Não, senhor Bond”, avisou apenas.

Bond lançou um olhar para o negro enorme e pensou em Solitaire e no seu próprio ombro ferido.

O negro chegou e Bond deixou que amarrasse seus braços atrás das costas. Os nós foram bem dados. Não havia folga. Doíam.

Bond sorriu para Solitaire. Piscou um olho pela metade. Não passava de uma bravata, mas percebeu uma vivacidade esperançosa renascer em meio a suas lágrimas.

O negro levou-o de volta à porta.

“Ali”, disse Big Man, fazendo um gesto para um dos grilhões.

O negro derrubou Bond com uma rasteira repentina. Este caiu em cima do ombro ferido. O negro puxou-o pela corda até o grilhão, testou-o, passou a corda por ele e então amarrou Bond pelos tornozelos, muito bem amarrado. Enfiara sua faca em uma fresta na pedra. Tirou-a, cortou a corda e voltou para onde Solitaire estava.

Bond ficou sentado no chão de pedra, com as pernas esticadas para a frente, com os braços suspensos, amarrados por trás. O sangue pingava do ferimento reaberto. Apenas os resíduos da benzedrina no seu corpo o impediam de desmaiar.

Solitaire foi amarrada e colocada quase defronte a ele. Um metro separava os pés de ambos.

Com a tarefa concluída, Big Man consultou o relógio.

“Vá”, ordenou ao guarda. Fechou a porta de ferro depois que o sujeito se foi, ficando encostado nela.

Bond e a garota se entreolharam e Big Man contemplou os dois no chão.

Depois de um de seus longos silêncios, dirigiu-se a Bond. Este levantou os olhos para ele. A enorme bola de futebol cinzenta que era sua cabeça parecia, sob o lampião, a cabeça de um elemental, de algum espectro maligno do centro da terra, pairando no ar, com os olhos dourados ardendo firmes, e o grande corpo na sombra. Bond precisou lembrar-se de que já ouvira o coração dele batendo no peito, já o ouvira respirar, já vira suor na pele cinzenta. Não passava de um homem, da mesma espécie dele, um homem grande, com uma mente brilhante, mas ainda assim um homem que caminhava e defecava, um homem mortal, com uma doença no coração.

A boca larga e borrachuda se abriu, os lábios achatados, levemente virados, recuaram dos grandes dentes brancos.

“Você é o melhor de todos os que foram mandados para me combater”, disse Mr. Big. Sua voz baixa e insossa era pensativa, calculada. “E consegui matar quatro de meus ajudantes. Meus seguidores acham isso inacreditável. Já é mais do que tempo de liquidarmos nossas contas. O que aconteceu ao americano não bastou. A traição desta garota”, ele ainda olhava para Bond, “que tirei da sarjeta e estava pronto a colocar na minha mão direita, também questionou a minha infalibilidade. Eu estava imaginando como ela deveria morrer, quando a providência, ou o Baron Samedi, como meus seguidores gostam de acreditar, também trouxe você para o altar de cabeça baixa, pronto para o machado”.

A boca parou, com os lábios entreabertos. Bond viu os dentes se juntarem para formar a palavra seguinte.

“De modo que é conveniente que os dois morram juntos. Isso acontecerá de um modo adequado”, Big Man consultou seu relógio, “dentro de duas horas e meia. Às seis horas, alguns minutos a mais ou a menos”, acrescentou.

“Alguns minutos a mais”, comentou Bond. “Gosto da vida.”

“Na história de emancipação dos negros”, continuou Mr. Big em tom de conversa despreocupada, “já surgiram grandes atletas, grandes músicos, grandes escritores, grandes médicos e cientistas. No seu devido tempo, como aconteceu na história do desenvolvimento de outras raças, hão de surgir negros famosos em todos os demais setores da vida”. Fez uma pausa. “Infelizmente para você, senhor Bond, e para esta garota, vocês encontraram o primeiro dos grandes criminosos negros. Uso esta palavra vulgar, senhor Bond, porque seria a mesma que você, senhor Bond, como uma espécie de policial, usaria. Mas prefiro me considerar uma pessoa que possui a habilidade, as capacidades mentais e nervosas para criar as próprias leis e agir segundo elas, em vez de aceitar as leis que convêm ao mínimo denominador comum das pessoas. Sem dúvida você já leu *Os instintos do rebanho na paz e na guerra*, de Trotter. Pois bem, sou lobo por índole e opção, e vivo segundo as leis do lobo. É natural que os carneiros descrevam este indivíduo como ‘criminoso’.

“O fato, senhor Bond”, prosseguiu Big Man, depois de uma pausa, “de que sobrevivo e, na verdade, gozo de um sucesso ilimitado, embora seja eu sozinho contra milhões de carneiros, se deve às técnicas modernas que lhe descrevi por ocasião de nossa última conversa, e a uma infinita capacidade de me esforçar. Não os esforços tediosos, vulgares, e sim os artísticos e sutis. E eu noto, senhor Bond, que não é difícil enganar os carneiros, não importa quantos, com muita dedicação ao trabalho e, naturalmente, se formos um lobo extremamente bem dotado.

“Deixe-me ilustrar, por exemplo, como funciona a minha mente. Estudemos o método pelo qual decidi que ambos morrerão. É uma variação moderna do método usado na época do meu generoso patrono, sir Henry Morgan. Naquele tempo, era conhecido como ‘arrastamento pela quilha’.”

“Por favor, continue”, disse Bond, sem olhar para Solitaire.

“Temos uma paravana a bordo do iate”, prosseguiu Mr. Big, como se fosse um cirurgião descrevendo uma operação delicada para um grupo de estudantes, “que usamos para rebocar tubarões e outros peixes de grande porte. Esta paravana é, como sabem, um aparelho com a forma de um torpedo, que boia puxado por um cabo, distante do barco. Pode ser usada para sustentar a extremidade de uma rede, rebocando-a através da água, com o barco em movimento. Também pode ser equipada com um instrumento de corte, para cortar os cabos de amarração das minas em época de guerra.

“Pretendo”, continuou Mr. Big, em um tom de voz discursivo e natural, “amarrá-los juntos à extremidade de um cabo preso a essa paravana e rebocá-los pelo mar até que sejam devorados pelos tubarões”.

Fez uma pausa, enquanto seu olhar passava de um para outro. Solitaire mirava de olhos arregalados para Bond, que se esforçava em pensar, com o olhar ausente, perscrutando o futuro. Sentiu que deveria dizer alguma coisa.

“Você é um homem grande”, afirmou, “e um dia morrerá de uma morte igualmente grande e terrível. Se nos matar, essa morte virá em breve. Já a providenciei. Está enlouquecendo a olhos vistos, senão perceberia a repercussão que nosso assassinato terá sobre sua vida”.

Enquanto falava, a mente de Bond funcionava rápido, contando horas e minutos, sabendo que a própria morte de Big Man chegaria devagar, com o ácido corroendo o detonador seguindo o ponteiro dos minutos, rumo à hora do encontro final com seu destino. Mas estariam ele e Solitaire mortos, antes que soasse essa hora? Minutos, talvez segundos, fariam a diferença. O suor escorria do seu rosto para o peito. Sorriu para Solitaire. Ela lhe deu um olhar ausente, sem enxergá-lo.

De repente deu um grito agoniado que sacudiu os nervos de Bond.

“Não sei”, gritou. “Não consigo ver. Está tão perto, tão próximo. Há muitas mortes. Mas...”

“Solitaire”, gritou Bond, apavorado com a possibilidade de que as coisas estranhas que ela previsse, quaisquer que fossem, pudessem servir de aviso a Big Man. “Controle-se.”

Havia um toque de raiva em sua voz.

Os olhos dela clarearam, olhando mudos para ele, sem compreender.

Big Man falou de novo.

“Não estou ficando louco, senhor Bond”, avisou calmamente, “e nenhuma providência sua me afetará. Vocês morrerão além do recife e não restará nenhum indício. Rebocarei os restos de seus corpos até que não sobre nada. Isso faz parte da sagacidade dos meus planos. Vocês também devem saber que o tubarão e a barracuda desempenham um papel no voduísmo. Eles receberão seus sacrifícios e o Baron Samedi será apaziguado. Meus seguidores ficarão satisfeitos. Da mesma forma, desejo continuar minhas experiências com os peixes carnívoros. Acredito que só atacam quando há sangue na água. Por isso seus corpos serão rebocados desde a ilha. A paravana os rebocará sobre o recife. Acho que não serão atacados antes da barra. O

sangue e as vísceras que são jogados todas as noites nessas águas já terão sido dispersos ou consumidos. Mas quando seus corpos forem rebocados por cima do recife, infelizmente sangrarão, ficarão em carne viva. Então veremos se minhas teorias estão corretas.”

Big Man estendeu a mão para trás e abriu a porta.

“Eu os deixarei agora”, falou, “para que reflitam sobre a excelência do método que criei para matá-los juntos. Não restará indício algum. A superstição ficará satisfeita. Meus seguidores também. Os corpos serão utilizados para a pesquisa científica.

“Isso é o que eu chamo, senhor James Bond, de uma capacidade infinita de refinamento artístico.”

Parou no vão da porta e olhou para os dois.

“Uma noite breve, porém boa. É o que desejo a ambos.”

22.

TERROR NO MAR

O dia ainda não clareara quando os guardas vieram buscá-los. As cordas que prendiam suas pernas foram cortadas e, com os braços ainda atados, foram levados pelos últimos degraus de pedra que faltavam para a superfície.

Ficaram entre algumas árvores esparsas e Bond aspirou o ar frio da manhã. Olhou através das árvores na direção do oriente e viu que as estrelas estavam mais pálidas e havia uma luminosidade no horizonte que anunciava o raiar da aurora. O ciclo noturno dos grilos quase terminara e, em algum canto da ilha, um tordo ensaiava as primeiras notas do dia.

Bond calculou que deviam ser mais ou menos cinco e meia.

Ficaram ali vários minutos. Os negros passavam próximos a eles, carregando embrulhos e malas de fibra de palmeira, entre cochichos cautelosos. As portas do punhado de palhoças entre as árvores estavam escancaradas. Os homens andavam em fila até a beira do penhasco, à direita de Bond e Solitaire, desaparecendo por ali. Não voltavam. Era uma evacuação. Toda a guarnição da ilha levantava acampamento.

Bond esfregou o ombro desnudo contra Solitaire e ela se aninhou contra ele. Fazia frio depois da masmorra abafada, e Bond tiritava. Mas era melhor estar em movimento do que prolongar o suspense lá de baixo.

Ambos sabiam o que precisava ser feito, a natureza do risco.

Depois que Big Man os deixara, Bond não perdera tempo. Falando baixinho, contara à garota sobre a mina magnética presa ao costado do barco, prevista para explodir alguns minutos depois das seis horas, e explicara os fatores decisivos para saber quem morreria ou não naquela manhã.

Primeiro, apostara na mania de exatidão e de eficiência de Mr. Big. O *Secatur* precisava zarpar às seis horas em ponto. Portanto, não deveria haver nenhuma nuvem, se não a visibilidade na meia-luz do amanhecer não seria suficiente para assegurar a passagem do barco através do recife, e Mr. Big adiaria a partida. Se Bond e Solitaire estivessem no atracadouro ao lado do

iate, morreriam junto com Mr. Big.

Supondo que o barco zarpasse na hora exata, a que distância e de que lado dele seriam rebocados? Teria de ser a bombordo para que a paravana ficasse desimpedida na hora de deixar a ilha. Bond supôs que o cabo de reboque da paravana teria cinquenta metros de comprimento, e que eles seriam rebocados vinte ou trinta metros atrás da paravana.

Se ele estivesse certo, seriam arrastados por cima do recife externo cerca de cinquenta metros depois de o *Secatur* ter rompido pelo canal. Provavelmente se aproximaria da passagem nos recifes a cerca de três nós e, em seguida, pegaria velocidade até chegar a dez, ou até mesmo a vinte. De início seus corpos seriam rebocados da ilha em um lento arco, virando e se retorcendo na ponta da linha de reboque. Logo depois a paravana se endireitaria e, mesmo após o barco ter transposto o recife, eles ainda não teriam chegado a ele. Portanto, a paravana passaria pelo recife quando o barco já o tivesse ultrapassado em quarenta metros, e depois eles a seguiriam a alguns metros a mais de distância.

Bond estremeceu ao pensar nos ferimentos que seus corpos sofreriam se fossem arrastados, a qualquer velocidade, sobre os dez metros de árvores e recifes de coral, afiados como uma navalha. Ficariam com as costas e as pernas esfoladas.

Depois de atravessarem o recife, não passariam de uma isca sanguinolenta, e seria apenas uma questão de minutos até que o primeiro tubarão ou barracuda avançasse neles.

E Mr. Big, sentado confortavelmente no deque da popa, assistiria à carnificina, talvez de binóculos, marcando os segundos e os minutos enquanto a isca viva ia diminuindo de tamanho, até que finalmente os peixes só abocanhassem o cabo ensanguentado.

Até que não restasse coisa alguma.

Então a paravana seria içada a bordo e o iate cortaria o mar graciosamente rumo à longínqua Florida Keys, a Cape Sable e ao atracadouro ensolarado no porto de St. Petersburg.

E se a mina explodisse quando eles ainda estivessem na água, a cinquenta metros do barco? Qual seria o efeito do deslocamento de ar em seus corpos? Talvez não fosse fatal. O casco do iate absorveria a maior parte. O recife talvez os protegesse.

Bond só podia adivinhar e manter a esperança.

Sobretudo, precisavam continuar vivos até o último segundo possível. Precisavam continuar respirando enquanto fossem arrastados, como um pacote vivo, pelo mar. Muita coisa dependia da maneira como eles os amarrariam um ao outro. Mr. Big haveria de querer que continuassem vivos. Não lhe interessaria uma isca morta.

Se ainda estivessem vivos quando a primeira barbatana de tubarão surgisse à tona atrás deles, Bond decidira afogar friamente Solitaire. Afogá-la torcendo seu corpo debaixo do seu e segurando-o ali. Em seguida, tentaria se afogar torcendo o corpo morto dela de volta para que o seu ficasse por baixo.

Cada volteio de seu pensamento esbarrava em um pesadelo, no horror nauseante de cada detalhe medonho da tortura monstruosa que aquele homem havia preparado para eles. Mas Bond sabia que precisava conservar o sangue-frio e a resolução absoluta de lutar pelas suas vidas até o fim. Havia ao menos uma sensação calorosa na ideia de que Mr. Big e a maioria de seus homens também morreriam. E um lampejo de esperança de que ele e Solitaire talvez sobrevivessem. A não ser que a mina falhasse, o inimigo não poderia contar com nenhuma esperança.

Tudo isso e uma centena de outros pormenores e planos passaram pela cabeça de Bond na última hora antes de serem levados pelo vão da escada até a superfície. Com Solitaire compartilhou todas as suas esperanças. Nenhum dos seus temores.

Ela ficara deitada à sua frente, com seus olhos azuis e cansados fixos nele, obedientes, confiantes, bebendo seu rosto e suas palavras, dóceis, amorosos.

“Não se preocupe comigo, querido”, dissera, quando os homens vieram buscá-los. “Sinto-me feliz de estar de novo com você. Meu coração está cheio de felicidade. De algum modo, não estou com medo, apesar de pressentir uma grande matança. Você me ama um pouquinho?”

“Sim”, respondeu Bond. “E vamos ainda aproveitar o nosso amor.”

“Vambora”, disse um dos homens.

E agora, no alto do morro, clareava. Bond ouviu os dois grandes motores a diesel tossirem e roncarem embaixo do penhasco. Uma leve brisa soprava a barlavento, mas a sota-vento, onde estava o barco, a baía era um espelho de bronze.

Mr. Big apareceu no alto da escadaria, com uma pasta de executivo na mão. Ficou por um momento olhando em volta, recuperando o fôlego. Não

prestou nenhuma atenção a Bond ou Solitaire, nem aos dois guardas ao lado deles, de revólveres na mão.

Olhou para o céu e de repente clamou, em um tom de voz nítido, na direção da orla do sol.

“Obrigado, sir Henry Morgan. Seu tesouro será bem gasto. Dê-nos um vento de popa.”

Os guardas negros arregalaram os olhos.

“O vento Papa-Defunto”, disse Bond.

Big Man olhou-o.

“Já está tudo embaixo?”, perguntou aos guardas.

“Sim senhor, patrão”, respondeu um deles.

“Leve-os”, ordenou Big Man.

Foram até a beira do penhasco e desceram a escadaria íngreme, com um guarda na frente, outro atrás e Mr. Big a seguir.

Os motores do longo e elegante iate giravam sossegados, com o escape borbulhando gravemente, e um fio de vapor azul a se erguer da popa.

Três sujeitos no molhe cuidavam das guias. Só havia três homens no convés, além do capitão, e o piloto na ponte escura, bem projetada. Não havia mais espaço para ninguém. Todo o espaço disponível no convés, exceto por uma cadeira de pesca presa no lado direito da popa, era preenchido pelos tanques de peixe. Com o pavilhão vermelho arriado, só a bandeira americana pendia imóvel da popa.

Distante alguns metros do barco, a paravana vermelha em forma de torpedo, com cerca de dois metros de comprimento, flutuava tranquilamente na água, agora verde-mar ao primeiro amanhecer. Estava ligada a uma grossa pilha de cabos metálicos, enrolados no convés da popa. Parecia a Bond que eles deveriam ter uns bons cinquenta metros. A água estava cristalina e não havia peixes rondando por perto.

O vento Papa-Defunto morria aos poucos. Dentro em breve o vento Médico começaria a soprar vindo do mar. Dentro de quanto tempo?, perguntou-se Bond. Seria um presságio?

Ao longe, além do barco, ele conseguia avistar o teto de Beau Desert entre as árvores, mas o molhe, o barco e a trilha no penhasco ainda estavam mergulhados em profunda sombra. Bond pensou se os binóculos de visão

noturna conseguiriam vê-los. Se pudessem, o que pensaria Strangways?

No molhe, Mr. Big supervisionava a tarefa de amarrá-los.

“Tire a roupa dela”, ordenou ao guarda.

Bond se encolheu. Deu uma olhada de relance para o relógio de pulso de Mr. Big. Nele, faltavam dez minutos para as seis. Bond manteve silêncio. Não deveria haver nem um minuto de atraso.

“Jogue as roupas a bordo”, disse Mr. Big. “Amarre uns panos no ombro dele. Não quero que haja sangue na água ainda.”

As roupas de Solitaire foram cortadas a faca. Ela permaneceu ali, nua e pálida. Abaixou a cabeça e seus cabelos pesados caíram para a frente, tapando seu rosto. O ombro de Bond foi atado grosseiramente com tiras do seu vestido de linho.

“Canalha”, desabafou Bond, de dentes cerrados.

Sob a direção de Mr. Big, primeiro soltaram as mãos dos dois. Seus corpos foram atados frente a frente, e seus braços passados pela cintura um do outro, e depois novamente atados com força.

Bond sentiu a pressão dos seios macios de Solitaire. Ela encostou o queixo no ombro direito dele.

“Eu não queria que fosse assim”, sussurrou, trêmula.

Bond não respondeu. Mal sentia o corpo dela. Contava os segundos.

No molhe havia uma corda enovelada que ia até a paravana. Mergulhava na água e Bond a distinguia seguindo no fundo de areia até surgir de encontro à barriga do torpedo vermelho.

Sua extremidade solta foi passada debaixo das axilas de Bond e Solitaire, e bem amarrada com um nó que ficava no espaço entre seus pescoços. Tudo feito com muito cuidado. Não havia possibilidade de fuga.

Bond contava os segundos. De acordo com ele, faltavam cinco para as seis.

Mr. Big deu uma última olhada nos dois.

“Deixem as pernas soltas”, comentou. “Dão uma isca apetitosa.” Deixou o molhe e embarcou no convés do iate.

Os dois guardas também embarcaram. Depois de soltarem as guias, os dois sujeitos no molhe os seguiram. As hélices revolveram a água mansa e,

com os motores a meia velocidade, o *Secatur* se afastou rapidamente da ilha.

Mr. Big foi para a popa, sentando-se na cadeira de pesca. Podiam ver o seu olhar fixo neles. Não disse nada. Não fez gesto algum. Apenas contemplava.

O *Secatur* cortava a água em direção ao recife. Bond podia ver o cabo da paravana se desenrolando no costado. A paravana começou a se mover lentamente atrás do barco. De repente mergulhou o nariz, endireitou-se e disparou, com o leme se dobrando na direção contrária à esteira do barco.

O rolo de corda ao lado deles deu um súbito sinal de vida.

“Cuidado”, avisou Bond, com urgência, agarrando-se com mais força à garota.

Seus braços quase se desconjuntaram com o solavanco do puxão, quando caíram do molhe no mar.

Por um instante ambos submergiram, depois voltaram à tona, com seus corpos unidos rasgando a água.

Bond procurava respirar em meio às ondas e aos borrifos que passavam depressa por ele, inundando sua boca retorcida. Podia ouvir a respiração entrecortada de Solitaire ao lado do seu ouvido.

“Respire, respire”, gritou, através da avalanche de água. “Prenda suas pernas nas minhas.”

Ela ouviu-o e ele sentiu entre as coxas a pressão dos joelhos dela. Solitaire teve um acesso de tosse. Em seguida, a respiração dela tornou-se mais regular junto ao seu ouvido e as batidas do coração da mulher acalmaram-se contra o seu peito. Ao mesmo tempo, a velocidade em que eram rebocados sofreu uma redução.

“Prenda a respiração”, gritou Bond. “Preciso dar uma olhada. Pronta?”

Ela respondeu com uma pressão dos braços. Ele sentiu o peito dela inflar quando seus pulmões se encheram de ar.

Usando o peso do corpo, girou-a para baixo, de maneira que a cabeça dele agora estava totalmente fora d’água.

Cortavam o mar a cerca de três nós. Dobrou a cabeça acima da pequena marola que faziam.

O *Secatur* entraria na passagem entre os recifes dentro de aproximadamente oitenta metros, segundo calculou. A paravana deslizava

lentamente, quase em ângulo reto em relação ao barco. Faltavam trinta metros para o torpedo vermelho atravessar as águas encrespadas sobre o recife. Trinta metros atrás da paravana, eles navegavam devagar na superfície da baía.

Sessenta metros até o recife.

Bond girou o corpo e Solitaire emergiu, ofegante.

Continuaram a avançar lentamente na água.

Cinco metros, dez, quinze, vinte...

Apenas quarenta metros para atingirem o banco de coral.

O *Secatur* deveria ter acabado de transpô-lo. Bond recuperou o fôlego. Já devia passar das seis. Que teria acontecido com a porcaria da mina? Bond fez uma rápida e fervorosa oração. Que Deus nos salve, disse dentro d'água.

De repente sentiu que a corda apertava sob seus braços.

“Respire, Solitaire, respire”, gritou quando retomaram a velocidade e a água começou a passar sibilante por eles.

Agora voavam pelo mar em direção ao recife submerso.

Houve uma ligeira diminuição de velocidade. Bond imaginou que a paravana tivesse batido em uma pedra ou algum coral na superfície. Em seguida, seus corpos voltaram a disparar no seu abraço mortal.

Faltavam trinta metros, vinte, dez...

Meu Deus, pensou Bond. Não escaparemos. Contraiu os músculos para enfrentar a dor lancinante do impacto, empurrando Solitaire mais para cima, para protegê-la do pior.

De repente o ar fugiu com um chiado de seus pulmões, e um punho gigantesco socou-o contra Solitaire, de modo que ela se ergueu totalmente fora do mar e voltou a cair. Uma fração de segundo depois, um clarão iluminou o céu e ouviu-se o ribombar de uma explosão.

Estacaram de repente, e Bond percebeu que o peso da corda solta os puxava para baixo.

Suas pernas afundaram sob seu corpo atordoado e a água inundou sua boca.

Foi o que o fez recuperar a consciência. As pernas dele se debateram no fundo, voltando a trazer suas bocas até a tona. A garota era um peso morto em seus braços. Ele revolia a água em desespero e olhava à sua volta, segurando

a cabeça desmaiada de Solitaire em seu ombro, acima da superfície.

A primeira coisa que viu foram as águas revoltas do recife, a não mais de cinco metros de distância. Sem a sua proteção, ambos teriam sido esmagados pelo impacto da explosão. Ele sentiu o repuxo e o rodamoinho da correnteza em volta das pedras. Avançou desesperado em direção a ele, aspirando golfadas de ar sempre que possível. Seu peito ardia com o esforço e ele via o céu através de uma película vermelha. A corda o puxava para baixo e o cabelo da garota enchia sua boca, quase o sufocando.

De repente sentiu um arranhão agudo do coral contra a parte de trás das pernas. Chutou-as procurando desesperadamente um apoio para os pés, esfolando a pele a cada movimento.

Mal sentia dor.

Agora eram seus braços e suas costas que estavam sendo arranhados. Tropeçou, desajeitado, com os pulmões ardendo no peito. Em seguida sentiu uma camada de agulhas sob os pés. Arriou o peso nela, inclinando-se para trás para resistir à forte correnteza que procurava desalojá-lo. Seus pés resistiram e havia rocha às suas costas. Inclinou-se para trás, ofegante, com o sangue escorrendo em volta dele na água, segurando contra si o corpo frio da garota, que mal respirava.

Descansou por um minuto, com gratidão, olhos fechados e o sangue pulsando nas veias, tossindo dolorosamente, à espera de que seus sentidos se reanimassem. Seu primeiro pensamento foi em relação ao sangue na água à sua volta. Mas desconfiou de que os grandes peixes não se aventuravam até o recife. Aliás, não havia nada que ele pudesse fazer quanto a isso.

Em seguida, olhou para o mar.

Não havia sinal algum do *Secatur*.

No alto do céu tranquilo via-se um cogumelo de fumaça, que o vento Médico começava a arrastar em direção à terra.

Havia destroços espalhados sobre toda a extensão do mar e cabeças que subiam e desciam. A água estava toda coalhada com as barrigas brancas dos peixes atordoados ou mortos pela explosão. Um cheiro forte de explosivo pairava no ar. Na orla dos destroços a paravana vermelha jazia tranquila com o casco para baixo, ancorada pelo cabo cuja outra ponta deveria se encontrar em algum lugar no fundo. Colunas de bolhas emergiam na superfície vítrea do mar.

Na beira do círculo de peixes mortos e cabeças balouçantes, algumas

barbatanas triangulares cortavam rápido o mar. Mais delas surgiram enquanto Bond observava. Em uma ocasião viu um grande focinho surgir da água e abocanhar alguma coisa. As barbatanas espirravam água ao chapinhar entre os escolhos. Dois braços negros se ergueram de repente no ar, desaparecendo em seguida. Ouviram-se gritos. Algumas pessoas davam braçadas agitadas no mar em direção ao recife. Alguém parou para bater na água diante dele com a mão espalmada. Depois as mãos desapareceram sob a superfície. Ouviram-se os gritos de quando seu corpo foi sacudido para lá e para cá dentro d'água. Uma barracuda o devorando, disse Bond consigo mesmo, atordoado.

Mais uma cabeça se aproximava, procurando chegar ao ponto do recife onde estava Bond, pequenas ondas quebrando sob suas axilas, e o cabelo preto da garota caído nas suas costas.

Era uma cabeça grande. Uma cortina de sangue escorria pelo seu rosto, de um ferimento no crânio imenso e calvo.

Bond observava a sua aproximação.

Big Man executava um nado de peito desajeitado, fazendo tanto espalhafato na água que era capaz de atrair qualquer peixe que já não estivesse ocupado.

Bond perguntou a si mesmo se ele conseguiria chegar. Seus olhos se estreitaram e sua respiração se acalmou, contemplando e esperando a decisão que o mar cruel tomaria.

A cabeça se aproximava. Bond podia ver os dentes à mostra em uma contração de agonia e de esforço titânico. O sangue tapava os olhos que Bond sabia estarem esbugalhados. Podia quase ouvir o grande coração doente batendo debaixo da pele preta acinzentada. Pararia antes que a isca fosse abocanhada?

Big Man continuava a vir. Os ombros estavam nus, as roupas haviam sido arrancadas pela explosão, imaginou Bond, porém, a gravata de seda preta resistira e aparecia em volta do pescoço grosso, arrastada atrás da cabeça como um rabicho de chinês.

Um borrifo de água limpou um pouco do sangue de seus olhos. Estavam arregalados, olhando desvairados para Bond. Neles não havia nenhuma súplica, somente o olhar fixo da exaustão física.

No instante mesmo em que Bond os contemplava, agora a apenas dez metros, fecharam-se de repente e o grande rosto se contorceu em uma careta de dor.

“Aarrh”, gritou a boca retorcida.

Os dois braços pararam de bater na água e a cabeça afundou e voltou à tona de novo. Uma nuvem de sangue escureceu o mar. Duas sombras esguias e marrons de três metros se afastaram da nuvem e, em seguida, voltaram rápido para ela. O corpo na água foi sacudido de lado. Metade do braço de Big Man surgiu à tona. Sem mão, sem pulso, nem relógio.

Mas a grande cabeça de nabo, a boca arreganhada cheia de dentes brancos que quase a dividiam ao meio, ainda estava viva. E agora berrava. Um grande berro gorgolejante que só dava quando alguma barracuda abocanhava seu corpo.

Ouviu-se um grito distante na baía, atrás de Bond. Mas ele não prestou atenção. Todos os seus sentidos estavam concentrados na cena horripilante no mar diante dele.

Uma barbatana rasgou a superfície a alguns metros de distância e parou.

Bond pôde ver o tubarão apontando o focinho como um cachorro, com os olhos míopes, rosados e redondos, tentando penetrar a nuvem de sangue e avaliar a presa. Então arremeteu contra o torso, e a cabeça que gritava afundou tão rápido quanto um peso de chumbo.

Algumas bolhas estouraram na superfície.

Houve um rodadoiro causado pela cauda manchada de marrom de um grande tubarão-leopardo, que recuou para engolir e para atacar de novo.

A cabeça voltou a flutuar. A boca estava fechada. Os olhos amarelos pareciam ainda se fixar em Bond.

O focinho do tubarão saiu da água e avançou para a cabeça, com a mandíbula inferior aberta e a luz brilhando em seus dentes. Houve um rangido horrível de osso triturado e um rodadoiro. Depois, o silêncio.

Os olhos dilatados de Bond continuaram a mirar a mancha marrom que cada vez mais se espalhava no mar.

A garota deu um gemido e Bond recuperou a lucidez.

Ouviu-se outro grito atrás dele e Bond virou a cabeça para a baía.

Era Quarrel, seu peito moreno e lúcido avultando sobre o casco esguio da canoa, com os braços trabalhando o remo, seguido, a uma longa distância, por todas as outras canoas da baía dos Tubarões deslizando sobre as pequenas ondas que haviam começado a encrespar a superfície.

Os ventos elísios do nordeste haviam começado a soprar e o sol brilhava na água azul e nos doces flancos verdes da Jamaica.

As primeiras lágrimas que brotaram dos olhos azuis-acinzentados de James Bond desde a sua infância escorreram pelo seu rosto contraído, caindo no mar manchado de sangue.

23.

LICENÇA PAIXÃO

Como dois pingentes de esmeralda, dois beija-flores faziam a última ronda pelos hibiscos. Um tordo começara sua cantoria vespertina, mais doce que a do rouxinol, em cima de um arbusto perfumado de jasmim da noite.

A sombra irregular de uma fragata deslizou por cima do gramado verde, enquanto planava nas correntes de ar que subiam a costa até alguma distante colônia, e o martim-pescador azul-acinzentado chilreou, irritado, ao ver o homem sentado em uma cadeira no jardim. Mudou a direção do voo e guinou, atravessando o mar, até a ilha. Uma borboleta sulfurina flertava entre as sombras roxas das palmeiras.

O mar de variados tons de azul da baía estava bastante calmo. Os penhascos da ilha eram de um rosa profundo, à luz do sol que se punha atrás da casa.

Havia um cheiro de entardecer e de frescor depois do calor do dia, e um leve perfume de farinha de mandioca torrada vindo das cabanas de pescadores, no povoado à direita, a distância.

Solitaire saiu da casa de pés descalços e atravessou o gramado. Carregava uma bandeja com uma coqueteleira e dois copos. Colocou-a na mesa de bambu ao lado da cadeira de Bond.

“Espero ter feito direito”, comentou. “Seis partes para uma parece terrivelmente forte. Nunca tomei martíni de vodca.”

Bond olhou para ela. Vestia um de seus pijamas brancos de seda. Eram demasiado grandes. Parecia absurdamente infantil.

Ela riu. “O que acha de meu batom de Port Maria?”, perguntou. “E as sobancelhas delineadas com lápis HB? Não consegui fazer mais nada para me ajeitar, além de tomar banho.”

“Está uma maravilha”, disse Bond. “Você é de longe a garota mais bonita da baía dos Tubarões. Se eu tivesse pernas e braços, me levantaria para lhe dar um beijo.”

Solitaire se inclinou e lhe deu um longo beijo na boca, com o braço apertado em volta de seu pescoço. Levantou-se e afastou a mecha curva de cabelos sobre a testa dele.

Olharam um para o outro. Em seguida, ela virou para a mesa e lhe serviu um coquetel. Despejou meio copo para si e sentou no gramado quente, com a cabeça contra o joelho de Bond. Ele brincou com a mão direita entre os cabelos dela e ficaram um instante sentados, olhando o mar entre as palmeiras e a luz que declinava na ilha.

O dia fora dedicado a lamber as feridas e ajeitar o que sobrara da confusão.

Quando Quarrel desembarcara com eles na pequena praia de Beau Desert, Bond carregara Solitaire pelo gramado até o banheiro. Enchera a banheira de água quente. Sem que ela soubesse o que estava acontecendo, ele ensaboara e lavara todo seu corpo e seus cabelos. Depois de tirar todo o sal e musgo do coral, ajudou-a a sair, secou-a e botou mertiolato nos cortes de coral que marcavam suas costas e suas coxas. Depois lhe deu um comprimido para dormir e colocou-a nua entre os lençóis de sua própria cama. Beijou-a. Antes de fechar as venezianas, ela já dormia.

Entrou no banheiro e Strangways o ensaboou. Depois quase o banhou em mertiolato. Sangrava e estava esfolado em centenas de lugares, com o braço esquerdo dormente por causa da mordida da barracuda. Perdera um bocado de músculo do ombro. A ardência do mertiolato fez com que trincasse os dentes. Vestiu um roupão e Quarrel o levou ao hospital em Port Maria.

Antes de partir, tomou um café da manhã reforçado e fumou um bendito cigarro. Dormiu no carro, dormiu na mesa de operações e na cama onde finalmente o puseram, como uma massa de ataduras e esparadrapo cirúrgico.

Quarrel trouxe-o de volta no começo da tarde. A essa altura Strangways já agira de acordo com as instruções que Bond lhe dera. Mandaram um destacamento de polícia para a ilha da Surpresa. Os destroços do *Secatur*, a trinta e seis metros de profundidade, receberam uma boia de sinalização, que passou a ser patrulhada pela lancha da alfândega de Port Maria. O rebocador de salvamento e os mergulhadores estavam a caminho a partir de Kingston. Os repórteres da imprensa local tinham recebido uma breve declaração, e havia policiais em guarda na entrada de Beau Desert, para conter a avalanche de repórteres que chegariam à Jamaica, depois que toda a história corresse o mundo. Enquanto isso, um relatório completo fora enviado a M e a Washington, de modo que o bando de Big Man no Harlem e em St. Petersburg

pudesse ser preso provisoriamente sob a acusação preventiva de contrabando de ouro.

Não houve sobreviventes do *Secatur*, mas os pescadores locais trouxeram quase uma tonelada de peixes mortos naquela manhã.

A Jamaica estava fervilhando de boatos. Fileiras de carros paravam, lado a lado, nos penhascos acima da baía e ao longo da praia embaixo. Espalhara-se a notícia do tesouro de Morgan, o Sanguinário, porém, o bando de tubarões e barracudas também o protegia. Por causa deles não havia nadador que arriscasse ir até a cena do naufrágio na calada da noite.

Veio um médico visitar Solitaire. Ele encontrou-a preocupada principalmente em arranjar roupas e o batom no tom certo. Strangways encomendara uma amostra completa deles de Kingston, que chegaria no dia seguinte. Por enquanto, ela fazia experiências com o conteúdo da valise de Bond e uma tigela de hibiscos.

Strangways voltou de Kingston após a saída de Bond do hospital. Trouxe um telegrama cifrado de M para Bond, no qual se lia:

SUPONHO REIVINDICOU TESOURO EM SEU NOME REPRESENTANDO UNIVERSAL EXPORT PONTO
PROSSIGA IMEDIATAMENTE SALVAMENTO PONTO CONTRATEI ADVOGADO DEFENDER DIREITOS
JUNTO TESOURO E MINISTÉRIO COLÔNIAS PONTO ENQUANTO ISSO PARABÉNS PONTO
CONCEDIDA LICENÇA PAIXÃO QUINZE DIAS PONTO FINAL

“Suponho que ele queira dizer ‘compaixão’”, comentou Bond.

Strangways tinha um aspecto solene. “Acho que sim”, respondeu. “Fiz um relatório completo dos danos que você sofreu. E a garota também”, acrescentou.

“Hmm”, disse Bond. “As expressões cifradas geralmente são precisas. Mesmo assim.”

Strangways olhou propositalmente pela janela, reprimindo um sorriso.

“Bem típico da velha raposa, pensar primeiro no ouro”, comentou Bond. “Suponho que ele ache que conseguirá obter o que quer, descobrindo um modo de contornar a redução da verba secreta quando houver nova reunião do Parlamento para avaliá-la. Creio que passa metade de sua vida brigando com o Tesouro. Mesmo assim, está muito errado se pensa que conseguirá.”

“Dei entrada na sua reivindicação na sede do governo, assim que recebi a mensagem”, relatou Strangways. “Mas será difícil. A Coroa virá atrás do tesouro e a América entrará nisso de alguma forma, porque Big Man era cidadão americano. Vai dar pano pra manga.”

Haviam conversado mais um pouco e depois Strangways partira. Bond

caminhara cheio de dores até o jardim, para se sentar um pouco ao sol, sozinho com seus pensamentos.

Recapitulou a série de riscos que correra na sua longa busca por Big Man e pelo tesouro fabuloso, revivendo os episódios em que enfrentara a morte cara a cara.

Agora terminara e ele estava sentado ao sol, entre as flores, com a recompensa aos seus pés e sua mão entre os longos cabelos pretos dela. Agarrou bem aquele instante e pensou nos catorze dias seguintes que lhes pertenceriam.

Ouviram-se um barulho de louça quebrada na cozinha, nos fundos da casa, e o som da voz de Quarrel praguejando contra alguém.

“Pobre Quarrel”, disse Solitaire. “Arranjou a melhor cozinheira do povoado e varreu os mercados atrás de surpresas para nós. Chegou a encontrar caranguejos negros, os primeiros da época. Depois passou a assar o pobrezinho de um leitão ainda mamando e a fazer uma salada de abacate, para terminar com goiabas e manjar de coco. E o Comandante Strangways deixou uma caixa do melhor champanhe da Jamaica. Já estou com água na boca. Mas não se esqueça de que deve ser segredo. Cheguei de surpresa na cozinha e ele quase fez a cozinheira chorar.”

“Virá com a gente na nossa licença paixão”, disse Bond. Contou-lhe sobre o telegrama de M. “Vamos para uma casa sobre estacas, com palmeiras e oito quilômetros de areia dourada. E você terá de cuidar de mim muito bem, porque não poderei fazer amor com um braço só.”

Havia uma sensualidade óbvia no olhar de Solitaire, quando ela o ergueu para ele, sorrindo inocentemente.

“E eu com as minhas costas?”, disse ela.